

JOÃO ADALBERTO CAMPATO JÚNIOR

# RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA: UMA ABORDAGEM RETÓRICA

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO INSTITUTO  
DE BIOCÊNCIAS, LETRAS E CIÊNCIAS EXA-  
TAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO", CÂMPUS DE SÃO  
JOSÉ DO RIO PRETO, PARA A OBTENÇÃO DO  
TÍTULO DE MESTRE EM LETRAS (ÁREA DE  
CONCENTRAÇÃO: LITERATURA BRASILEIRA).

ORIENTADOR: PROF. DR. ROGÉRIO E. CHOCIAIY

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

1997



\*

1910000759





JOÃO ADALBERTO CAMBATO JÚNIOR

*RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAIAS CARVALHO:*  
UMA ABORDAGEM RETÓRICA

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto, para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Concentração: Literatura Brasileira).

Orientador: Prof.Dr.Rogério H.Chociay



759/98

São José do Rio Preto

1997

JOÃO ADALBERTO CAMPATO JÚNIOR

**RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA:  
UMA ABORDAGEM RETÓRICA**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto, para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Concentração: Literatura Brasileira).

Orientador: Prof.Dr.Rogério E.Chociay



759/98

AOS MEUS PAIS

São José do Rio Preto

1997



### AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Rogério E. Chociay, pela competente orientação e pelo incentivo de sempre.

Aos Professores Doutores Carlos Daghlían e Carmen Lúcia Zambon Firmino, pelas valiosas sugestões.

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação e da Biblioteca do Ibilce, pela boa vontade.

A CAPES, pela bolsa de estudos

AOS MEUS PAIS

## ABSTRACT

This is an attempt to show that Lima Barreto's novel *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (Recollections of Isaías Caminha, Scribner) presents rhetorical characteristics of a judiciary speech and to indicate that such characteristics are associated to the writer's militant literature.

Ao Prof. Dr. Rogério E. Chociay, pela competente orientação e pelo incentivo de sempre.

Aos Professores Doutores Carlos Daghlían e Carmen

Lúcia Zambon Firmino, pelas valiosas sugestões.

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação e da

Biblioteca do Ibilce, pela boa vontade.

Key-words: Lima Barreto, Literary Criticism, Persuasion, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, Rhetoric.

## ABSTRACT

This is an attempt to show that Lima Barreto's novel *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (Recollections of Isaías Caminha, Scribner) presents rhetorical characteristics of a judiciary speech and to indicate that such characteristics are associated to the writer's militant literature.

Palavras-chave: Crítica Literária, Lima Barreto, Persuasão, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, Rhetoric.

Key-words: Lima Barreto, Literary Criticism, Persuasion, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, Rhetoric.



## SUMÁRIO

### RESUMO

1 Considerações iniciais..... 1

2 A retórica

Neste estudo, objetivamos demonstrar que o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto, assemelha-se a um discurso retórico do gênero judiciário. Pretendemos, igualmente, indicar que tal característica está associada à literatura militante do escritor.

Isaías Caminha..... 24

3.1 O espírito retórico e a literatura militante de Lima Barreto..... 24

3.2 O discurso retórico de Isaías Caminha..... 29

4 Análise do discurso

Palavras-chave: Crítica Literária, Lima Barreto, Persuasão, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, Retórica.

4.1.1 O orador..... 41

4.1.2 O tema..... 52

4.1.3 A questão..... 53

4.1.4 O auditório..... 62

4.1.5 Gênero do discurso..... 68

4.2 Etapas do discurso..... 81

4.2.1 Invenção..... 81

4.2.2 Disposição..... 115

4.2.3 Elocução..... 128

5 A tarefa retórica de Isaías Caminha à luz da "Breve Notícia"..... 136

6 Considerações finais..... 146

7 Bibliografia..... 151

## SUMÁRIO

|       |                                                                      |     |
|-------|----------------------------------------------------------------------|-----|
| 1     | Considerações iniciais.....                                          | 1   |
| 2     | A retórica.....                                                      | 8   |
| 2.1   | As várias retóricas.....                                             | 8   |
| 2.2   | Retórica e literatura.....                                           | 14  |
| 2.3   | O modelo retórico de análise literária.....                          | 19  |
| 3     | Caracterização retórica do Discurso de<br>Isaías Caminha.....        | 24  |
| 3.1   | O espírito retórico e a literatura<br>militante de Lima Barreto..... | 24  |
| 3.2   | O discurso retórico de Isaías Caminha.....                           | 29  |
| 4     | Análise retórica do discurso de Isaías Caminha.....                  | 40  |
| 4.1   | Estrutura e processo do discurso.....                                | 41  |
| 4.1.1 | O orador.....                                                        | 41  |
| 4.1.2 | O tema.....                                                          | 52  |
| 4.1.3 | A questão.....                                                       | 53  |
| 4.1.4 | O auditório.....                                                     | 62  |
| 4.1.5 | Gênero do discurso.....                                              | 68  |
| 4.2   | Etapas do discurso.....                                              | 81  |
| 4.2.1 | Invenção.....                                                        | 81  |
| 4.2.2 | Disposição.....                                                      | 115 |
| 4.2.3 | Elocução.....                                                        | 128 |
| 5     | A tarefa retórica de Isaías caminha à luz<br>da "Breve Notícia"..... | 136 |
| 6     | Considerações finais.....                                            | 146 |
| 7     | Bibliografia.....                                                    | 151 |



## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

uma vez que, hoje, ela não mais constitui um sistema único. Em seguida, focalizaremos algumas relações que ela mantém

Neste estudo, examinaremos o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto, à luz do modelo retórico de análise literária. No passo seguinte, procuraremos caracterizar como retórico o discurso de Isaías. Para tanto destacaremos que em seu livro *Introdução à Retórica: A Retórica Como Crítica Literária* (1988).

Demonstraremos que o referido romance assemelha-se, em muitos sentidos, a um discurso retórico do gênero judiciário. Evidenciaremos ainda que a escolha, por parte de Lima Barreto, de dar ao livro tal feitiço vai muito ao encontro de sua propalada concepção de literatura militante.

Para alcançar esses objetivos e por questões metodológicas, apenas aplicaremos o modelo de análise ao conjunto formado pelo prefácio de Isaías Caminha e pelos catorze capítulos de suas rememorações, ficando excluída, portanto, a "Breve Notícia", de autoria do "editor" Lima Barreto. Esse recorte fundamenta-se no fato de haver na narrativa duas vozes - a de Isaías Caminha e a de Lima Barreto - responsáveis, conseqüentemente, por dois relatos distintos. Com efeito, somente o de Isaías Caminha será encarado, por razões que cuidaremos de explicitar, como um discurso de índole retórica.

Assim, apresentaremos a partir de agora, em linhas gerais, o roteiro desta dissertação. Primeiro que tudo, faremos um comentário referente ao significado da retórica,





uma vez que, hoje, ela não mais constitui um sistema único. Em seguida, focalizaremos algumas relações que ela mantém com a literatura, o que nos dará oportunidade de descrever o modelo retórico de análise literária.

No passo seguinte, procuraremos caracterizar como retórico o discurso de Isaías. Para tanto destacaremos que nele existem certos requisitos formais que o distinguem como tal.

Depois de assim caracterizá-lo, iniciaremos sua análise propriamente dita, que constará de dois momentos. No primeiro, examinaremos a estrutura e o processo do discurso, o que equivale a dizer que refletiremos sobre o orador, o tema, a questão, o auditório e o gênero oratório. Num segundo momento, ao abordar as etapas do discurso, observaremos a sua invenção, a sua disposição e a sua elocução.

Em seguida, antes das considerações finais, reservaremos um capítulo especial à "Breve Notícia", no qual iremos rever a tarefa retórica de Isaías à luz das informações trazidas pelo "editor" Lima Barreto.

Eis, portanto, resumido o conteúdo do presente trabalho. Cumpre ainda fornecer, para a melhor elucidação de sua natureza, algumas informações adicionais.

As *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* que consideraremos para efeito de análise é aquela que, a partir da segunda edição, ficou configurada definitivamente, ou seja, com a "Breve Notícia", do "editor" Lima Barreto, na



qual se inclui o prefácio de Isaías Caminha. Na sua primeira edição em livro não havia esse prefácio - publicado numa edição anterior na revista *Floreal* - e tampouco a "Breve Notícia", cuja função é a de explicar o porquê da exclusão do prefácio na primeira edição e sua posterior inclusão na segunda.

É importante ressaltar que nos limitaremos, em nossa análise, à situação literária que Varga, em *Rhétorique et Littérature* (1971, p.85), chamou de interna, pela qual apenas se tomam em consideração "as relações inter-humanas representadas no interior de uma obra". Dessa maneira, trabalharemos com um orador e com um auditório fictícios - respectivamente Isaías Caminha e um auditório construído no próprio texto -, e não com um orador e com um auditório reais - o escritor Lima Barreto e os seus leitores de carne e osso -, que configurariam, ainda para ficar com a terminologia de Varga, uma situação literária externa. Ficaremos restritos, portanto, ao campo da ficção ou a um determinado mundo possível. Não obstante, alguns fenômenos pertencentes à situação externa serão debatidos nas considerações finais deste trabalho.

Outro ponto a ser destacado, à guisa de introdução, é o de que faremos uma análise panorâmica do discurso de Isaías, isto é, em vez de nos fixar demoradamente num só item, achamos melhor ilustrar se não todos, pelo menos uma grande parte dos constituintes e das etapas de um discurso



tradicional. Acreditamos que, por essa escolha, tornaremos mais nítida a dimensão retórica das *Recordações*.

No início de cada item que tratar de um ponto particular da retórica, teremos o cuidado de, antes de procurar sua manifestação no discurso de Caminha, descrevê-lo teoricamente tal como é entendido pela tradição aristotélica. Assim, será o procedimento habitual discorrer primeiro sobre a retórica, para só depois tratar de sua relação com a literatura.

É bom advertir também que, embora abordando as *Recordações* da perspectiva retórica, em muitos momentos seremos obrigados a fazer uso de alguns pressupostos da teoria da narrativa. O que não deve causar estranhamento, pois a crítica retórica ainda não ensina satisfatoriamente como estudar, entre outras coisas, por exemplo, a figura do orador numa obra literária. Dessa maneira, para melhor entender o orador Isaías Caminha, vamos nos utilizar do expediente de entender, antes, o narrador Isaías Caminha. Tal envolvimento entre os pressupostos de uma e de outra teoria parece razoável se pensarmos que estamos analisando uma espécie de livro-discurso.

Resta-nos para finalizar a série de notas, dizer algo a respeito da bibliografia sobre a relação entre retórica e literatura. A bem examinar, a maior parte dos tratados de retórica mantém uma proximidade natural com assuntos literários. Existem livros, contudo, em que esse

refletiu-se em suas produções artísticas.

relacionamento está mais nítido ou mesmo constitui o seu objetivo. Sobre essa última categoria recairá nossa atenção.

Até onde tivemos conhecimento, há dois livros cuja finalidade é o estudo dos laços entre retórica e literatura: *Introdução À Retórica: A Retórica Como Crítica Literária* (1988), de Dante Tringali, e *Rhétorique et Littérature* (1970), de A. Kibedi Varga. Tringali procura, de início, "fazer uma exposição da retórica em toda sua latitude", para depois "abstrair da teoria retórica um modelo de análise de texto, em particular, do texto literário" (p.7). Varga, por seu turno, investiga as relações entre retórica e literatura no Classicismo francês. Essas obras apresentam entre si semelhanças e diferenças, de que falaremos a partir de agora.

Os dois autores, antes de focalizar seu vínculo com a literatura, apresentam da retórica um apanhado geral. A diferença é que Varga não se preocupa com a elocução, além de tirar seus preceitos de retores da época clássica.

Tringali dá a entender que o diálogo entre retórica e literatura existe em obras de todos os gêneros literários, independente do período histórico que elas pertençam. Já Varga sugere, no caso já da França, que essa ligação se manifestou com maior vigor no Classicismo, porque a retórica foi, na época, a base de toda a ciência da literatura, e porque os escritores clássicos tiveram uma formação escolar fortemente marcada por ela, a ponto de refleti-la em suas produções artísticas.



Tringali abstrai da teoria um modelo de análise literária, que descreve detalhadamente num capítulo especial. Isso, aliado à reflexão sobre o significado da retórica ao longo do tempo, é a maior virtude de seu livro. Varga apenas deixa entendido o seu modelo, que se restringe à análise da invenção, sobretudo dos lugares-comuns, e da disposição. Apesar de não ter considerado a elocução, ele faz saber que uma abordagem retórica completa não pode desconsiderar a análise estilística. Seja como for, o que mais interessa é o considerável número de textos literários - embora todos pertencentes à época clássica da literatura francesa - de que o estudioso europeu se vale para exemplificar a análise da disposição e da invenção.

Podemos ainda citar, para complemento deste ponto, a tese de doutorado de Carlos Daghlían (1972). Este estudo, em que o autor analisa as técnicas de persuasão empregadas por Melville em *Moby Dick*, pode ser tomado como exemplo concreto de obra literária examinada segundo a retórica aristotélica.

Como se nota, a quantidade de trabalhos, sobretudo livros, que se presta a uma reflexão mais aprofundada acerca dos laços entre retórica e literatura não é dos maiores. Todavia, os estudiosos dessa relação já têm a seu dispor um modelo de análise, o de Tringali, com o qual podem abordar o texto literário do ponto de vista retórico.

Como o modelo, e mesmo a retórica como teoria de base, ainda não alcançam dar resposta a todos os problemas que um exame dessa natureza suscita, é quase impossível ao



crítico não recorrer, para fins de complementação, a outros métodos de abordagem.

Feitas as observações, esperamos que elas possam contribuir, de alguma maneira, para um melhor entendimento da presente dissertação.

Qualquer reflexão que se faça hoje em dia a respeito da retórica deverá levar em conta a seguinte advertência: várias são as retóricas. Com efeito, Dante Tringali, em seu livro *Introdução à Retórica: A Retórica Como Crítica Literária* (1988), chama-nos a atenção para a existência de cinco delas: a Retórica Antiga, a Retórica Clássica, a Retórica das Figuras, a Retórica Nova e a Retórica Semiótica.

Há, entre todas, uma retórica por excelência, que Tringali chama de Antiga e da qual se originam as outras quatro, que são, grosso modo, desenvolvimentos hipertrofiados de algumas de suas partes.

Na opinião do estudioso, a Antiga é a verdadeira retórica, porque cobre todas as etapas da elaboração de um discurso, que são: invenção, disposição, elocução, memória e ação. Como trataremos mais profundamente dela quando examinarmos o texto de Lima Barreto, limitar-nos-emos, neste instante, a fornecer algumas explicações introdutórias a seu respeito, o que nos dará oportunidade de também aludir às outras retóricas.



## 2 A RETÓRICA

### 2.1 AS VÁRIAS RETÓRICAS

Qualquer reflexão que se faça hoje em dia a respeito da retórica deverá levar em conta a seguinte advertência: várias são as retóricas. Com efeito, Dante Tringali, em seu livro *Introdução à Retórica: A Retórica Como Crítica Literária* (1988), chama-nos a atenção para a existência de cinco delas: a Retórica Antiga, a Retórica Clássica, a Retórica das Figuras, a Retórica Nova e a Retórica Semiótica. (1988, p.20), a tarefa de um orador é "persuadir um

Há, entre todas, uma retórica por excelência, que Tringali chama de Antiga e da qual se originam as outras quatro, que são, grosso modo, desenvolvimentos hipertrofiados de algumas de suas partes. Já podemos atinar

Na opinião do estudioso, a Antiga é a verdadeira retórica, porque cobre todas as etapas da elaboração de um discurso, que são: invenção, disposição, elocução, memória e ação. Como trataremos mais profundamente dela quando examinarmos o texto de Lima Barreto, limitar-nos-emos, neste instante, a fornecer algumas explicações introdutórias a seu respeito, o que nos dará oportunidade de também aludir às outras retóricas.



Assim, tendo por base a produção de um discurso, a Retórica Antiga é composta de cinco etapas. A invenção (*Inventio*) é o momento em que o orador se preocupa com o conteúdo do discurso. A disposição (*Dispositio*) é o ordenamento desse conteúdo; já a elocução (*Elocutio*) é a sua expressão lingüística. Há ainda a memória, que consiste em decorar o texto, e, finalmente, a ação, momento em que o discurso é pronunciado. Por razões óbvias, as duas últimas etapas não possuem grande função para efeito de crítica literária.

A finalidade principal da Retórica Antiga é a persuasão. Tringali afirma que, no sentido rigoroso da palavra, não há retórica sem ela. Dessa forma, acrescenta o crítico (1988, p.20), a tarefa de um orador é "persuadir um auditório, através de um discurso, a aceitar o seu ponto de vista, sobre uma questão e rejeitar o ponto de vista contrário".

Dito isso da Retórica Antiga, já podemos atinar com o porquê de ser ela chamada de retórica completa. Completa pois as demais, de uma maneira ou de outra, resumem-se a uma de suas partes. Senão vejamos.

A Retórica Clássica, assim denominada por ter vicejado no classicismo da Renascença, reduz a Retórica Antiga ao campo da elocução. Quanto ao resto, diz Tringali (1988, p.105):

a memória e a ação se descartam sem mais, a invenção e disposição se acomodam aos objetivos da elocução. A in-

venção significa apenas a coleta do material independentemente de que sejam provas ou não. A disposição arranja o material de molde a agradar.

A persuasão, que na Retórica Antiga é fundamental, passa a ser, na Clássica, apenas "um objetivo secundário e eventual" (Tringali, 1988, p.105), pois o que mais conta para essa retórica é escrever e falar bem. No século XIX, a Retórica Clássica dá lugar à estilística, disciplina estudada ainda hoje.

Com a Retórica das Figuras, estamos diante de uma redução da redução. Isso porque ela limita a já reduzida Retórica Clássica às figuras de estilo.

Exemplo marcante de tal concepção encontramos no livro *Les Figures du Style*, de Pierre Fontanier. Sob esse título foram reunidas, em 1966, duas obras do referido estudioso: *Manuel Classique pour L'étude des Tropes*, de 1821, e *Des Figures Autres que Tropes*, de 1827.

A Retórica das Figuras conhece, nos tempos atuais, por conta das pesquisas realizadas pelo grupo  $\mu$ , uma nova manifestação, a Retórica Geral.

Aliás, não é difícil perceber que existe hoje uma tendência muito acentuada de limitar a retórica à elocução ou às figuras de estilo. Pierre Kuentz (1975, p.111) nota que está por se designar retórica

uma disciplina reduzida a uma de suas partes, a elocutio, desarticulada, desconexa, ou mesmo a uma parte desta parte, pois dela só retemos a teoria dos tropos, ela própria centrada, cada vez mais nitidamente, na *metáfora*, figura por excelência, supremo distan-



ciamento.

E segue o estudioso, ainda na mesma página, sublinhando que as outras partes da retórica, como a disposição, a invenção e a memória, parecem "pura e simplesmente arruinadas".

A examinar bem, está muito nessa cultura redutora a explicação do sentido pejorativo que se apossou da retórica, a qual se foi distanciando de sua função utilitária em proveito de uma meramente estética. Para tal retórica, pouco importa o teor persuasivo do discurso, que precisa ser, antes de qualquer coisa, belo.

As palavras de Citelli (1989, p.14-5) ilustram com propriedade o que queremos dizer:

Com o passar dos séculos, a retórica foi tendo alteradas as suas funções. Daquela preocupação com as técnicas organizacionais do discurso e com a persuasão, o que se irá assistir, particularmente no final do século XIX, é a uma vinculação da retórica com a idéia de embelezamento do texto.

À retórica caberia fornecer recursos visando a produzir mecanismos de expressão que tornassem o texto mais bonito. As figuras de linguagem e os torneios de estilo ganharam faixa própria encobrendo, muitas vezes, as insuficiências de idéias. Por isso, ainda hoje, persiste um pouco a visão negativa da retórica como sinônimo de enfeite e vazio de idéias.

No que toca a isso, há críticos que, temendo o desvirtuamento da função das figuras de linguagem, insistem em acentuar sua finalidade persuasiva. Tringali (1988, p.121) propõe distinguir as figuras de estilo das figuras de

Assim, o melhor por fazer é encarar as figuras como um instrumento que, ao mesmo tempo, causa prazer e



retórica. As primeiras servem de ornamento, ao passo que as outras se valem da beleza para persuadir.

Em *La Rhétorique* (1993, p.33), Olivier Reboul pensa nas figuras como um "laço entre o estilo e a argumentação", acentuando que num discurso persuasivo elas não podem ser simples adornos. Para o estudioso, cada figura tem o seu poder particular de persuasão. Essa capacidade está fundamentada no fato de o prazer estético proporcionado por elas conduzir os espíritos à adesão.

Citelli (1989, p.19), igualmente, afirma que as figuras de retórica podem ser empregadas como recursos "para prender a atenção do receptor, naqueles argumentos articulados pelo discurso". Na visão de Perelman & Olbrechts-Tyteca (1992, p.226), as figuras possuem um eminente papel de persuasão, que, desconsiderado, os estudos das figuras não seriam mais do que um "vão passatempo". O efeito de estranhamento que as figuras causam, acredita Fiorin (1994, p.62), levam os ouvintes a "atentar melhor para certos elementos que estão sendo comunicados e aceitar mais facilmente os enunciados". Munido de toda sua autoridade, Quintiliano (1944, p.42, v.2) assevera que o ornato da oração é importante para ganhar a causa que se tem em vista, porque os que ouvem um discurso "quando sentem gosto, dão mais atenção ao que ouvem, e deste modo com mais facilidade se convencem". Assim, o melhor por fazer é encarar as figuras como um instrumento que, ao mesmo tempo, causa prazer e

persuade. Em outras palavras, o já referido laço entre estilo e argumentação.

Dando prosseguimento à história das reduções, deparamos com a Retórica Nova, cujo campo de interesse restringe-se à invenção. A Retórica Nova está desenvolvida no alentado livro *Traité de L'Argumentation: La Nouvelle Rhétorique* (1992), de Chaim Perelman & Lucie Olbrechts-Tyteca, que, de forma geral, estudam os mais variados tipos de argumentos com os quais se chega à persuasão.

Muito embora centrado na invenção, encontramos no livro de Perelman observações úteis e interessantes acerca de outros elementos da retórica, tais como as figuras de estilo, o auditório, o exórdio, a peroração e tantos mais.

Das inúmeras relações entre retórica e semiótica resulta o que Tringali chama de Retórica Semiótica. Nesse intercâmbio de mútuas influências, ocorrem uma semiotização da retórica e uma retorização da semiótica. Sem maiores minúcias, apenas diríamos que nos parece mais instigante o segundo aspecto. Pensamos assim, pois, no caso, a retórica alarga em muito seu campo de atuação e sua influência. Isso porque a semiótica passa a se valer do modelo retórico como técnica de trabalho e, como sabemos, a semiótica é uma disciplina que atua em um grande número de linguagens.

O passarmos rapidamente em resenha todos esses sistemas teve como objetivo alertar sobre a variedade dos significados que o termo retórica pode encerrar. Por consequência, no tratar da retórica, devemos estar cientes



de qual temos em vista, se a Antiga, se a Clássica, se a das Figuras, se a Nova ou se a Semiótica.

A retórica privilegiada por Dante Tringali é a Antiga, sobre a qual se baseia o modelo de análise literária, que brevemente conheceremos, e do qual faremos uso com a finalidade de abordar criticamente o romance de Lima Barreto.

A finalidade última de todo ato de comunicação não é informar, mas é persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Por isso, o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação, com vistas a fazer o enunciário crer naquilo que se transmite.

## 2.2 RETÓRICA E LITERATURA

não há sentido na divisão que se costuma fazer entre discursos argumentativos e não argumentativos, pois, na verdade, todos os discursos têm um componente argumentativo, uma vez que todos visam a persuadir.

A persuasão é elemento marcante nos conceitos de retórica. Mesmo naqueles mais gerais, que parecem perder de vista o ensinamento aristotélico, a persuasão, ainda que não explicitamente declarada, possui uma importância fundamental. É o que ocorre com o de Tereza Lúcia Halliday (1990,p.8): "proponho definir RETÓRICA como o uso da comunicação para definir as coisas da maneira como desejamos que os outros a vejam". A retórica, acrescenta a autora, serve para convencer as pessoas a fazer aquilo que queremos que elas façam ou a entender o que queremos que elas entendam. A comunicação retórica, pois, é uma comunicação persuasiva, em que um interlocutor deseja agir sobre o outro.

Se adotarmos, contudo, as idéias de determinada corrente crítica, deveremos aceitar que a persuasão não é apenas constituinte basilar de uma dita comunicação retórica, mas de toda e qualquer comunicação. O trecho seguinte, de José Luiz Fiorin (1994,p.52), presta-se como modelo de tal pensamento:

A finalidade última de todo ato de comunicação não é informar, mas é persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Por isso, o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vistas a fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite.

E continua o crítico(p.53):

não há sentido na divisão que se costuma fazer entre discursos argumentativos e não argumentativos, pois, na verdade, todos os discursos têm um componente argumentativo, uma vez que todos visam a persuadir.

Levando isso em conta, podemos pensar que toda literatura - por ser um discurso, um ato de comunicação - é persuasiva e, conseqüentemente, retórica.

Nessa ordem de considerações, um relacionamento íntimo entre retórica e literatura é destacado por Dante Tringali(1988,p.23):

A literatura, como arte, não se define pela persuasão que tem nela um papel acidental, mas na prática dificilmente encontraremos um texto não persuasivo. Há sempre uma persuasão clara ou velada. Talvez que, só em aparência, se mostre não persuasivo. Todo texto artístico deixa sempre entrever um certo partidarismo, um certo comprometimento de classe.



O crítico põe em relevo a impossibilidade de uma obra neutra. Todas, segundo ele, persuadem, seja em maior ou menor grau. Até mesmo a chamada arte pela arte conserva o teor persuasivo, pois tenta persuadir que não se deve persuadir. maior parentesco com a literatura, a ponto de se

É possível, aliás, depreender de algumas escolas literárias um projeto persuasivo bem delineado. É o caso - relata-nos Citelli (1989, p.63) - do Naturalismo, cujas narrativas serviam, em última análise, para provar as teses deterministas de seus autores. do epitalâmio, que serve para

O fato de toda a literatura ser de alguma forma persuasiva não nos impede de falar em graus de retoricidade dos textos. Pensamos que existem obras literárias em que a finalidade persuasiva está ostensivamente explícita, ao passo que em outras, só pode ser encontrada à custa de muita abstração.

Barthes, numa das definições de uma "práticas retóricas", acaba por entrar no caminho que estamos percorrendo, e que leva à aproximação entre retórica e literatura. Para o semiólogo (1975, p.148), a retórica pode ser encarada como um "conjunto de regras, de receitas, cuja realização permite convencer o ouvinte do discurso". Ele acrescenta ainda que tal convencimento age sobre o leitor de um livro, de onde concluímos que uma obra literária, em determinadas condições, pode ser vista como um discurso retórico, que, em vez de ouvintes, possui leitores. são, por exemplo, o discurso do Velho do Rastelo e os discursos dos

Tanto é verdade que podemos estabelecer algumas semelhanças entre certos textos literários e os gêneros aristotélicos do discurso. Dante Tringali (1988,p.53) afirma que, dos três gêneros, o laudatório é aquele que guarda o maior parentesco com a literatura, a ponto de se poder considerá-lo "uma ponte entre a literatura e a retórica".

Como manifestação do gênero laudatório nas formas literárias, lembra-se o crítico do poema genetliaco, feito em honra de aniversariantes, do epitalâmio, que serve para elogiar os recém-casados, da sátira e da ode. Mais especificamente com relação aos livros, Tringali cita o *Por que me ufano de meu país*, de Afonso Celso, em que o autor louva o Brasil, e *As cidades e as Serras*, de Eça de Queirós, em que há um enaltecimento do campo em comparação à cidade.

Já com vistas à semelhança entre literatura e gênero judiciário, temos *Os Irmãos Karamazov*, em cujo desenrolar processa-se um julgamento formal, com defesa e acusação. Vale dizer que os textos parentes do gênero judiciário são inúmeros na literatura, tal como mostra Varga (1971,p.87), citando vários casos de tragédias clássicas francesas, nas quais existem "situações de processo".

Análogo ao gênero político, Tringali menciona o caso de *Os Lusíadas*. Este épico é assim considerado pois nele avultam os conselhos, essência do gênero. Lá estão, por exemplo, o discurso do Velho do Restelo e os discursos dos



deuses no Olimpo e no palácio de Netuno. Todavia, devemos considerar que coexiste uma faceta visivelmente laudatória no texto.

Esse último ponto consiste na inexistência de discursos puros; quer dizer, é difícil, por exemplo, encontrar um texto somente judiciário. Nesse sentido, devemos atentar para o fenômeno da mistura dos gêneros e ter sensibilidade suficiente para discernir qual deles é, em cada caso, o predominante. Em tempo próprio, esse tema voltará a ocupar o centro de nossa atenção, embora de uma maneira mais concreta, porquanto teremos como referente as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

É evidente que as relações entre retórica e literatura não terminam por aí. Faltaria falar dos lugares da retórica que ganharam vida própria na literatura; ou falar que achamos na retórica a origem da prosa artística; ou ainda que na retórica de Aristóteles encontram-se preliminares de uma teoria da narrativa; ou talvez acentuar que um grande número de manuais de retórica ilustra seus preceitos por meio de exemplos retirados da literatura. Mas isso seria estender demais um ponto que tem intenção de ser introdutório e que objetiva realçar a pertinência de um modelo de análise que permite abordar a obra literária de um ponto de vista muito particular, o retórico.

É bom que fique esclarecido que, embora dando como paradigma o modelo integral, isso não significa que ele



### 2.3 O MODELO RETÓRICO DE ANÁLISE LITERÁRIA

O modelo retórico de análise literária, proposto por Tringali, é inspirado na Retórica Antiga. Empregá-lo, portanto, no exame de um poema, de um conto ou de um romance, revelará o que o texto possui de persuasivo.

Essa teoria pode ser utilizada tanto como meio de abordagem principal, quanto como recurso apenas complementar. De toda forma, a retórica, consoante acentuam Maria M.T.Gonçalves et al (1984,p.7), "revela-se extremamente frutífera como instrumento de penetração crítica no texto literário".

Na apresentação do modelo, seremos conduzidos muito mais por um intuito descritivo do que analítico, pois apenas indicaremos as etapas que o compõem, não nos preocupando em aprofundamentos a seu respeito. Achamos conveniente proceder dessa maneira, uma vez que pormenores explicativos terão espaço no momento em que examinarmos as Recordações.

O modelo retórico de análise, vale notar, é composto por um grande número de fases; o que se explica por ele pretender abarcar as etapas todas da produção de um discurso, exceção feita à memória e à ação.

É bom que fique esclarecido que, embora dando como paradigma o modelo integral, isso não significa que ele





deva ser seguido à risca, respeitando-se todos os seus passos ou mesmo a sua ordem de apresentação. Pelo contrário, o analista deverá usá-lo tendo em vista a natureza e grau de retoricidade de seu texto.

Levando em conta tais observações, quem se servir do modelo retórico deverá atentar para os seguintes pontos:

1) TEMA: Deve-se, antes de tudo, identificar o tema central do texto. político ou ao laudatório.

2) QUESTÃO:

É precisamente o que se discute sobre o tema. Momento em que se examinam os pontos de vista contrários levantados pelo tema.

3) TESE E HIPÓTESE: Neste item, procura-se identificar se a questão é posta em termos gerais e abstratos ou em termos particulares e concretos.

4) ESTADO DA QUESTÃO:

No estado da questão, discute-se a existência do fato, bem como sua definição e qualificação. Por meio deste item, sabemos qual a opinião do orador em relação à questão debatida.

5) PROPOSIÇÃO:

Resume-se numa única sentença o que o orador pretende provar.

6) DISCURSO PERSUASIVO:

14) LUGARES:

Avalia-se, neste ponto, a força persuasiva do texto, bem como o tipo de persuasão aí empregada: se racional ou emotiva.

#### 7) AUDITÓRIO:

Estuda-se o auditório a que se destina o discurso.

#### 8) GÊNERO DO DISCURSO:

Identifica-se a que gênero pertence o discurso: se ao judiciário, ao político ou ao laudatório.

#### 9) INVENÇÃO:

Em geral, neste item, são catalogadas as provas que o orador conseguiu reunir a fim de patentear sua proposição.

#### 10) PROVAS EXTRÍNSECAS:

Examinam-se as provas que não dependem dos recursos da técnica retórica.

#### 11) PROVAS INTRÍNSECAS:

Examinam-se as provas que são dependentes da técnica retórica.

#### 12) PROVAS INTRÍNSECAS - PSICOLÓGICAS:

Análise das provas éticas, ligadas à imagem do orador, e das provas patéticas, isto é, daquelas que procuram agir nas paixões do auditório, sempre com finalidade persuasiva.

#### 13) PROVAS INTRÍNSECAS - LÓGICAS:

Exame dos exemplos e silogismos usados com intuito persuasivo.

#### 14) LUGARES:

Exame dos exemplos e silogismos usados com intuito persuasivo.



Exame dos tipos de lugares (topoi) encontrados no texto.

15) CONCLUSÃO:

Reflete-se sobre a conclusão a que se chega, tendo em vista o texto analisado.

16) DISPOSIÇÃO:

Comentário a respeito de como se ordenam as partes do discurso.

17) ELOCUÇÃO:

Neste momento, o texto é submetido a uma análise estilística e gramatical, nunca perdendo de vista seu objetivo persuasivo.

18) FIGURAS:

Estudo do significado das figuras de linguagem que aparecem no texto, sempre atentando para a possibilidade de haver, entre elas, alguma predominante.

19) RETÓRICA SEMIÓTICA:

Estudam-se as possíveis relações entre autor e leitor, entre autor e personagens, etc.

20) IDEOLOGIA

Consideram-se a ideologia, a filosofia, a visão de mundo, que o texto, velada ou explicitamente, encerra.

Eis conhecido o modelo retórico de análise literária. Sobre ele, encarado na sua totalidade, temos certas observações por fazer. Ao que nos parece, talvez fosse melhor que algumas de suas etapas, no lugar de

individualizadas, estivessem reunidas sob uma mesma rubrica. Por exemplo, na invenção, poderiam constar o estudo completo das provas , tanto das extrínsecas, como das intrínsecas (psicológicas e lógicas), e também o estudo dos lugares.

Igualmente, não vemos maiores problemas em relacionar o estudo das figuras com aquele da elocução. O que queremos dizer é que é melhor partir de um modelo o mais sintético possível, e só depois, mediante as particularidades e as exigências de cada texto, recorrer a um desmembramento minucioso.

Essa atitude de alma caracteriza-se, em primeiro lugar, por uma tendência de discutir os mais diversos assuntos. Ao sujeito dotado do espírito retórico agrada encontrar questões que possam gerar o debate, preferencialmente daquela espécie em que se envolvem dois partidos, cada qual defendendo sua opinião, contestando a do outro, e tentando persuadir a parte que se lhe opõe.

Tal gosto pela discussão está evidente em Lima Barreto, haja vista os seus artigos para a imprensa, nos quais é possível perceber a figura do debatedor, do sujeito que não abdica de opinar sobre qualquer assunto, buscando sempre convencer o leitor da razoabilidade do seu pensamento e da inviabilidade do ponto de vista contrário.

Por conta do espírito retórico, a relação dos assuntos tratados por Lima Barreto, durante sua atividade jornalística, é extensa: a questão racial, o feminismo, a burocracia, a República, o futebol, a modernização do Rio de



### **3 CARACTERIZAÇÃO RETÓRICA DO DISCURSO DE ISAÍAS CAMINHA**

#### **3.1 O ESPÍRITO RETÓRICO E A LITERATURA MILITANTE DE LIMA BARRETO**

Começemos por dizer que Lima Barreto possui, de maneira acentuada, o que Dante Tringali (1988,p.194) chama de espírito retórico.

Esse estado de alma caracteriza-se, em primeiro lugar, por uma tendência de discutir os mais diversos assuntos. Ao sujeito dotado do espírito retórico agrada encontrar questões que possam gerar o debate, preferencialmente daquela espécie em que se envolvem dois partidos, cada qual defendendo sua opinião, contestando a do outro, e tentando persuadir a parte que se lhe opõe.

Tal gosto pela discussão está evidente em Lima Barreto, haja vista os seus artigos para a imprensa, nos quais é possível perceber a figura do debatedor, do sujeito que não abdica de opinar sobre qualquer assunto, buscando sempre convencer o leitor da razoabilidade do seu pensamento e da inviabilidade do ponto de vista contrário.

Por conta do espírito retórico, a relação dos assuntos tratados por Lima Barreto, durante sua atividade jornalística, é extensa: a questão racial, o feminismo, a burocracia, a República, o futebol, a modernização do Rio de

Janeiro, a política, os sistemas filosóficos, o ensino superior, a mania dos brasileiros pelos títulos acadêmicos, a religião, a ciência, a economia, a literatura e literatos, a língua portuguesa, entre muitos outros. Sobre cada um deles o escritor não deixava de dar seu parecer, ainda que fosse de maneira superficial.

Outra propriedade do indivíduo dotado de espírito retórico é a inclinação para encontrar em todo assunto um ponto de vista discordante da norma, não se importando de ser, por isso, freqüentemente contestado. Pelo contrário, a polêmica lhe é propícia, uma vez que favorece o diálogo. Eis como o modo de pensar de Lima Barreto (1956h,p.43) enquadra-se nessa condição:

Se nós tivéssemos sempre a opinião da maioria, estaríamos ainda no Cro-Magnon e não teríamos saído das cavernas.

O que é preciso, portanto, é que cada qual respeite a opinião de qualquer, para que desse choque surja o esclarecimento do nosso destino, para própria felicidade da espécie humana.

O espírito retórico de Lima Barreto também está visível a outros críticos. Nicolau Sevcenko (1989,p.126), por exemplo, traçando um paralelo entre Lima Barreto e Euclides da Cunha, identifica em ambos "um mesmo empenho de debate, análise e combate de questões".

Aliás, como fatalmente se deduz, a tão citada militância de Lima Barreto, que o termo "combate" nos trouxe à memória, é manifestação do seu espírito retórico. Para o



autor de Policarpo Quaresma, espírito retórico e literatura militante são, como é de costume dizer, faces de uma mesma moeda.

Referente a isso, outro não é o pensamento de Antônio Houaiss(1956j,p.9), que no prefácio ao *Vida Urbana*, de Lima Barreto, deixou esclarecido o seguinte:

O uso eficaz do instrumento da linguagem - necessidade e finalidade da linguagem - esteve sempre presente em Afonso Henriques de Lima Barreto, a partir do momento - muito cedo manifestado em sua vida - em que decidiu dedicar-se à literatura.

Literatura não era para ele apenas "expressão", mas sobretudo "comunicação", e comunicação militante - "militante" é a palavra que ele mesmo emprega - em que o autor se engaja, tão ostensivamente quanto possível, com suas palavras e o que elas transportam, a mover, demover, comover, remover e promover.

O objetivo da literatura militante de Lima Barreto é, como o crítico deixou assinalado, "mover, demover, comover, remover e promover". Assim, impossível não relacionar esses elementos aos três grandes caminhos da persuasão retórica, que são justamente o convencer, o comover e o agradar.

A falar verdade, não precisamos recorrer à autoridade de um estudioso para estabelecer o parentesco entre a literatura militante de Lima Barreto e a retórica. O próprio escritor (1956g,p.164) o demonstra de maneira inequívoca, numa passagem em que compara o livro a uma tribuna:

No nosso tempo de literatura militante, ativa, em que o



palco e o livro são tribunas para as discussões mais amplas de tudo o que interessa o destino da humanidade, Portugal manda para aqui, com grande sucesso, o Senhor Júlio Dantas e o Senhor Antero de Figueiredo, dous inócuos fazedores de frases bimbalhantes.

Todavia, chamar a opinião da crítica não é sem motivo, pois pensamos que quanto melhor caracterizarmos a relação entre sua literatura militante e a retórica, mais bem justificada estará a abordagem eleita para o exame das *Recordações*.

É com tal pensamento que citaremos alguns críticos que apontam para esse aspecto. Para começar, Olívio Montenegro (1956,p.12): "Fazendo obras de ficção Lima Barreto não faz menos obra de combate, e com o mais pessoal espírito de combate". O mesmo Olívio Montenegro, três páginas adiante, afirma que Lima Barreto quer transformar o romance em "instrumento de ação". Para Régis de Moraes(1983), Lima Barreto fez da literatura um "apostolado"(p.30) e um "expediente de ação"(p.59). Osman Lins(1976,p.18), por seu turno, vê na escrita do autor de *Clara dos Anjos* "uma função mais utilitária que lúdica". Massaud Moisés(1985,p.200) assevera que Lima Barreto "queria-se escritor militante, capaz de agir sobre as consciências adormecidas de seu meio". Já na visão de Eugénio Gomes (1969,p.204), o escritor procurava "converter a literatura numa verdadeira arma de combate". Nicolau Sevcenko(1989,p.127), para terminar com o desfile dos críticos, ainda comparando Euclides da Cunha a Lima Barreto,



afirma que ambos "procuravam carregar ao máximo as suas obras de conteúdo histórico, num esforço de vê-las compartilhar assim, influenciando e deixando-se influir, do destino da comunidade a que se ligavam conscientemente".

Enfim, literatura militante, para Lima Barreto (1956g,p.76), é uma literatura "cheia de preocupações políticas, morais e sociais"; completamente oposta a uma atividade artística que privilegia o culto do dicionário ou que se limita a descrever temas banais e fúteis, de nenhum interesse verdadeiramente humano. Literatura é, para ele, uma forma de ação, de intervir, de convencer, de onde toda sua retoricidade.

Cabe esclarecer, por oportuno, que a feição anti-retórica, que boa parte dos críticos lista como marca da obra de Lima Barreto, não tem nada a ver com a retórica de que vimos falando. Facilmente se percebe que tais estudiosos, nesse particular, referem-se à retórica como sinônimo de discurso empolado, de linguagem ao mesmo tempo rebuscada e sem conteúdo, de palavreado vazio. Dessa maneira, quando afirmamos ser Lima Barreto um escritor de espírito retórico, queremos acentuar que ele procura, por meio do debate que a sua literatura promove, persuadir os leitores, agindo sobre seu comportamento e modo de pensar. Provam-no as próprias palavras do escritor (1956g,p.62):

mais do que nenhuma outra arte, mais fortemente possuindo essa capacidade de sugerir em nós o sentimento que agitou o autor ou que ele simplesmente descreve, a arte

literária se apresenta como um verdadeiro poder de contágio que a faz facilmente passar de simples capricho individual, para traço de união, em força de ligação entre os homens, sendo capaz, portanto, de concorrer para o estabelecimento de uma harmonia entre eles, orientada para um ideal imenso em que se soldem as almas, aparentemente mais diferentes, reveladas, porém, por ela, como semelhantes no sofrimento da imensa dor de serem humanos.

Situadas que estão a ocorrência e a importância do espírito retórico em Lima Barreto, voltemos os olhos para as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Esta obra possui um elavadiíssimo grau de retoricidade: é como se Lima Barreto projetasse sobre o narrador, Isaías Caminha, toda a força de seu espírito retórico, a ponto de a narrativa assemelhar-se a um discurso, e Caminha, a um orador. Essa retoricidade, em escala tão elevada, encoraja-nos a aplicar ao romance o modelo retórico de análise literária.

Nesse sentido, e como pré-requisito para a análise, vamos tentar caracterizar as memórias de Isaías Caminha como um discurso de natureza essencialmente retórica.

Esquematizado nesses termos o romance, talvez seja difícil de atinar com o porquê de caracterizá-lo como um discurso retórico. Assim, para cumprir com os objetivos que

### 3.2 O DISCURSO RETÓRICO DE ISAÍAS CAMINHA

temos em mira, é preciso um comentário sobre sua enunciação.

Em primeiro lugar, o romance é narrado na primeira pessoa, isto é, Isaías conta-nos alguns acontecimentos importantes

*Recordações do Escrivão Isaías Caminha* é a história de um jovem interiorano e mulato, que decide, após o sucesso escolar da infância, dirigir-se para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida e de trabalho.



Janeiro com o fito de tornar-se doutor, e resgatar com seu exemplo os negros e os mulatos de uma posição social desvantajosa. Na cidade grande, ele depara com uma série de dificuldades, sobretudo o preconceito racial, que acaba por desviá-lo de seu projeto. Diante de necessidades materiais, vê-se obrigado a aceitar o emprego de contínuo da redação de um importante Jornal, *O Globo*, oportunidade em que trava contato com o funcionamento da grande imprensa. Por obra do acaso - pois flagra o diretor do jornal num bordel, tornando-se, a partir daí, seu protegido -, é promovido ao cargo de repórter. Contudo, no final do romance, fazendo um balanço de sua vida, culpa-se por não ter tirado o melhor de si e por ter abandonado o projeto inicial de vencer na vida à custa do estudo. Amargurado, abandona a cidade e o emprego, retirando-se para uma pequena localidade do interior do Espírito Santo, onde passa a exercer o humilde ofício de escrivão de coletoria.

Esquematizado nesses termos o romance, talvez seja difícil de atinar com o porquê de caracterizá-lo como um discurso retórico. Assim, para cumprir com os objetivos que temos em mira, é preciso um comentário sobre sua enunciação. Em primeiro lugar, o romance é narrado na primeira pessoa, isto é, Isaías conta-nos alguns acontecimentos importantes de sua vida. Esse contar tem um propósito: ele quer provar, com seu exemplo, que o fracasso dos mulatos, que na infância obtêm certo sucesso, deve-se à sociedade e não a fatores intrínsecos a eles.

Sua proposta encontra-se desenvolvida no prefácio que ele próprio escreveu ao livro. O prefácio, por sua vez, está encaixado num outro prefácio, a "Breve Notícia", escrito por um tal Lima Barreto, que se diz amigo de Isaías Caminha e editor de suas *Recordações*.

Na "Breve Notícia", datada de 1916, primeiramente, Lima Barreto - para nós uma personagem de ficção -, relata os acontecimentos que envolveram a publicação das *Recordações*; depois, transcreve o prefácio de Isaías, de 1905, para, finalmente então, revelar que Isaías, dez anos decorridos da composição do livro, deixou de ser escrivão para se dedicar à política. Informa-nos ainda, algo irritado, que o amigo não se importa mais com o livro, pois tomou outro rumo na vida.

Pelo exposto, nota-se que as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, tal qual conhecemos hoje, é um conjunto composto das lembranças de Isaías (catorze capítulos) e da "Breve Notícia", de Lima Barreto, na qual se inclui o prefácio do memorialista. Deve ficar claro, porém, que somente vamos submeter ao modelo de análise retórica o relato de Isaías, acrescido de seu correspondente prefácio, pois eles constituem, na nossa opinião, uma espécie de discurso retórico.

Segundo Tringali (1988,p.19), o discurso retórico compreende ou supõe os seguintes elementos: um orador e uma audiência, um discurso contrário com o qual produza um diálogo de finalidade persuasiva, e uma questão dialética.





Trazendo isso para o campo da literatura, analisemos até que medida eles estão presentes no discurso de Isaías Caminha, caracterizando-o como retórico.

A existência de um orador e de um auditório será alvo de exame no capítulo seguinte, ao tratarmos da estrutura e do processo do discurso retórico. Adiantemos, somente, que o discurso em estudo cumpre com o requisito, visto que está bem distinto o fato de o narrador/orador Isaías Caminha dirigir-se a seus leitores/auditório, como se estivesse realizando um pronunciamento diante de jurados.

Quanto à persuasão, o discurso retórico especifica-se justamente por esse aspecto. Persuade-se alguém convencendo, comovendo ou agradando. Na origem do discurso de Isaías, é possível identificar um intuito dessa espécie: ele quer fazer crer a seu auditório que a causa do fracasso dos mulatos encontra-se na sociedade, e não na sua natureza. Eis o que diz logo no prefácio (p.42):

resolvi narrar trechos de minha vida, sem reservas nem perífrases, para de algum modo mostrar ao tal autor do artigo, que, sendo verdadeiras as suas observações, a sentença geral que tirava, não estava em nós, na nossa carne e nosso sangue, mas fora de nós, na sociedade que nos cercava, as causas de tão feios fins de tão belos começos.

O artigo de revista a que Isaías se refere é, na verdade, o provocador de suas lembranças. Ele o lê quando ocupa o posto de escrivão de coletoria, no interior do

Espírito Santo. O articulista, segundo as palavras de Caminha (p.40),

fazia multiplicadas considerações desfavoráveis à natureza da inteligência das pessoas do meu nascimento, notando a sua brilhante pujança nas primeiras idades, desmentida mais tarde, na madureza, com a fraqueza dos produtos, quando os havia, ou em regra geral, pela ausência deles.

Aliás, esse trecho também contribui para a caracterização retórica do discurso, na medida em que se reporta à existência de um discurso anterior (o artigo de revista), para o qual as Recordações valem como resposta. Com Tringali (1988, p.54), o que queremos dizer fica mais claro:

O discurso retórico por ser dialético sempre pede um discurso contrário. Todo discurso ou pressupõe um discurso anterior ou prevê um discurso posterior. Teoricamente não deveria haver nenhum discurso sem resposta.

Isaias Caminha com as suas memórias acaba estabelecendo um debate, no qual se confrontam, para usar um termo caro à retórica, dois partidos contrários:

Li-o [o artigo] a primeira vez com ódio, tive desejos de rasgar as páginas e escrever algumas verrinas contra o autor.

Considerarei melhor e vi que verrinas nada adiantam, não destrõem; se, acaso, conseguem afugentar, magoar o adversário, os argumentos deste ficam vivos, de pé.

O melhor, pensei, seria opor argumentos a argumentos, pois se uns não destruíssem os outros, ficariam ambos face a face, à mão de adeptos de um e de outro partido (p.40-1).



A presença do outro partido, para Brayner (1979,p.174), é uma constante no texto de Isaías:

A presença de um possível interlocutor que argumentasse e se contrapusesse às conclusões [de Isaías Caminha] é implicitamente suposta, determinando do interior do discurso, seu estilo, tonalidade e retórica.

Para resposta, é preciso desenvolver um pouco o tema. Aristóteles dividiu o conhecimento humano em três áreas: uma área de conhecimentos científicos, a analítica, uma área de conhecimentos falsos, a sofística, e uma área de conhecimentos prováveis, a dialética. Apenas as questões dialéticas importam para a retórica. Retomando agora um fio perdido com nossos últimos comentários, continuemos a acentuar o caráter persuasivo do discurso de Isaías. Com efeito, ele, ao dizer que o melhor seria "opor argumentos a argumentos", aponta inquestionavelmente para a feição persuasiva de sua atividade literária, feição que não se cansa de proclamar, em outras oportunidades, como a da página 120:

Com elas [as Recordações], queria modificar a opinião dos meus concidadãos, obrigá-los a pensar de outro modo, a não se encherem de hostilidade e má vontade quando encontrarem na vida um rapaz como eu e com os desejos que tinha há dez anos passados.

Eis como são sintomáticas do intuito persuasivo que perpassa todo o texto expressões tais que: "queria modificar a opinião" ou "obrigá-los a pensar de outro modo".

O caráter persuasivo das Recordações é posto em realce, entre os críticos de Lima Barreto, por Louzada Filho (1980a,p.107), que vê na personagem principal do romance a proposta de "comprovar, através da sinceridade da revolta, que não é inferior como o supõem os bacharéis brancos"; ou

por Carlos Fantinati (1978, p. 115), que chama a mensagem de Isaías de suasória.

Isso colocado, passemos a outra marca específica do discurso retórico: uma questão dialética ocupando o centro do debate. Mas o que é uma questão dialética ?

Para resposta, é preciso desenvolver um pouco o tema. Aristóteles dividiu o conhecimento humano em três áreas: uma área de conhecimentos científicos, a analítica, uma área de conhecimentos falsos, a sofística, e uma área de conhecimentos prováveis, a dialética. Apenas as questões dialéticas importam para a retórica.

A analítica é uma disciplina que trata dos raciocínios científicos. Por intermédio deles chega-se à certeza. Assim, quando falamos de raciocínios analíticos, reportamo-nos ao mundo da ciência. A sofística cuida dos raciocínios sofisticos, por cujo meio chega-se a conhecimentos falsos, mas que têm aparência de verdade. A dialética, por sua vez, é a lógica do provável. Como nos explica Abbagnano (1982, p. 253), para Aristóteles, a dialética é simplesmente o processo "racional não demonstrativo", isto é, as premissas com as quais se chega à conclusão não precisam ser, como na demonstração, verdadeiras ou evidentes, mas prováveis ou geralmente admitidas. Embora com a ciência se chegue à certeza, há questões para as quais ela não fornece, ou pelo menos ainda não conseguiu fornecer, resposta satisfatória. Nesses casos, procuramos a alternativa que nos parece a mais razoável,



que, se não conduz à verdade, conduz à opinião. E é justamente esse o mundo da retórica, o das opiniões.

Traçando um paralelo entre a analítica e a dialética, Tringali (1988, p.26) informa:

Os raciocínios dialéticos, em vez da verdade oferecem probabilidades ou crenças, isto é, opiniões gerais. Em vez da evidência intrínseca do juízo se apóiam na autoridade da crença da maioria dos homens ou na maioria dos entendidos. Em vez de certeza, engendram o estado de espírito que se chama opinião ou probabilidade em que o entendimento se inclina para um dos lados da alternativa, mas tem receio que a outra alternativa possa ser mais provável

E, ainda na mesma página, conclui o crítico:

Portanto, toda vez que diante de uma dúvida, não possamos chegar à certeza (à ciência) mas a probabilidades, estamos diante de uma questão dialética, objeto do discurso retórico.

Não é difícil imaginar o porquê de pertencer a retórica ao mundo da opinião e não ao da certeza: quando se está diante da certeza, não se estabelecem partidos contrários, não havendo lugar para o debate e, conseqüentemente, para a persuasão. Ao contrário, quando se lida com a opinião, por ser ela provável e não evidente, a persuasão desempenha um papel fundamental. Isso acontece porque temos necessidade de provar que o nosso ponto de vista é o mais razoável. Pela persuasão queremos dar um efeito de verdade às nossas opiniões.

Estudando o discurso de Isaías, entendemos que a questão aí debatida é dialética. Em linhas gerais,



consoante veremos adiante, o tema do discurso é a questão racial, ou melhor, a existência ou não de raças superiores umas às outras.

O partido do articulista deixa entendido que a raça negra é intrinsecamente inferior à branca. Aliás, a teoria racista esteve bastante em voga no final do século passado e no começo do atual, sendo apoiada por parte do pensamento científico da época. O assunto mereceu de Lima Barreto variadas alusões, sobretudo nos seus artigos para os periódicos cariocas. Eis o que o romancista escreve num deles, posteriormente incluído em *Feiras e Mafuás* (p.191):

Esses senhores que edificam essas teorias de irremediável desigualdade de raças são tenazes e ferrenhos em remover todas as diferenças desta ou daquela natureza que possam separar o homem do macaco; mas, em compensação, são também tenazes e ferrenhos em acumular antagonismos entre os brancos e os negros. Às vezes mesmo, fazem enormes esforços para justificar, em teorias sociais, ódios de grupos humanos contra outros que, entretanto, tem diversa origem....

Ou mais claramente ainda no seu *Diário Íntimo* (p.110):

Vai se estendendo, pelo mundo, a noção de que há umas certas raças superiores e umas outras inferiores, e que essa inferioridade, longe de ser transitória, é eterna e intrínseca à própria estrutura da raça.

Lima Barreto, na mesma obra (p.111), contesta tais noções, explicando sua propagação, pelo menos em terras brasileiras, em função de nossa covardia intelectual ante a Europa:



E assim a coisa vai se espalhando, graças à fraqueza da crítica das pessoas interessadas, e mais do que à fraqueza, à covardia intelectual de que estamos apossados em face dos grandes nomes da Europa. Urge ver o perigo dessas idéias, para a nossa felicidade individual e para nossa dignidade superior de homens.

Para Lima (1956d,p.111), as afirmações racistas eram desprovidas de qualquer base séria, merecendo por isso escárnio: "É satisfação para minh'alma poder oferecer contestação, atirar sarcasmos à soberbia de tais sentenças, que me fazem sofrer desde os quatorze anos".

Como Lima Barreto, Isaías Caminha contesta as teorias racistas: quer mostrar que a causa do fracasso dos mulatos, como ele, não está no sangue, mas no exterior. Ou como coloca Lins (1976,p.34): "seriam causas de natureza social, e não psicológica, atávica ou antropológica".

Bem feitas as contas, o auditório tem diante de si uma questão dialética, pois lhe são oferecidas, sobre o assunto, duas opiniões, daí a possibilidade de gerar o debate, daí o domínio que Isaías deve possuir da retórica.

Tanto o discurso de Isaías quanto o do seu adversário encontram-se no mundo da opinião, na esfera da não-certeza; logo são dialéticos. Se a superioridade de uma raça sobre as outras fosse evidente, o debate a que assistimos nem teria nascido. Isaías tem uma opinião sobre o assunto, o articulista possui outra completamente diferente. A abertura que o tema proporciona, por não se tratar de uma evidência, instiga o debate e a persuasão. O

auditório, ao ficar diante de duas alternativas, deve escolher uma delas, estando a escolha condicionada ao seu estado de persuasão.

Essa questão é dialética, vale notar, tanto na esfera da realidade quanto da ficção. Atestam-no a polêmica engendrada por Lima Barreto nos jornais e o discurso da personagem Isaías Caminha.

Dito isso, esperamos ter mostrado que o discurso de Isaías pode se enquadrar na categoria de retórico, pois é persuasivo e trata de uma questão dialética, sem contar o fato de constituir uma resposta a um discurso anterior. Além do que, contribui para essa caracterização a postura de Caminha, que está sempre pondo às claras o valor do debate e a importância de discutir. Para ele, melhor do que verrinas contra o adversário é "opor argumentos a argumentos".

Insistimos no enquadramento retórico do discurso de Isaías Caminha porque desejávamos justificar a idéia de submeter o texto de Lima Barreto ao modelo retórico de análise literária. Tarefa, ao que tudo indica, realizada, acreditamos que já é possível passar a esse ponto, capítulo essencial do nosso estudo.

Na parte dedicada às etapas do discurso, iniciaremos com o estudo da invenção, reparando nas provas lógicas e nas psicológicas. Não será nosso objetivo uma distinção





#### 4 ANÁLISE RETÓRICA DO DISCURSO DE ISAIÁS CAMINHA

O modelo retórico de Tringali não precisa ser seguido à risca e tampouco aplicado de maneira integral. É possível, de acordo com os objetivos de cada estudo, realizar a análise de um texto, apenas levando em conta alguns aspectos de sua retoricidade.

Assim, devemos especificar o uso que faremos do referido modelo, atentando para os estágios que nos serão mais úteis e para aqueles que poderemos deixar de lado.

Antes, é preciso ficar assente que dividiremos o exame retórico do discurso de Isaías em dois momentos: no primeiro, focalizaremos a estrutura e processo do discurso; e, no segundo, fixar-nos-emos em suas etapas.

Na parte destinada à estrutura e processo do discurso, incluiremos, em virtude de sua importância para a comunicação retórica, um estudo específico sobre o orador, etapa que não consta do modelo de Tringali. Depois, analisaremos o tema; em seguida, a questão. Neste item, incluiremos a discussão a respeito da tese e hipótese, dos estados da questão e da proposição, elementos tratados individualmente no modelo. Por fim, abordaremos o gênero do discurso.

Na parte dedicada às etapas do discurso, iniciaremos com o estudo da invenção, reparando nas provas lógicas e nas psicológicas. Não será nosso objetivo uma distinção



entre provas extrínsecas e intrínsecas. Posteriormente, examinaremos a disposição e a elocução.

Diferente do que aconselha o modelo retórico, não faremos um estudo específico e sistematizado dos lugares que aparecem no discurso de Caminha; tampouco iremos elencar as principais figuras de retórica aí presentes. Iremos, isto sim, tratar em específico de uma figura, mas durante a elocução.

#### 4.1 ESTRUTURA E PROCESSO DO DISCURSO

##### 4.1.1 O ORADOR

O discurso retórico, como qualquer outro ato de comunicação, pressupõe três elementos basilares: o emissor, a mensagem e o receptor. Para o momento, vamos nos limitar ao primeiro deles.

O orador é o responsável pela emissão do discurso persuasivo (mensagem). É ele quem vai procurar determinar a opinião do auditório, receptor ao qual a sua mensagem foi endereçada.

O status do orador na Retórica Antiga é bastante elevado, sinal disso é o espaço que seu estudo recebe na Pelo menos é o que interpretamos de suas palavras (p.42):





Arte Retórica(1959) de Aristóteles. Com efeito, pode-se dizer, com Barthes(1975,p.156), que o livro primeiro da retórica do filósofo grego é essencialmente o do emissor da mensagem, uma vez que aí se trata "da concepção dos argumentos, na medida em que eles dependem do orador, de sua adaptação ao público". Nesse primeiro livro, o orador encontra as fontes de onde pode extrair os argumentos para aconselhar e desaconselhar, no caso do discurso político, para louvar e censurar, no caso do discurso epidítico, e para defender e acusar, no caso do discurso judiciário.

De acordo com Tringali(1988,p.10), apenas "merece o nome de orador quem se empenha em persuadir". Orador, para Perelman (1992,p.9), é aquele que apresenta a argumentação, isto é, o discurso. Tendo por referência essas observações, não temos maiores dúvidas em classificar Isaías Caminha de orador. O intuito persuasivo, como apresentamos no capítulo precedente, é a razão por que Caminha decide transformar em livro as recordações de sua atribulada vida. Ele tem a intenção de provar, com seu exemplo, que os negros, ou de maneira mais precisa os mulatos, não são intrinsecamente inferiores aos brancos, pois se aqueles não alcançam o sucesso desejado, é porque a sociedade lhes impõe uma série de barreiras, impedindo seu desenvolvimento.

Dessa forma, Isaías parece estar mais preocupado com uma possível função persuasivo-utilitária de sua obra do que propriamente com seu reconhecimento e valor literários. Pelo menos é o que interpretamos de suas palavras(p.42):





Com isso [as Recordações], não foi minha tenção fazer obra d'arte, romance, embora aquele Taine que, certa vez, o doutor Graciliano, o promotor público, me deu a ler, dissesse que a obra d'arte tem por fim dizer aquilo que os simples fatos não dizem.

Não é meu propósito também fazer uma obra de ódio; de revolta enfim; mas uma defesa a acusações deduzidas superficialmente de aparências cuja essência explicadora, as mais das vezes, está na sociedade e não no indivíduo desprovido de tudo, de família, de afetos, de simpatias, de fortuna, isolado contra inimigos que o rodeiam, armados da velocidade da bala e da insídia do veneno.

E, na página 119, ele confessa : "Não é o seu valor literário que me preocupa; é a sua utilidade para o fim que almejo".

A atividade persuasiva que Isaías exerce com o discurso está centrada na defesa: ele desempenha a função de advogado de si mesmo e de sua raça. Além de defensor, é igualmente réu, pois está na berlinda, tendo sobre si uma acusação extensiva a todos os mulatos. O que nos interessa, entretanto, é sua função advocatória, por meio da qual quer fazer o auditório aderir à sua opinião.

Relacionando retórica e teoria da literatura, diríamos que a atividade oratória é uma das muitas posturas assumidas por um narrador. Essa postura corresponde àquilo que Claude Bremond (1975,p.41), tratando dos papéis narrativos, denominou exercício de influência da personagem. Por conseqüência, a história relatada por um tal narrador pode bem se aparentar com um discurso persuasivo. Nesse sentido, conhecer o narrador de uma obra





como *As Recordações do Escrivão Isaías Caminha* to significa conhecer o orador. encontrado em Fantinati (1976, p. 50).

Assim, trataremos o orador das *Recordações* de maneira semelhante àquela de que a teoria da literatura abordaria o narrador, valendo-nos de alguns de seus pressupostos e parâmetros. Fique esclarecido que a amplitude da abordagem será restrita àquilo que acreditamos ser de alguma importância para a persuasão. experiência de vida,

Identifi Antes, não é indispensável fazer um comentário a respeito do foco narrativo. O texto em exame é um romance de primeira pessoa protagonista, o que equivale a dizer que existe nele o que Mendilow (1972, p. 100) chamou de foco duplo, isto é, num único ser estão concentrados o narrar e o atuar. Isaías Caminha narra as histórias que vivencia, sendo, a um tempo, o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado, o narrador e o narrado. Importa-nos, neste ponto, muito embora seja difícil na prática fazer tal separação, apenas o sujeito da enunciação, que corresponde ao Isaías Caminha orador. do orador são as alusões que faz à mitologia, como a

da página Inicialmente, podemos estabelecer a idade com que ele escreve, o discurso: 29 anos. Conclusão firmada mediante os seguintes dados. No segundo capítulo de suas memórias, na página 60, Caminha encontra-se com 19 anos, a idade com que decide partir para o Rio de Janeiro. No capítulo VI, na página 120, ele informa que entre aquele momento e o seu estado atual de narrador está passada uma década, de onde os excelência literária (p. 120): Dostoiévski, Voltaire,



29 anos. Aliás, um comentário mais completo desse particular pode ser encontrado em Fantinati (1976, p.50).

Em vista disso, Isaías Caminha possui nos certa maturidade e experiência de vida quando escreve o seu discurso. O amadurecimento é resultado das dificuldades por que passou no Rio de Janeiro e, principalmente, do período em que trabalhou no jornal.

Ao lado da maturidade e experiência de vida, identificamos no orador certa cultura, confessada por ele próprio: "Hoje que sou um tanto letrado sei que Stendhal dissera, que são esses momentos que fazem os Robespierres" (p.103). Quando Caminha anuncia ser "um tanto letrado", é bem possível concluir que ele possua os conhecimentos tradicionais da técnica retórica, dos quais pode ter se servido para a construção do discurso. Isaías ainda dá mostras de conhecer teorias sobre o fazer literário, como a de Taine, a que se referiu no prefácio (p.42). Indício outro que podemos elencar como prova da cultura do orador são as alusões que faz à mitologia, como a da página 69, em que compara o jornal *O globo* a uma oficina de ciclopes, ou como a da página 255, em que compara os olhos da Viscondessa de Varennes aos de Juno, ou ainda quando aproxima, agora na página 226, o diretor do Jornal a Tupã e a Júpiter Tonante. Outrossim, é possível citar, ainda para exemplificar sua cultura, uma lista de autores de que confessadamente gosta e que procurou como modelo de excelência literária (p.120): Dostoievski, Voltaire,





Tolstoi, Stendhal, Balzac, Flaubert, Renan, Eça de Queirós, Taine, Bouglet e Ribot.

Acentuar a ilustração de Isaías serve-nos para dizer que ele é um orador consciente de seu ofício, e que, portanto, o que há de caracteristicamente retórico em suas memórias não é fruto do acaso, mas consequência de uma reflexão que ele está apto a fazer.

Também podemos traçar do orador um perfil emocional, que pode ser resumido numa única palavra: desencanto. Esse sentimento é causado pelo próprio processo de rememoração de sua vida, o qual acaba por lhe trazer de volta os sofrimentos do passado:

Escrevendo estas linhas, com que saudades me não recordo desse heróico anseio dos meus dezoito anos esmagados e pisados! Hoje!... É noite. Descanso a pena. No interior da casa, minha mulher acalenta meu filho único. A sua cantiga chega-me aos ouvidos cheia de um grande acento de resignação. Levanto-me, vou à varanda. A lua, no crescente, banha-me com meiguice, a mim e a minha humilde casa roceira. Por momentos deixo-me ficar sem pensamentos, envolto na fria luz da lua, e embalado pela ingênua cantilena de minha mulher. Correm alguns instantes; ela cessa de cantar e o brilho do luar é empanado por uma nuvem passageira. Volto às minhas reminiscências: vejo o bonde, a gente que o enchia, os sofrimentos que me agitavam, a rua transitada...

Os meus desejos de vingança fazem-me agora sorrir e não sei porque, do fundo da minha memória, com essas recordações todas, chega-me também a imagem de uma pesada carroça, com um grande lajedo suspenso por fortes correntes de ferro, vagarosamente arrastada sobre o calçamento de granito, por um junta de bois enormes, que o carreteiro fazia andar com gritos e ferroadas desapiedadas... (p.103-4).

E ainda:



Despertei hoje cheio de um mal-estar que não sei onde me veio. Nada ocorreu que o determinasse[...] De uns tempos a esta parte, acontece-me isso amiudadas vezes. Tudo vai correndo normalmente; os dias com o mesmo enfado de sempre, e as noites serenas e plácidas; entretanto, esta ou aquela manhã, ergo-me e olho pela janela aberta o rio que desliza lá embaixo, ensombrado de melancolia, cheio de lassidão, com maus desejos passando-me pela cabeça. Penso - não sei porque - que é este meu livro que me está fazendo mal... E quem sabe se excitar recordações de sofrimentos, avivar as imagens de que nasceram não é fazer com que, obscura e confusamente, me venham as sensações dolorosas já semimortas? (p.119).

A consciência de ter fracassado em relação a seu projeto de vida é outro fator que lhe introjeta o desalento de que estamos tratando:

Hoje, agora, depois não sei de quantos pontapés destes e outros mais brutais, sou outro, insensível e cínico, mais forte talvez; aos meus olhos, porém, muito diminuído de mim próprio, do meu primitivo ideal, caído dos meus sonhos, sujo, imperfeito, deformado, mutilado e lodoso (p.110).

Desencanto que também nasce da mediocridade da vida cotidiana:

Entretanto, quantas dores, quantas angústias! Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem. Cercam-me dois ou três bacharéis idiotas e um médico mezinheiro, repletos de orgulho de suas cartas que sabe Deus como tiraram (p.120-1).

Esse estado emocional do orador acentua a veracidade de suas provas patéticas, isto é, o auditório possivelmente vai se persuadir (deixando-se levar pela comoção) de que seus lamentos são reais, vindos do fundo de seu coração. Agindo assim, ele segue os conselhos de Quintiliano



(1944, p.335, v.1): "a meu ver, o meio principal para mover as paixões nos outros, é mover-nos a nós mesmos". quer que seja, devemos Isaiás Caminha é o típico orador que deixa muitas marcas no discurso. Ele o faz por intermédio, entre outros processos, de declarações no presente da narração: "De si para si" (suspeito eu hoje), "ela imaginou que lhe passava pelas mãos um gênio" (p.46), "poucas recordações importantes conservo hoje" (p.47), "Hoje, já não me recordo bem das fases dessa batalha" (p.48), "É um sentimento perfeitamente imbecil, de que até hoje não me pude libertar" (p.99), "Até hoje não me esqueci desse episódio insignificante que veio reacender na minha alma o desejo feroz de reivindicação" (p.103), etc. Outra manifestação da presença do orador são as suas freqüentes digressões durante o desenrolar do discurso. Falemos delas, no entanto, em outra ocasião. O que deve ficar claro, nisso tudo, é que o orador está sempre lembrando o auditório de sua presença. com que as vezes Se há narradores conscientes de si mesmos como escritores, podemos afirmar que com Isaiás estamos diante de um orador consciente de si mesmo como orador. Isso, de certo modo, já ficou sugerido quando falávamos do seu declarado intuito retórico. jornalista" (p.178), "Escrevendo agora É claro que, nos exemplos ilustrativos dessa asserção, ele não vai se referir a seu livro como um discurso; porém, pelos motivos já anunciados, acreditamos que a equivalência (os catorze capítulos de suas recordações mais seu prefácio equivalem a um discurso retórico) já está

evidente, de maneira que quando Isaías fizer referência a seu livro, à suas *Recordações*, ou a o que quer que seja, devemos entender por isso o seu discurso. Eis algumas passagens em que tal fenômeno metalingüístico é observado: "Eu me lembrei de escrever estas recordações, há dois anos" (p.40), "Perdõem-me os leitores a pobreza da minha narração" (p.42), "Agora ao traçar estas linhas, estou a vê-lo erguer-se da cadeira com visível esforço" (p.69), "Escrevendo estas linhas, com que saudades me não recordo desse heróico anseio dos meus dezoito anos esmagados e pisados!" (p.103), "Penso - não sei porque - que é este meu livro que me está fazendo mal..." (p.119), "Entretanto, se eu amanhã lhes fosse falar neste livro - que espanto! que sarcasmo! que crítica desanimadora não fariam" (p.121), "De forma que não tenho por onde aferir se as minhas *Recordações* preenchem o fim a que as destino" (p.121), "Sofro assim de tantos modos, por causa desta obra, que julgo que esse mal-estar, com que às vezes acordo, vem dela, unicamente dela" (p.121), "Estou no sexto capítulo e ainda não me preocupei em fazê-la pública, anunciar e arranjar um bom recebimento dos detentores da opinião nacional" (p.121), "Continuemos, porém, a narração da minha vida de quase jornalista" (p.178), "Escrevendo agora estas páginas, eu tenho escrúpulos" (p.203), etc.

Essa obstinação de Isaías em deixar claro sua consciência de estar escrevendo um livro, ou, como melhor nos convém, um discurso, e o ponto, há pouco comentado, de ele deixar muitas marcas na obra, talvez pudessem ser



explicados pelo fato de tal procedimento aumentar no auditório o sentimento de presença do orador. A presença de um elemento age diretamente sobre a sensibilidade das pessoas. Segundo Perelman (1992,p.156), "aquilo que está presente à nossa consciência adquire uma importância, cuja prática e teoria da argumentação deveriam levar em conta".

O orador das *Recordações* ainda desempenha um papel fundamental no estímulo para que o auditório não abandone a leitura do discurso. Isaías, mesmo sabendo da direção que alguns acontecimentos tomariam no final do relato, abdica de adiantá-la ao auditório. Essa estratégia, retoricamente trabalhada, injeta no leitor o sentimento da curiosidade, que somente será satisfeito se ele continuar com a leitura até o final da obra. Trata-se, portanto, de uma técnica para captar e manter a atenção do auditório. No referente a isso, alerta Tomachevski (1973,p.172): "Não é suficiente escolher um tema interessante. É preciso sustentar o interesse, estimular a atenção do leitor. O interesse atrai, a atenção retém". Em muitos casos, o orador, para colocar em prática a técnica, limita de propósito seu campo de visão àquele da personagem, o eu narrado. O orador, então, passa a saber apenas aquilo que a personagem sabe. Em outras palavras, o orador abre mão momentaneamente de sua onisciência. Um exemplo que elucida esse fato é a postura de Isaías Caminha para com Laje da Silva. É evidente que ele sabe que Laje é um aproveitador bem-acabado, porém, não o relata, limitando-se a ver o que eu narrado, um ingênuo, vê.



Dessa maneira, a dúvida do eu narrado passa a intrigar também o auditório:

Daí em diante, não sei se com justeza, mas certamente com muita segurança íntima, tive por afetadas a sua simplicidade e bonomia, e julguei que escondiam algo de grave que se desenrolava na sua vida e ainda não tivera termo (p.72).

O orador sabe qual é exatamente a natureza das relações que aproximam Laje da Silva dos jornalistas, contudo, para não terminar logo no início do romance com o prazer que a dúvida provoca, restringe seu foco de visão àquilo que o eu narrado vê:

Achava extraordinário que um varejista de um vilarejo longínquo cultivasse e mantivesse amizades tão fora do seu círculo; não se explicava bem aquele seu norteio para os jornalistas, a especial admiração com que os cercava, o carinho com que tratava todos (p.71).

Esse procedimento de não antecipação do orador/narrador atinge variadas vezes também a história do eu narrado. Este dava por garantido o sucesso no Rio de Janeiro, só não levava em conta os preconceitos que lá teria de enfrentar. O orador, em nenhum momento do começo do discurso, interfere para fazer explicitamente menção a isso. Talvez porque se o auditório soubesse, de antemão, do fracasso de Isaías, perderia muito da motivação de ler o discurso.

Paremos por aqui o exame da importante figura do orador; mas é preciso lembrar que muito do que ficou dito





complementar-se-á quando analisarmos as provas éticas, bem como outras partes do discurso. papel da grande imprensa do começo do século, conforme lemos numa de suas cartas a Corinto da Fonseca, em 1909 (1956c,p.109,v.1):

#### 4.1.2 O TEMA

Estou certo que tua inteligência há de ver nele [as Recordações] mais do que um ataque ao jornal. Há de ver nele um caso de 'desmoralização', de enfraquecimento do indivíduo pela sociedade, de apavoramento diante dos seus prejuízos.

A identificação deste componente não é de todo automática e simples como poderia parecer à primeira vista, já que existe no discurso de Isaías Caminha uma pluralidade de temas, cada qual privilegiado conforme a motivação particular dos críticos. Poderíamos citar, como exemplo dessa riqueza, a temática do ataque à mediocridade em geral, do ataque a uma determinada maneira de fazer política, a temática do fracasso moral, do doutorismo, etc. Tal gama não deve causar estranheza, pois é consequência da abertura que uma obra artística freqüentemente proporciona.

Procedendo a um afunilamento, poderíamos dizer que são dois os temas mais destacados pelos estudiosos das Recordações: o da crítica à imprensa capitalista e o do preconceito racial.

Como críticos que se posicionam na primeira vertente, podemos apontar, no meio de tantos possíveis, Jackson de Figueiredo (1956,p.11), que chamou o livro de "desafio ao nosso jornalismo", Agripino Grieco (1956) e João Ribeiro (1959). Contudo, o próprio Lima Barreto não escondia

seu descontentamento com uma interpretação que limitava seu romance a um libelo contra o papel da grande imprensa do começo do século, conforme vemos numa de suas cartas a Corinto da Fonseca, em 1909 (1956c,p.109,v.1):

Estou certo que tua inteligência há de ver nele[as Recordações] mais do que um ataque ao jornal. Há de ver nele um caso de 'desmoralização', de enfraquecimento do indivíduo pela sociedade, de apavoramento diante dos seus prejulgamentos.

De fato, o tema do preconceito racial parece ser o mais relevante do discurso de Isaías. Francisco de Assis Barbosa esclarece (1961,p.12) que o tema é uma verdadeira obsessão do escritor, perseguindo-o em toda sua obra.

Assim, podemos concluir que a temática racial, mais precisamente do preconceito racial secundado por teorias científicas que proclamavam a superioridade de uma raça sobre as outras, constitui a base do discurso retórico de Isaías Caminha. A crítica, por exemplo, à imprensa, aos políticos é visivelmente eclipsada pela discussão do problema racial, apresentado em cores fortes pelo memorialista.

#### 4.1.3 A QUESTÃO

Conectada à questão, devemos saber se ela se coloca em termos gerais ou abstratos, ou seja, se é uma tese ou uma hipótese.





Neste item, examinaremos os seguintes elementos do discurso de Isaías Caminha: a questão, tese e hipótese, os estados da questão e a proposição. Pelo modelo de análise retórica<sup>91</sup> atrás apresentado, cada um desses constituintes deveria ser tratado separadamente; porém, como estão muito relacionados, achamos que não causaria prejuízo enquadrá-los sob um mesmo título.

A questão, ponto que será debatido pelos partidos, aparece quando o tema do discurso é problematizado. É com o seu surgimento que o processo retórico realmente se inicia, pois ela desempenha, instaurando a dúvida, o papel de fomentadora da discussão.

Já sabemos que o tema do discurso é o preconceito racial; problematizado esse tema, então estaremos diante de uma questão. Tendo em vista o discurso de Caminha e o do seu oponente, concluimos que a questão é mais ou menos esta: a causa do fracasso dos mulatos, embora apresentem eles uma brilhante pujança nas primeiras idades, é intrínseca à sua natureza ou extrínseca? Dito de outro forma: o motivo do referido fracasso está na carne e no sangue dos mulatos ou na sociedade que os cerca? Como é de imediato notar, da questão originam-se duas alternativas, que serão esposadas pelos partidos, conforme o pensamento de cada um deles.

Conhecida a questão, devemos saber se ela se coloca em termos gerais ou abstratos, ou seja, se é uma tese ou uma hipótese.

A tese é uma questão geral, colocada em termos abstratos. Nela não existem parâmetros de lugar ou tempo, tampouco referências a pessoas determinadas. Quintiliano (1944,p.91,v.1) cita como exemplo de tese a questão "Se o homem deve casar?". Já a hipótese é uma questão posta em termos particulares; as circunstâncias de tempo, de lugar e de pessoa são, portanto, levadas em conta. Como exemplo de hipótese, Quintiliano sugere a questão "Se Catão deve casar?".

Não obstante a divisão teoricamente nítida, na prática, nem sempre as fronteiras entre tese e hipótese estão bem delimitadas, cogitando-se, até na irrelevância de tal distinção, sobretudo porque, no fundo, como coloca Tringali (1988,p.49), "toda questão particular encerra uma questão geral que a engloba e as questões gerais se nutrem de questões particulares". Quintiliano (1944,p.93,v.1), a esse respeito, adverte que, para deliberar se Catão deve ou não casar, deve-se primeiro deliberar se os homens em geral devem ou não casar.

É justamente essa interdependência que encontramos na questão que o discurso de Isaías coloca. De uma determinada ótica pensamos que se trata de uma tese, pois o debate recai sobre a capacidade dos mulatos em geral, pressupondo uma abstração, e não havendo implicância de particularidades. Essa sensação advém dos termos em que o articulista apresenta o problema, acusando os mulatos indistintamente. Contudo, Isaías vale-se, para ilustrar a





questão e a sua proposição, do exemplo de sua vida, isto é, circunstancia o debate: o mulato é ele, e a sociedade que destrói os seus sonhos é aquela que lhe é contemporânea. O articulista coloca a questão em termos mais abstratos, ao passo que Isaías a particulariza. Seja como for, devemos lembrar que toda questão particular encerra uma geral, e Isaías deseja provar, com seu exemplo, que os mulatos não são uma raça intrinsecamente inferior à branca. O caso particular é inseparável do caso geral. Vejamos como seu desejo universalizante, está claro:

Com elas [as Recordações], queria modificar a opinião dos meus concidadãos, obrigá-los a pensar de outro modo, a não se encherem de hostilidade e má vontade quando encontrarem na vida um rapaz como eu e com os desejos que tinha há dez anos passados (p.120).

O estado da questão, por sua vez, é o núcleo da causa. Segundo Quintiliano (1944, p.98, v.1), é "o ponto que o orador julga principalmente dever persuadir, e o juiz examinar com mais cuidado. Pois neste ponto consistirá toda a causa". O estado da questão fixa a situação do debate no começo do processo.

Costuma-se classificá-lo em três categorias, que se desenvolveram com maior rigor no gênero judiciário. São elas: o estado da conjectura (*status conjecturae*), o estado da definição (*status definitionis*) e o estado da qualidade (*status qualitatis*). Num desses três estados encaixam-se as questões, sejam teses ou hipóteses.



(1978, p. 10). No estado da conjectura, comprovam-se os fatos; discute-se se eles aconteceram ou não. Para Barthes (1975, p. 202), este estado é "o resultado imediato de um primeiro conflito de asserções", ou seja, o fez e o não fez. Tendo como paradigma o discurso forense, no estado da conjectura debater-se-á, por exemplo, se existiu ou não um crime qualquer.

Caso seja comprovada a existência do fato, passa-se ao estado da definição. Nele, levanta-se o problema da denominação apropriada, legal e jurídica do fato confessado, podendo o acusado não aceitar a denominação dada ao seu delito.

Após a conclusão da existência do fato e da definição que lhe convém, é hora de refletir acerca do estado da qualidade. Trata-se de saber, segundo Tringali (1988, p. 51), "se a natureza do fato se modifica pelas circunstâncias que o envolvem". Debatem-se, a esta altura, algumas circunstâncias que atenuariam a culpa e a responsabilidade do réu, ou até mesmo o inocentariam.

Vejamos como abordar os três estados da questão no discurso de Isaías Caminha.

Estado da Conjectura: Isaías não nega a existência do fato de que o acusam; é como se ele confessasse o crime. Quer dizer: Caminha aceita que os mulatos acabem por fracassar na madureza. Dessa maneira, o discurso não se concentra na discussão da existência ou não do fato, pois parte do princípio de que ele aconteceu. Para Fantinati





(1978,p.106), isso está mais do que claro, visto que Caminha, ao realizar a evocação de sua vida,

constata que sua trajetória existencial confirma o fato de que as pessoas do seu nascimento apresentam realmente uma defasagem entre os extraordinários inícios e os resultados finais, pois ele, que pretendia adquirir uma posição social superior na sociedade e influir no destino dela, acaba por atingir, ao cabo, o "triste e bastardo fim de escrívão de coletoria de uma localidade esquecida".

Isaiás Caminha, ao explicitar os objetivos de seu discurso, afirma que o fracasso dos mulatos é uma constatação verdadeira; por conseguinte, dá razão, ao menos nesse ponto, ao partido contrário:

resolvi narrar trechos de minha vida, sem reservas nem perifrases, para de algum modo mostrar ao tal autor do artigo, que, sendo verdadeiras as suas observações [...] (p.42).

Estado da definição: Isaiás não nega que com a sua história tenha dado mais um exemplo da "fraqueza dos produtos" dos mulatos na madureza; o que significa que ele não questiona se a sua vida devesse ou não ser chamada de fracasso. Assim, tal como o estado da conjectura, o da definição não é o ponto nevrálgico do debate.

Estado da qualidade: Isaiás objetiva mostrar que a natureza do fato - seu fracasso - modifica-se conforme as circunstâncias. Deseja com o discurso atenuar sua culpa e a de todas as pessoas de seu nascimento. A causa do fracasso deve ser buscada na sociedade, e não, como querem



alguns, na natureza da raça. Procedendo dessa maneira, o orador procura uma atenuante, uma espécie de explicação ou desculpa para sua falta, desabonando a explicação racista. Como bem assinala Fantinati (1978,p.106), se Isaías Caminha concorda com a observação de seu oponente, não concorda com a explicação racial dada. Assim, o ponto crucial do seu discurso encontra-se na situação de debate fixada pelo estado da qualidade. Isaías quer que o auditório leve em consideração, para o veredito, tais circunstâncias atenuantes. Concluimos, dessa forma, que o estado da qualidade é o núcleo da questão do seu discurso.

Depois de discutida a questão nesses termos, o orador já pode deixar claro sua proposição, pela qual se conhece o partido que vai tomar.

Quando o orador anuncia a proposição, dá a conhecer ao auditório sua opinião acerca da questão. A proposição serve para indicar - como quer Lausberg (1966,p.260,v.2) - um resumo da causa, já que sua comunicação mais detalhada fará parte da narração. Numa visão tão curiosa quanto justa, Silveira Bueno (1964,p.78) afirma que a proposição "é o próprio discurso em miniatura".

A proposição de Isaías é a de que a explicação do fracasso dos mulatos não deve ser buscada na natureza da raça, mas na sociedade:

resolvi narrar trechos de minha vida, sem reservas nem perifrases, para de algum modo mostrar ao tal autor do artigo, que, sendo verdadeiras as suas observações, a sentença geral que tirava, não estava em nós, na nossa



carne e no nosso sangue, mas fora de nós, na sociedade que nos cercava, as causas de tão feios fins de tão belos começos (p.42)

E ainda na mesma página:

Não é meu propósito também fazer uma obra de ódio; de revolta enfim; mas uma defesa a acusações deduzidas superficialmente de aparências cuja essência explicadora, as mais das vezes, está na sociedade e não no indivíduo desprovido de tudo, de família, de afetos, de simpatias, de fortuna, isolado contra inimigos que o rodeiam, armados da velocidade da bala e da insídia do veneno.

Até o presente momento, percebemos que Isaías vai respeitando fielmente os procedimentos requeridos para a produção de um discurso retórico. No caso de sua proposição, é aceitável concluir que ela contém qualidades importantes, como clareza e determinação. Tanto é assim que, depois da leitura do prefácio de Isaías - local da sua proposição -, temos absoluta ciência daquilo por que ele vai propugnar.

Conhecendo a sua proposição, podemos fazer alguns poucos comentários a respeito da credibilidade do ponto de vista que defende. Os graus de credibilidade, segundo Lausberg (1966,p.112,v.1), variam conforme o conteúdo da causa e o grau de simpatia que o auditório tem pelo partido. Assim, a questão da superioridade de uma raça sobre as outras seria uma questão em aberto, que tanto pode ser refutada quanto provada, constituindo um campo propício à dialética. Na verdade, é uma tarefa difícil dizer a que grau de credibilidade - se ao fraco, ao médio ou ao elevado - encaixa-se o discurso de Caminha. Parece mais fácil dizer a que grau de credibilidade ele não pertence.



Ao que parece, a causa que Isaías defende não pode ser elencada entre as de grau fraco de credibilidade, pois é uma causa humanitária que não colide frontalmente com os valores do público. Mesmo aqueles que estão inclinados a acreditar na inferioridade congênita das pessoas de ascendência negra sentir-se-ão tocados pela proposta de Caminha. Além do mais, sua tese não pode ser considerada intelectualmente absurda, evidentemente enganadora ou contrária à moral. Outro ponto que nos leva a desconsiderar a inclusão de sua causa entre as de grau fraco de credibilidade é que ela não representa um assunto sem importância para a sociedade. Pelo contrário, o que o orador debate é de grande interesse. Em uma palavra, Isaías não defende uma causa inacreditável.

É impossível declarar se a causa de Caminha teria um grau elevado de credibilidade; para afirmá-lo deveríamos ter plena certeza de que seu ponto de vista está de acordo com a opinião do auditório. Talvez pudéssemos dizer que ela tenha um grau médio, o que significa que o partido de Caminha e o outro gozam de credibilidade quase igual. Assim, a questão da superioridade de uma raça sobre as outras seria uma questão em aberto, que tanto pode ser refutada quanto provada, constituindo um campo propício à dialética.



#### 4.1.4 O AUDITÓRIO

A idéia do auditório é imediatamente considerada quando se pensa num discurso retórico, pois todo discurso é destinado a alguém. O orador (emissor) busca, por meio do discurso (mensagem), persuadir o auditório (receptor), fazendo-o aceitar sua proposição. Como se repara, o auditório, complementando a figura do orador, constitui o outro extremo do processo comunicativo retórico.

Se o livro primeiro da retórica de Aristóteles (1959) é o do emissor da mensagem, o segundo é o do receptor. Nele, reflete-se acerca das maneiras pelas quais se influi no ânimo dos juízes, focalizando sobretudo as paixões responsáveis por tal influência.

O auditório determina, como coloca Perelman (1992,p.32), "a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores", que devem ter sempre em mente o perfil psicológico e sociológico do público a ser persuadido.

Na verdade, essa é uma condição prévia de toda argumentação que pretende ser eficaz. Em termos práticos, é útil levar em conta, no que respeita ao auditório, a sua idade, a sua classe social e cultural, a sua extensão, o seu nível de instrução, o seu interesse pelo assunto debatido, etc. Conhecendo as variáveis acima, o orador poderá moldar o discurso em função de um auditório particular, aumentando suas chances de êxito.

O auditório pode ser representado tanto por uma única pessoa, quanto por um número maior delas. No caso estrito de um discurso pronunciado no tribunal, o auditório é o juiz (árbitro da situação); já no caso de uma assembléia deliberativa, o auditório são todos os membros da assembléia (árbitros da situação). Contudo, à proporção que nos afastamos da retórica tradicional, torna-se árduo estabelecer, apenas com conceitos materiais, a extensão dos diferentes auditórios. Quem trata desse problema é Perelman (1992, p.24-5). O estudioso afirma que nem sempre o auditório é a pessoa a quem o orador nominalmente interpela, já que, por exemplo, alguém que concede uma entrevista a um jornalista considera seu auditório muito mais os possíveis leitores do jornal, do que propriamente o jornalista que lhe está à frente. Essa dificuldade é maior quando se imagina o auditório de um escritor, pois seus leitores não podem ser assinalados com segurança. Em face de tal complicação, Perelman (p.25) acha preferível definir o auditório como "o conjunto daqueles que o orador quer influenciar por sua argumentação", porque todo orador tem em vista, mais ou menos conscientemente, aqueles que procura persuadir.

Por agora tratemos da questão do auditório nas Recordações. Da perspectiva deste trabalho, devemos nos restringir àquela situação que Varga (1970, p.85) chamou de interna, e que diz respeito às "relações inter-humanas representadas no interior de uma obra". Temos na situação interna, ao lado de um orador fictício, um auditório



igualmente fictício, que é uma personagem não como qualquer outra. Há indicações do auditório já no prefácio de Isaías Caminha. O seu discurso é, antes de tudo, uma resposta ao articulista que escreveu considerações desfavoráveis aos mulatos. Mas o discurso não se limita a essa reduzida assistência, pois Isaías alarga a extensão do auditório, ao pensar no seu texto como algo que deve estar a mão "de adeptos de um e de outro partido" (p.41). Adiante, ele amplia novamente o público para o qual se dirige, porque já considera o auditório qualquer um que venha a lê-lo: "Perdõem-me os leitores a pobreza da minha narração" (p.42). Na página 120, por exemplo, o auditório são todos os seus concidadãos: "Com elas: [As Recordações] queria modificar a opinião dos meus concidadãos[...]". Por conta disso, vemos que Isaías deseja ser lido e julgado pelo maior número de pessoas, tanto por aquelas diretamente ligadas à questão racial, quanto por aquelas interessadas no caso apenas por uma razão de cidadania. Contudo, para resumir, podemos afirmar que seu auditório é constituído de todos os seus leitores ("Perdõem-me os leitores a pobreza da minha narração"), que desempenham papel semelhante àquele dos ouvintes de um discurso pronunciado oralmente. É difícil que Isaías conheça, de maneira concreta, o perfil de seu auditório, visto que o número e também a configuração psicossocial de seus leitores não



podem ser definidos com segurança. Todavia, não é sem razão afirmar que lhe é possível tomar conhecimento do perfil de uma parcela do auditório, parcela, diga-se de passagem, sobre a qual se concentrará mais detidamente seu esforço persuasivo: aqueles que acreditam na tese científica da superioridade racial. Sabendo Isaías que essas pessoas se fiam cegamente naquilo que a ciência apregoa, vai ele então, durante o discurso, procurar ridicularizar a ciência, realçando a sua fragilidade. Objetiva com o artifício minar um importante ponto de apoio a que se apegam os partidários contrários à sua causa.

As marcas do auditório patentes no seu discurso são numerosas. O orador por diversas vezes comunica-se com o auditório ou, ao menos, se lhe refere: "Se os senhores algum dia quiserem encontrar um representante da grande nação brasileira, não o procurem nunca na sua residência" (p.85), "o criado há de dizer-lhes secamente: Não está. Falo-lhes de experiência própria" (p.85), "É de pouco tempo esse motim e muito dos meus leitores ainda se recordam perfeitamente os acontecimentos" (p.203), "De uns tempos a esta parte, todos os brasileiros se vão enobrecendo ao acaso... Devem ter verificado isso" (p.242), "Não sei se se lembram ainda do caso" (p.259), "pela sinceridade da minha revolta que vem bem do Amor e não do Ódio, como podem supor" (p.274), "Os senhores lembram-se daquela passagem dos Reis no Exílio" (p.278), etc. Outra marca, indireta que seja, da comunicação entre orador e auditório são algumas



digressões que o primeiro faz. Isso porque elas têm a função de aclarar algo para o auditório, como a da página 178:

A gente dos jornais do Rio só tem idéias feitas e clichés de opiniões de toda a natureza incrustados no cérebro.

A não ser o *Jornal do Comércio*, pode-se dizer que os diários do Rio nada têm o que se leia e todos eles se parecem, pois todos têm a preocupação de noticiar crimes, escândalos domésticos e públicos, curiosidades banais e, em geral, ilustrados com zincografias que nada têm com o caso, quando não são hediondas ou imorais, como aconteceu com *O Globo* que, certa vez, deu a de um cadáver exumado, inteiramente nu.

A imprensa popular de qualquer país, por exemplo: o *Matin*, o *Journal* (falo dos que conheço) - não é tão indigente de leitura, de atrativos outros que não o vulgar noticiário, como os jornais do Rio, nos quais quase não existe colaboração de qualquer natureza.

Guiados pelas mesmas leis, obedecendo quase a um único critério, todos eles se parecem; e, lido um, estão lidos todos.

Continuemos, porém, a narração da minha vida de quase jornalista.

Para pôr termo a este ponto, gostaríamos somente de reparar numa relação de valorização que Isaías mantém com o leitor, por meio da qual procura elevar o papel e o status do auditório. Tal distinção é fundamental para o sucesso da tarefa persuasiva, porque cria no auditório uma postura favorável à proposta do orador.

Ele, por exemplo, ao decidir não utilizar, e nem mesmo reproduzir explicitamente, palavras grosseiras, demonstra consideração pelo auditório. O expediente ocorre em duas ocasiões, uma na página 53, na fala do coronel Belmiro, quando este lhe incentiva a tentar a sorte na cidade grande: "- Faz bem, menino. Vá, trabalhe, estude, que isto aqui é uma terra à-toa com licença da palavra, de



m...". e a outra, na página 113, na fala de uma popular, na delegacia de polícia: "-Por acaso, o que! sua ladra, sua p...". Ao ver por bem não registrar, mas tão-somente sugerir, os vocábulos obscenos, Isaías Caminha deixa a impressão que considera o auditório digno de não ouvir termos tão baixos.

Ele, também, quer dar a entender a seus leitores que os reputa suficientemente astutos: "De uns tempos a esta parte, todos os brasileiros se vão enobrecendo ao acaso... Devem ter verificado isso" (p.242), e "mas pela sinceridade da minha revolta que vem do Amor e não do Ódio, como podem supor" (p.274). Da mesma forma que admite a astúcia do auditório, o orador faz questão de aventar que lhes reconhece a cultura: "Os senhores lembram-se daquela passagem dos *Reis no Exílio* em que Colette de Rosen, cavalgando ao lado da rainha Frederica, atira-lhe indiretas referente ao seu silêncio em face das infidelidades do marido?" (p.278).

Indiretamente ainda, ele dá a entender que o auditório é distinto e possuidor de bom gosto, acostumado, por exemplo, à leitura de grandes obras: "Perdõem-me os leitores a pobreza da minha narração" (p.42). Essa preocupação demonstrada pelo orador é prova da consideração com que trata o público.

Tudo o que expusemos, enfim, contribui para que Caminha crie no auditório uma disposição favorável à sua





causa. De resto, esse assunto será mais bem desenvolvida quando estivermos examinando as provas patéticas e éticas.

#### 4.1.5 GÊNERO DO DISCURSO

O próximo estágio do modelo retórico consiste em estabelecer a qual gênero oratório pertence o discurso, ou, pelo menos, em identificar que gênero aí pode ser considerado predominante.

Os três gêneros do discurso são o deliberativo, o demonstrativo e o judiciário. Essa divisão está ancorada no papel do auditório e no tempo acerca do qual ele se pronuncia. Dependendo da sua função depois de ouvido o discurso, ele pode ser um árbitro da situação ou um simples espectador. No primeiro caso, tem uma postura ativa, pronunciando-se a respeito do que escutou, julgando e sentenciando. Já no segundo, somente tem de se manifestar sobre a eloquência do orador, gostando ou não do discurso. Com referência ao tempo, se o árbitro da situação pronunciar-se acerca de um fato passado, ele é o juiz propriamente dito; se ele decidir sobre o futuro é um membro de assembléia. O espectador, por seu turno, pronuncia-se sobre um fato presente.

Com base nesse critério, chega-se à divisão dos três gêneros oratórios, conforme acompanharemos de uma forma mais detalhada.

No gênero deliberativo, também conhecido como político, o orador, diante de uma assembléia, tem o fito de aconselhar ou desaconselhar uma ação futura, segundo os valores do útil e do nocivo. O auditório deve votar a favor dessa ação ou contra ela. O caso paradigmático do gênero é o discurso de um político proferido diante de uma assembléia popular.

Tradicionalmente, as matérias mais importantes sobre as quais todos deliberam são, no dizer de Aristóteles (1959,p.36), as referentes aos recursos financeiros, à defesa nacional (guerra e paz), às importações, às exportações e à legislação. Nos dias de hoje, lembra-nos Halliday (1990,p.69-70), defrontamos com exemplos do gênero deliberativo em formatos mais modernos nos discursos que propõem ou não a aprovação de projetos de lei, nos pronunciamentos que apoiam ou repudiam certas tomadas de posição como a adoção de um novo sistema de governo, a liberação do aborto, a legalização das drogas, entre outras coisas.

No gênero demonstrativo, conhecido também como epidítico ou laudatório, o espectador apenas manifesta se o discurso lhe agradou ou desagradou, não sendo necessário tomar uma decisão acerca do assunto pronunciado. É função





desse gênero o louvor ou a censura. Como caso paradigmático, temos o discurso festivo pronunciado em honra de uma pessoa.

Seu tempo de referência é o presente, pois, como quer Aristóteles (1959,p.32), "para louvar ou para censurar apoiamo-nos sempre no estado presente das coisas". Seu objeto é o belo e o feio, a virtude e o vício. Muito mais que persuadir, o gênero demonstrativo procura agradar. São exemplos os discursos fúnebres, o panegírico, a apologia, os brindes, os discursos de despedidas, a entrega de condecorações e, mais modernamente, as atividades de publicidade e propaganda.

Sobre tais pronunciamentos, paira a imagem de uma eloquência degenerada. Ocorre que alguns retóricos julgam o gênero não integrante dos discursos pragmáticos (persuasivos), uma vez que se estaria voltado exclusivamente ao deleite do público e à ostentação das qualidades do orador, sem contar o fato de não ser propício à dialética e tampouco tratar de questões práticas. Contra essa visão insurgira-se Quintiliano, para quem (1944,p.109-10,v.1) "louvar uma testemunha ou vituperá-la influi muito no bom, ou mau sucesso das causas crimes". De fato, o discurso epidítico pode influenciar decisivamente o ouvinte. Nos tempos atuais, na mesma direção do mestre latino, coloca-se Perelman (1992,p.64):

nós cremos que os discursos epidíticos constituem uma parte central da arte de persuadir, e a incompreensão manifestada a seu respeito resulta de uma falsa concepção



dos efeitos da argumentação.

No entendimento do estudioso (p.66), o gênero demonstrativo é importante para a argumentação, porque ele, ao aumentar a adesão aos valores que exalta, "reforça uma disposição à ação".

Já quanto ao gênero judiciário ou forense, sua finalidade é a acusação e a defesa, que incidem sobre fatos já passados. Tem como objeto fundamental o justo e o injusto, sendo seu auditório formado pelo juiz, que condena ou absolve. Possui como caso paradigmático o discurso de um advogado num tribunal.

O judiciário parece ser o de maior importância dentre os gêneros oratórios, tanto que a teoria da argumentação, com todos os seus preceitos, concentra a atenção mais fortemente nesse caso. Talvez porque aí esteja bem representado o caráter dialético da retórica, pelo qual dois partidos dão vida a um debate, defendendo pontos de vista diferentes. É também apreciado como o gênero que melhor ilustra e desenvolve as partes que tradicionalmente entram na composição de um discurso retórico.

O discurso judiciário continua sendo, nos dias que seguem, muito empregado, sempre conservando a finalidade fundamental de acusação e defesa. De alguns desses usos contemporâneos quem nós dá conhecimento é Tereza Lúcia Halliday (1990,p.69):

no julgamento do acusado de um crime; nos editoriais de



jornais, acusando ou defendendo um governante ou político; em sermões de chefes religiosos, acusando ou defendendo comportamentos ou atitudes de afiliados ou não a determinada igreja; em manifestos, cartas abertas e notas oficiais denunciando ou inocentando pessoas e atos.

Pela forma que acabamos de apresentar os gêneros do discurso, poderia ficar a impressão de que lidamos com categorias estanques, puras, que não se misturam entre si. Impressão sem cabimento, já que o próprio Aristóteles (1959,p.33) aponta para a interpenetração dos valores de uns gêneros nos outros:

Por vezes, este gênero [o deliberativo] toma algo dos outros, por exemplo o justo ou o injusto, o belo ou o feio. O fim para os pleiteantes é o justo ou o injusto, mas acontece que também eles colhem elementos dos outros gêneros. Quando se louva ou se censura, as referências são feitas ao belo ou ao feio; sucede todavia que também aqui se introduzem no assunto elementos estranhos.

Quintiliano (1994,p.105,v.1) é ainda mais explícito:

Também não seguirei a opinião daqueles que restringem a matéria do gênero Laudativo ao que é honesto, do Deliberativo ao útil, e do Judicial ao justo, distribuição breve sim e justa, mas falsa na sua aplicação. Porque estas coisas concorrem em cada gênero a auxiliarem-se umas às outras. Pois no louvor se trata também do justo, e do útil, nos conselhos do honesto, e raras vezes se achará causa judicial, em que não se encontre tratada alguma destas matérias acima ditas, ao menos em alguma parte.

Segundo Tringali (1989,p.57), muitos escritores tiram proveito da equivocidade do gênero oratório a fim de obter conscientemente um determinado efeito, val como Shakespeare, em *Júlio César*. De toda forma, é preciso que o crítico literário se preocupe em identificar o gênero





predominante do texto a ser analisado, porque a ocorrência de um só é rara.

Da perspectiva que abordamos as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, procede afirmar que o gênero aí predominante é o judiciário, o qual, na visão da crítica retórica literária (Tringali, 1989, p.55), caracteriza-se da seguinte forma:

A rigor, o discurso judiciário deve ser seguido de um julgamento formal, o auditório absolve ou condena, mas, num sentido amplo, e para efeito de crítica retórica literária, considera-se judiciário todo texto em que se acusa ou defende, em que se condena ou absolve um réu, independente de que se formule o julgamento[...].

Já foi lembrado que numa ação judiciária estão envolvidas principalmente acusação e defesa, existindo o discurso do acusador e aquele do acusado. O primeiro partido toma a iniciativa e ataca, o partido contrário defende-se, opondo-se à iniciativa. No caso das *Recordações*, o artigo de revista que Isaías leu figura como o discurso do acusador. Nele é feita uma espécie de incriminação segundo a qual os mulatos sempre fracassam. Diante da acusação, Isaías decide defender a si e as pessoas de seu nascimento, afirmando que a razão do referido fracasso não pode ser buscada na natureza dos mulatos, mas, de forma mais acertada, na sociedade preconceituosa que os cerca e lhes impõe uma barreira à ascensão. Para tanto, Caminha vale-se do exemplo de sua vida, que transforma em livro. Em suma,



Isaías objetiva defender-se de uma acusação, como fica revelado inequivocamente por suas palavras (p.42):

Não é meu propósito também fazer uma obra de ódio; de revolta enfim; mas uma defesa a acusações deduzidas superficialmente de aparências cuja essência explicadora, as mais das vezes, está na sociedade e não no indivíduo desprovido de tudo, de família, de afetos, de simpatias, de fortuna, isolado contra inimigos que o rodeiam, armados da velocidade da bala e da insídia do veneno.

No ler o trecho, verifica-se a existência do debate envolvendo dois partidos, os quais atualizam duas visões diferentes sobre a mesma questão. Por isso, o caráter dialético do gênero judiciário está à vista no discurso de Isaías. Com relação ao tempo, o fato que o orador pede para ser julgado está inscrito no passado.

Caminha, ao apresentar seu discurso nos moldes que já conhecemos, tem por objeto o justo e o injusto, ou seja, esforça-se para persuadir o auditório de que é injusto acusar os mulatos de inferiores. Como não é justo, quer ainda dizer, procurar um motivo racial e, por conseguinte, racista para algo cuja explicação acha-se na sociedade preconceituosa da época.

Como se deduz, Caminha deseja que o auditório, à maneira de um árbitro da situação, julgue o discurso, pronunciando-se a seu respeito. Todavia, ele não constrói um discurso judiciário no sentido estrito do termo e, por essa razão mesma, seu público não pode ser equiparado rigorosamente a um juiz. Não obstante, ainda podemos dizer



que o perfil de seu auditório assemelha-se ao do juiz, uma vez que Caminha concebeu o auditório como alguém que, depois de ter lido o discurso, se dispusesse a alterar uma situação, o que equivale a dizer, visse com outros olhos a posição das pessoas de ascendência negra. A Isaías Caminha não agrada que o auditório desempenhe o papel de mero espectador; muito contrariamente, quer que ele tome uma postura ativa, instigando-o à ação, como tanto apraz à filosofia da retórica:

Com elas[as Recordações], queria modificar a opinião dos meus concidadãos, obrigá-los a pensar de outro modo, a não se encherem de hostilidade e má vontade quando encontrarem na vida um rapaz como eu e com os desejos que tinha há dez anos passados. Tento mostrar que são legítimos e, senão merecedores de apoio, pelos menos dignos de indiferença(p.120).

Esse trecho também nos faz pensar no discurso como exemplar do gênero político, já que o orador dá um conselho a respeito do tempo futuro: caso alguém encontre um rapaz como Caminha, não deverá tratá-lo com hostilidade.

Por outro prisma, porém, é possível aproximar o discurso de Isaías do gênero demonstrativo. As razões para tal residem na verificação de que o discurso, em grande parte, constitui uma censura à imprensa da época

Isaías critica severamente o endeusamento dos jornalistas pela opinião pública. Ataca, da mesma forma, a presunção desses profissionais, que requerem para si toda espécie de privilégios. O grosso da invectiva, no entanto,



incide sobre o fato de os grandes jornais procederem com a mesma cupidez das empresas capitalistas, dominando as massas e determinando-lhes o comportamento. Em última análise, até o governo torna-se refém do poder desmedido da imprensa, o "quarto poder fora da constituição".

O que terminamos de apresentar leva-nos a concluir que um estudo do discurso de Caminha que relevasse seu caráter epidítico seria, além de pertinente, promissor. Por uma questão de escolha, porém, preferimos encará-lo como exemplo do forense. Em todo caso, ainda que privilegiando o gênero judiciário, o epidítico não deixa de possuir importância: o vitupério, nos moldes que se faz presente nas *Recordações*, termina por reforçar certos posicionamentos do gênero forense. Isaías Caminha tenciona comprovar que a sociedade é a responsável pelo fracasso que atinge os mulatos na madureza, logo tem de persuadir o auditório de que os membros dessa sociedade são, de uma ou de outra forma, pessoas de má índole, em quem não se pode confiar. E ele o faz valendo-se da censura e do vitupério, com os quais dirige o auditório a ver tal sociedade negativamente.

É dessa perspectiva, portanto, que entendemos certos procedimentos depreciativos de que Isaías sobejamente se serve, tais quais a zoomorfização e a caricatura. Por estes dois processos, ele cria uma espécie de hiato moral entre o auditório e a parcela preconceituosa da sociedade, ao mesmo tempo em que leva o auditório a se identificar com o

pensamento e a proposição que defende. A rigor, Isaías instiga-lhe o seguinte raciocínio: é muito possível que indivíduos assim desprezíveis sejam a verdadeira causa do fracasso de pessoas bem-intencionadas. Poderíamos dizer que Isaías desenvolve o discurso à maneira contrastiva: ele, bom e confiável, em oposição à sociedade, insensível e dissimulada.

Se, de um lado, Isaías deseja a adesão do público à sua proposta, por outro, quer que ele ria da proposta contrária. Assim, o riso seria uma sanção à tese, a seu ver absurda, dos racistas. O que estes últimos defendem torna-se ridículo, porque eles próprios, como propugnadores da causa, são descritos de forma risível. Em outros termos: o ridículo dos racistas acaba se propagando para a própria causa que defendem.

O papel e a importância do ridículo na persuasão são notados por Perelman (1992,p.277):

O ridículo é a arma poderosa de que dispõe o orador contra aqueles que ameaçam abalar a sua argumentação, recusando-se, sem razão, a aderir a uma ou outra premissa do seu discurso.

Segundo Reboul(1993,p.61), a força persuasiva do humorista explica-se em razão de ele pôr o auditório a seu lado, pela simpatia e confiança que lhe inspira.

Para melhor ilustrar o que estamos dizendo, citamos o episódio em que Isaías, após ler nos jornais a seção do "precisa-se", julga-se em condições de concorrer à vaga de



acompanhante de um cesto de pão. Ele, no entanto, é recusado sem maiores motivos. Muito embora não esteja explícito, sabemos, e o orador/narrador também, que a causa da rejeição é racial. Como se depreende, o padeiro é um representante da sociedade preconceituosa. Tendo isto em mira, o orador aplica-se a descrevê-lo de uma maneira que o faz beirar o animalesco, fato confirmado pelo uso do vocábulo arroba: "Não me recordo mais das suas feições, mas tenho na memória as suas grandes mãos com um enorme 'solitário' e o seu alentado corpo de arrobas (p.127)".

Ponderando que os jornalistas d'O Globo, aparentemente em sua grande maioria, mostravam-se adeptos da teoria racista, não estranha que Isaías quisesse passar deles a pior imagem possível, desautorizando-os como sustentadores de uma causa séria. Com efeito, avultam dos jornalistas caricaturas, isto é, exagerações deformadoras de detalhes, e zoomorfizações, pelas quais o humano é aproximado, o mais das vezes de forma cômica, do animal irracional. Eis alguns exemplos (os nomes próprios indicam os jornalistas que Caminha descreve): são procedimentos

incontáveis. Raul Gusmão: "Falava e não nos olhava quase; errava os olhos - os olhos pequeninos dentro de umas órbitas quase circulares a lembrar vagamente uma raça qualquer de suíno (p.68)"; como a reificação, a paródia e a ironia; mas

isso se altera. Aires d'Ávila: "A sua face tiva alongava-se desmedidamente e o crânio diminuía; o maxilar inferior avançava muito, o nariz ficava colado ao superior e vinha

terminar com ele; e tudo tomava uma posição oblíqua, como se fosse uma imensa cabeça de porco(p.157)";

Pranzini: "Pranzini era o cão de fila do diretor(p.193)";

Leporace: "Leporace, que raramente saía de sua natureza de celentério, pôs-se nervoso e começou a dar as providências, a explorar o caso (p.205)";

Lobo: "Tinha um pescoço de ave a sair de uns colarinhos muito baixos que a gravata cobria inteiramente(p.227)";

Floc: " e quando Floc chegou, com o seu grande queixo atirado para diante como um ariete e os seus bigodes de azeviche, dei-lhe o livro(p.240)";

Rolim: "Tinha mais de quarenta anos, uns grandes pés espalmados e o queixo erguido para o alto quase a bater nos bigodes fartos e negros(242)".

É possível perceber que a caricatura e a zoomorfização são algumas das formas em que a censura de Isaías Caminha pode se atualizar, pois são procedimentos incontestavelmente depreciativos, como bem o prova o apagamento do traço racional que a zoomorfização proporciona. Poderíamos ainda ter discorrido sobre outras dessas formas, como a reificação, a paródia e a ironia; mas isso seria ultrapassar nossos planos. Objetivamos, neste item, apenas mostrar que alguns processos característicos do



#### 4.2 ETAPAS DO DISCURSO

gênero epidítico auxiliam o orador na realização de seu discurso forense.

##### 4.2.1 INVENÇÃO

Neste ponto da análise, elencaremos as provas persuasivas do orador. Antes desse levantamento, apresentaremos uma rápida idéia da dimensão e do papel que possui a invenção na Retórica Antiga.

A invenção constitui a primeira fase da elaboração de um discurso retórico. Em um conceito que procura ser, a um tempo, simples e abrangente, Lausberg (1972,p.91) a define nesses termos:

o acto de encontrar pensamentos (res) adequados à matéria, conforme o interesse do partido representado, pensamentos que servem como instrumentos intelectuais e afetivos para obter, pela persuasão do juiz, a vitória do partido representado.

O levantamento das provas é, em síntese, a atividade exercida durante essa fase. Em vista disso, podemos ter ciência de quanto a invenção é importante para a técnica retórica, uma vez que é mediante as provas que se persuade.

Na invenção, uma disciplina ocupa um lugar todo especial: a tópica. Por meio dela o orador encontra os lugares de onde as provas são extraídas. Lugares, a propósito, devem ser entendidos figuradamente como compartimentos em que a memória foi dividida e nos quais

## 4.2 ETAPAS DO DISCURSO

### 4.2.1 INVENÇÃO

Neste ponto da análise, elencaremos as provas persuasivas do orador. Antes desse levantamento, apresentaremos uma rápida idéia da dimensão e do papel que possui a invenção na Retórica Antiga.

A invenção constitui a primeira fase da elaboração de um discurso retórico. Em um conceito que procura ser, a um tempo, simples e abrangente, Lausberg (1972,p.91) a define nesses termos:

o acto de encontrar pensamentos (res) adequados à matéria, conforme o interesse do partido representado, pensamentos que servem como instrumentos intelectuais e afetivos para obter, pela persuasão do juiz, a vitória do partido representado.

O levantamento das provas é, em síntese, a atividade exercida durante essa fase. Em vista disso, podemos ter ciência de quanto a invenção é importante para a técnica retórica, uma vez que é mediante as provas que se persuade.

Na invenção, uma disciplina ocupa um lugar todo especial: a tópica. Por meio dela o orador encontra os lugares de onde as provas são extraídas. Lugares, a propósito, devem ser entendidos figuradamente como compartimentos em que a memória foi dividida e nos quais



estão depositados os pensamentos, os argumentos, as premissas que vêm à tona por meio de determinadas perguntas que o orador se faz. Assim concebida, a tópica assemelha-se a um método de investigação, pelo qual o orador descobre as idéias de que necessita para a formulação do discurso.

As provas retóricas dividem-se em extrínsecas e intrínsecas. As extrínsecas não pertencem à técnica retórica, são provas que já preexistiam, como os testemunhos, as confissões, um objeto incriminador, as leis, as citações de autores consagrados. Necessitam elas, por isso mesmo, somente da manipulação adequada do orador. As intrínsecas, contrariamente, dependem de maneira direta da técnica retórica e da habilidade do orador.

As provas intrínsecas podem ser lógicas ou psicológicas. Se lógicas, dividem-se em silogismos e exemplos; se psicológicas, em éticas e patéticas. Essa divisão está apoiada nos dois caminhos em que a invenção se biparte: o convencer pela razão e o comover pela emoção.

As provas lógicas produzem convicção intelectual, que se converte num impulso que leva à ação. Nesse caso, persuade-se pelo exemplo, um caso particular de indução, e pelo entimema, forma especial de silogismo. Especial porque uma de suas proposições é omitida, e o seu conteúdo é dialético ou provável.

As provas psicológicas produzem comoção psíquica no público para que este aceite mais facilmente a proposição do orador. Esse consentimento afetivo, como acontece com a

convicção intelectual, pode suscitar uma ação. Os argumentos psicológicos bifurcam-se em duas linhas: os éticos e os patéticos. Os argumentos ou provas éticas assentam-se na impressão favorável que o orador transmite de si ao auditório. Aristóteles confere a esses argumentos inegável importância. Segundo o filósofo grego (1959,p.25), o caráter moral do orador é "a prova determinante por excelência", pois sua probidade em muito influi no ânimo e na disposição do público, quando este é chamado a se pronunciar a respeito de uma questão dialética: (p.172):

Obtém-se a persuasão por efeito do caráter moral, quando o discurso procede de maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de confiança. As pessoas de bem inspiram confiança mais eficazmente e mais rapidamente em todos os assuntos, de um modo geral; mas nas questões em que não há possibilidade de obter certeza e que se prestam à dúvida, essa confiança reveste particular importância (p.24-5).

Pelas provas éticas, os oradores fazem-se recomendáveis e dignos de ser escutados. Por conta disso, buscam se apresentar como pessoas boas, humanas, agradáveis, nobres, sábias, fortes e sinceras.

A parte do discurso mais indicada para os argumentos éticos é o exórdio, porque aí o orador tenta captar a benevolência, a atenção e a docilidade do auditório; nada obstante, eles podem estar disseminados em qualquer lugar da peça oratória.



expresso. Convencer os ouvintes por meio das paixões, eis o objetivo dos argumentos patéticos. As paixões agem diretamente no auditório, pois, como bem anota Aristóteles (1959, p.102), elas "são as causas que introduzem mudanças em nossos juízos", que variam consoante experimentamos um sentimento forte, como a alegria ou o ódio. As paixões levam o auditório, pela emoção, a esposar a proposição do orador.

Os teóricos da literatura parecem ter em mente essa lição, quando aconselham os escritores a fazer acompanhar o desenvolvimento de seu tema do elemento emocional. É o que diz, por exemplo, Tomachevski (1973, p.172):

O elemento emocional contribui muito para cativar a atenção. Não é sem razão que, segundo sua característica emocional, classificam-se em comédias e tragédias as peças destinadas a agir diretamente sobre um grande público. Suscitar uma emoção é o melhor meio para cativar a atenção.

O tom frio do relator que constata as etapas do movimento revolucionário não é suficiente. É preciso simpatizar, indignar-se, rejubilar-se, revoltar-se. Dessa maneira, a obra torna-se atual no preciso sentido do termo, porque age sobre o leitor acordando nele emoções que dirigem sua vontade.[...] O leitor deve ser orientado na sua simpatia, em suas emoções.

Em certos manuais de retórica, encontramos verdadeiras listas de meios pelos quais o orador pode suscitar o patético em favor de sua causa, como a exibição das roupas ensangüentadas da vítima, a apresentação de seus órfãos e a exposição da família do acusado, bem como o recurso a procedimentos lingüísticos que proporcionam a mesma a retórica repugna empregar uma estrutura silogística

expressão de sentimentos fortes, como a amplificação, a apóstrofe, a exclamação, a hipérbole e outros.

Os argumentos patéticos, para deixar uma última impressão bastante intensa nos ouvintes, são estrategicamente situados na peroração do discurso. Todavia, suscitam-se as paixões também no exórdio e em outras partes. As paixões mais usuais são a indignação, o ódio, a cobiça, o ciúme, a alegria, a inveja, a esperança, o temor e a compaixão.

Como tem sido possível notar, o domínio da invenção é amplo, estendendo-se da lógica (reflexão sobre os argumentos) à psicologia humana. Tal vastidão levou Olivier Reboul (1993,p.24) a ver na Retórica Antiga a origem das ciências humanas.

Da invenção interessam-nos para o exame do discurso de Caminha as provas. Como aconselha o modelo retórico de análise literária, trataremos diferenciadamente as lógicas das psicológicas. Não será nosso projeto, contudo, reduzir as provas lógicas à estrutura rigorosa de silogismos, muito embora algumas se prestem a isso. Devemos ter presente que o discurso de Isaías Caminha é um texto literário e, portanto, não se deve exigir dele uma estrutura argumentativa perfeita, da forma como é encontrada nos textos de lógica ou nos verdadeiros discursos forenses. De mais a mais, como adverte Varga (1971,p.60), mesmo à retórica repugna empregar uma estrutura silogística



precisa, que habitualmente encerra o silogismo em exatas três proposições.

É preciso admitir ainda que as provas que apresentaremos como lógicas recebem influência do *pathos*. Consideramo-las lógicas, entretanto, porque os raciocínios que delas se originam, e não as emoções que produzem, estão em primeiro plano.

Com efeito, chegando a este ponto, devemos relembrar a proposição de Isaías: quer provar, com seu exemplo, que a causa do fracasso dos mulatos não está em sua natureza, mas na sociedade. E por que na sociedade? Porque ela, marcadamente preconceituosa, injusta e insensível, representa-lhes um obstáculo à ascensão social e profissional, como nos mostra o trecho seguinte (p.41-2):

dês que me dispus a tomar na vida o lugar que parecia ser de meu dever ocupar, não sei que hostilidade encontrei, não sei que estúpida má vontade me veio ao encontro, que me fui abatendo, decaindo de mim mesmo, sentindo fugir-me toda aquela soma de idéias e crenças que me alentaram na minha adolescência e puerícia.

Cri-me fora de minha sociedade, fora do agrupamento a que tacitamente eu concedia alguma coisa e que em troca me dava também alguma coisa.

Não sei bem o que cri; mas achei tão cerrado o cipoal, tão intrincada a trama contra a qual me fui debater, que a representação da minha personalidade na minha consciência, se fez outra, ou antes esfacelou-se a que tinha construído. Fiquei como um grande pacote moderno cujos tubos da caldeira se houvessem rompido e deixado fugir o vapor que movia suas máquinas.

Isaías Caminha ao esbarrar na sociedade - "cipoal cerrado" -, vai declinando da idéia de vencer na vida pelo

estudo, e redimir, por consequência, a raça negra. Abatido, sujeita-se a um emprego, modesto para suas pretensões iniciais, de contínuo em um jornal. Mesmo progredindo no serviço, permanece insatisfeito, pois se deixara dominar por valores condenáveis. Desiludido por completo, abandona o Rio de Janeiro e o jornal em favor de uma existência humilde e medíocre, numa pequena cidade do interior do Espírito Santo, ilustrando de vez a tese do fracasso dos mulatos.

Isaiás capitula - não confirmando os prognósticos auspiciosos de seus primeiros professores - por não ter encontrado o apoio de que necessitava. Dessa maneira, suas provas objetivam persuadir o auditório de que a sociedade agiu impiedosamente com ele. A explicação, portanto, dos "tão feios fins de tão belos começos" dos mulatos é social e não racial: (p.60). A diferença entre os tratamentos é

[a explicação] está na sociedade e não no indivíduo desprovido de tudo, de família, de afetos, de simpatias, de fortuna, isolado contra inimigos que o rodeiam, armados da velocidade da bala e da insídia do veneno (p.42).

Começamos, pois, a elencar certas provas - umas mais explícitas, outras, menos - empregadas pelo orador para exemplificar a ação destrutiva da sociedade, ponto fundamental de sua argumentação.

A primeira encontra-se no segundo capítulo do discurso. O fato ocorre numa das paradas do trem com o qual Isaiás viaja para o Rio de Janeiro. Ele, tendo fome,



dirige-se ao bar da estação. Após se servir, paga o caixeiro. Em vista da demora em lhe trazerem o troco, reclama. O caixeiro, indignado com a queixa e em tom desabrido, responde: "Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo?" (p.60). O orador desenvolve muito bem o incidente, dando a entender que fora vítima de preconceito racial.

Vale-se, para isso, do contraste, pelo qual mostra a diferença do tratamento dispensado aos clientes. Nesse sentido, é preciso estar atento à informação que ele fornece, segundo a qual "encontravam-se lá muitos passageiros", sendo apenas ele alvo de recepção grosseira.

O contraste acentua-se quando o orador se recorda de que, ao mesmo tempo, ao seu lado, "um rapazola alourado, reclamava o [troco] dele, que lhe foi prazenteiramente entregue" (p.60). A diferença entre os tratamentos é ressaltada por expressões tais que "ao mesmo tempo ao meu lado" e "rapaz alourado".

Isaías, mestiço, está ao lado de um rapaz louro; se a resposta do caixeiro lhe foi em "tom desabrido", o troco ao rapaz foi "prazenteiramente entregue". Com tal arranjo, pretende o orador chamar a atenção do auditório para esse nítido contraste, e, assim, dar provas do tratamento desigual da sociedade.

Já em pleno Rio de Janeiro, a recepção que tem do jornalista Raul Gusmão também é uma prova em benefício de sua proposição, pois trata-se de mais um exemplo das muitas



hostilidades de que é vítima e que o fazem crer fora da sociedade: "nos tratou, a mim e ao padeiro, com tal desdém, com tal superioridade que fiquei entibiado, esmagado" (p.68).

Nas páginas seguintes, o orador, utilizando-se de um exemplo retirado da mitologia greco-latina, compara o jornal, que tão bem encarna os valores da sociedade preconceituosa, a uma oficina de ciclopes:

Todos [os jornalistas] para ele [Laje da Silva] eram sagrados, seres superiores ou necessários aos seus negócios, pois viviam naquela oficina de ciclopes onde se forjavam os temerosos raios capazes de ferir deuses e mortais, e os escudos capazes também de proteger as traficâncias dos mortais e dos deuses (p.69-70).

Com esse exemplo, pretende atingir o intelecto do auditório por via de um raciocínio: os ciclopes são seres monstruosos, cruéis e bárbaros; os jornalistas são como os ciclopes, logo também são monstruosos, cruéis e bárbaros. Trata-se, em certo sentido, de uma prova extrínseca, já que estamos diante de uma narrativa retirada de pronta da mitologia.

O gerente do hotel em que Isaiás Caminha se hospeda imediatamente após sua chegada ao Rio de Janeiro também mostra-se pouco afável, constituindo mais uma prova de hostilidade:

A minha ignorância de viver e falta de experiência quase deixavam transparecer a natureza das minhas preocupações. O gerente do hotel pareceu-me que as farejava. De quando em quando, procurava na conversação amedrontar-me com o seu poderio, proveniente de estreitas relações que mantinha com as autoridades (p.86).



O episódio do deputado Castro igualmente pode ser listado como prova. Para tanto, devemos nos reportar ao momento em que Isaías resolve tentar a sorte na capital. Para execução desse objetivo, é auxiliado pelo seu tio Valentim, que pede ao coronel Belmiro, líder político local, uma carta de recomendação para o sobrinho. Por ela, o coronel deveria solicitar a Castro, político carioca, que empregasse o jovem. Como o deputado devesse favores a Belmiro, este acha por bem escrever a correspondência, certo de que o pedido seria acatado.

Isaías, muito confiante no futuro auxílio de Castro, dá por garantida sua situação:

A minha situação no Rio estava garantida. Obteria um emprego. Um dia pelos outros iria às aulas, e todo o fim de ano, durante seis, faria os exames, ao fim dos quais seria doutor!

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e omnímodo de minha cor... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente (p.53).

Tão logo chega ao Rio, o Isaías fala com o parlamentar, que se mostra, na ocasião, pouco solícito, adiando sua decisão.

Isaías, no entanto, descobre, pela leitura de um jornal, que naquele mesmo dia o deputado iria partir para São Paulo, onde permaneceria algum tempo estudando a cultura do café.

Castro não cumpre sua obrigação com Isaías e com o coronel Belmiro; é representante, nesse sentido, de uma sociedade pouco honrada e que não cultua os laços morais.

Sem nenhuma ajuda e diante de uma sociedade dissimulada, Isaías antevê, num assomo de desespero, a sua derrota:

Num relâmpago, passaram-me pelos olhos todas as misérias que me esperavam, a minha irremediável derrota, a minha queda aos poucos - até onde? até onde? E ficava assombrado que aquela gente não notasse o meu desespero, não sentisse a minha angústia... (p.102).

Com base na conduta de Castro, Caminha abstrai a idéia de um sítio que lhe é imposto pela sociedade:

Depois dessa violenta sensação na minha natureza, invadiu-me uma grande covardia e um pavor sem nome: fiquei amedrontado em face das cordas, das roldanas, dos contrapesos da sociedade; senti-os por toda a parte, graduando os meus atos, anulando os meus esforços; senti-os insuperáveis e destinados a esmagar-me, reduzir-me ao mínimo, a achatar-me completamente (p.102)

Após ler o anúncio da viagem de Castro, Isaías recebe, no bonde, um grande safanão. O que o irrita não é o empurrão em si, mas o fato de não terem se desculpado pelo incidente. Por consequência, experimenta "um sentimento de opressão da sociedade inteira" (p.103).

É bom notar como o orador generaliza de casos particulares: a opressão do caixeiro, a de Raul Gusmão, a do gerente do hotel, a do deputado Castro, a do sujeito do bonde levam-no a concluir, numa espécie de indução, que a



opressão parte da "sociedade inteira". Por esse artifício quer persuadir o seu auditório de que não poderia mesmo vencer em condições tão adversas, de onde todo o seu desalento: "Senti-me humilhado, esmagado, enfraquecido por uma vida de estudo, servir de joquete, de irrisão a esses poderosos todos por aí" (p.103).

Isaiás vai tomando consciência de que está ao gosto dos poderosos, dos quais depende o curso de sua vida. Mesmo Castro já lhe havia sugerido que para conseguir algo eram necessários "grandes recomendações, poderosos padrinhos" (p.110). Destarte, o orador quer que o auditório raciocine da seguinte maneira: somente consegue vencer aquele que tem grandes recomendações e poderosos padrinhos; como Isaiás não os tem, jamais poderá vencer, apesar das melhores disposições.

E uma vez mais ele acentua o seu desânimo:

Estava deprimido, desalentado; a minha vontade era frouxa; os meus sentimentos tinham-se enfraquecido durante aquela longa viagem de bonde a pensar na vida, a curtir ódios, a arquitetar vinganças e a farejar a miséria próxima (p.105).

Prova outra que o orador fornece para ilustrar a má vontade contra ele é a vexatória experiência na delegacia de polícia. Isaiás é injustamente suspeito de ter roubado ao coronel Figueira, hóspede como ele do Hotel Jenikalé, certa quantia em dinheiro, razão pela qual é chamado à delegacia a fim de ser interrogado.

Lá chegando, aguarda sentado a hora de se explicar; nesse meio tempo, escuta uma conversa entre o inspetor Raposo e o escrivão Viveiros, que se lhe refere nestes termos: "-E o caso do Jenikalé? Já apareceu o tal 'mulatinho'?" (p.110). Ele, ante tal chamamento, sente-se profundamente desrespeitado.

Isaías julga grave a desconsideração pois é oriunda de um representante do governo: a má vontade é, a bem examinar, institucional:

sentia na baixaza do tratamento, todo o desconhecimento das minhas qualidades, o julgamento anterior da minha personalidade que não queriam ouvir, sentir e examinar. O que mais me feriu, foi que ele partisse de um funcionário, de um representante do governo, da administração que devia ter tão perfeitamente, como eu a consciência jurídica dos meus direitos ao Brasil e como tal merecia dele um tratamento respeitoso (p.111).

Para os policiais, Isaías é, de antemão, o culpado do crime de furto; dessa maneira, o interrogatório que lhe aplicam vem coalhado de segundas intenções e afrontas. O delegado, por exemplo, duvida terminantemente de sua profissão declarada - estudante -, e pergunta-lhe um tanto irônico: "Então você é estudante?" (p.116). Em vista disso, o orador reflete:

Era mais uma variante daquelas tolas humilhações que eu já sofrera; era o sentimento geral da minha inferioridade, decretada a priori, que eu advinhei na sua pergunta. E afirmei então com a voz transtornada:

-Sou, sim, senhor! (p.116).



Assim, o orador tenta justificar seu fracasso afirmando que as pessoas, por lhe serem antecipadamente hostis, obstaculizam seu projeto de ascensão profissional e intelectual. O orador o utiliza como prova do cerco da

sociedade. Isaías sabe que para vencer na vida deve lançar mão de grandes esforços, visto que tinham decretado, *a priori*, sua inferioridade. A fim de dar uma idéia da dimensão do fato, o orador compara sua tarefa com aquela dos Titãs, valendo-se de um exemplo, em cujo interior existe um raciocínio. Segundo Quintiliano (1944, p.257, v.1), o exemplo "é a lembrança que fazemos de um fato, ou acontecido, ou que podia acontecer, útil para persuadir o que intentamos". Eis o exemplo a que nos referimos:

Como que percebia que estava proibido de viver e fosse qual fosse o fim da minha vida os esforços haviam de ser titânicos. Foi talvez esse adjetivo que me fez deliberar de outro modo. Passou-me pela memória a anedota mitológica que ele evoca. Representou-se-me a luta daqueles heróis com os deuses, a sua teimosia em escalar o céu, a energia que puseram em tão insensata empresa... Vi o quadro com todas as cores e com todas as figuras... Abalei-me de emoção; achei nessa atitude uma estranha grandeza, não sei que fulgurante beleza que me tornou logo interiormente alegre[...] Abandonei a volta covarde para a casa materna e decidi-me a lutar, a bater-me para chegar - aonde? - não sabia bem; para chegar fosse como fosse (p.124-5).

O orador deseja com o exemplo acima que o auditório raciocine da seguinte maneira: somente sendo um herói para vencer no seio de uma sociedade preconceituosa, pois seus integrantes são poderosos como deuses.

Se acaso um dos viajantes dava comigo, afastava logo o



A semente de esperança que germina em Isaías - decide lutar tanto quanto um titã! - logo perece em função da negativa do padeiro em lhe empregar. O que mais conta no caso é que o orador o utiliza como prova do cerco da sociedade:

Naquela recusa do padeiro em me admitir, eu descobria uma espécie de sítio posto à minha vida. Sendo obrigado a trabalhar, o trabalho era-me recusado em nome de sentimentos injustificáveis. Facilmente generalizei e convenci-me de que esse seria o proceder geral.[...] Revoltava-me que me obrigassem a despendar tanta força de vontade, tanta energia com cousas em que os outros pouco gastavam. Era uma desigualdade absurda, estúpida[...] (p.127).

Tal qual aponta em sua generalização, o caso da recusa do padeiro era "uma simples manifestação de um sentimento geral" (128). O orador, como se percebe, trabalha retoricamente com a indução, por meio da qual quer persuadir o auditório de que todas as portas lhe estavam fechadas, sendo exatamente essa a causa de seu fracasso:

Aquela sociedade com pessoas que me tinham suspeitado ladrão, pesava-me, abatia-me. A esperança num emprego humilde esvaíra-se. A recusa sistemática do padeiro fizera-me supor que era assim em todas as profissões. Assim seriam os hoteleiros, os donos de café, de confeitarias, de cocheiras... Não sabia por onde sair; era de um verdadeiro sítio à minha vida que eu tinha sensação (p.130).

Isaías não conta com a solidariedade de ninguém. Exemplo certo disso é a descrição que faz dos passageiros dos bondes:

Se acaso um dos viajantes dava comigo, afastava logo o



olhar com desgosto. Eu não tinha nem a simpatia com que se olham as árvores; o meu sofrimento e as minhas dores não encontravam o menor eco fora de mim (p.129).

A situação de Isaías Caminha, no Rio de Janeiro, é análoga à de um naufrago atirado a terras estranhas, cujos habitantes são bárbaros. O orador, nesse sentido, recorre a um exemplo para provar a aspereza da sociedade:

As plumas dos chapéus das senhoras e as bengalas dos homens pareceram-me ser enfeites e armas de selvagens, a cuja terra eu tivesse sido atirado por um naufrágio. Nós não nos entendíamos; as suas alegrias não eram as minhas; as minhas dores não eram sequer percebidas... Por força, pensei, devia haver gente boa aí... Talvez tivesse sido destronada, presa e perseguida; mas devia haver... Naquela que eu via ali, observei tanta repulsa nos seus olhos, tanta paixão baixa, tanta ferocidade que eu me cri entre yahoos e tive ímpetos de fugir antes de ser devorado... (p.129).

Curioso é perceber que Caminha enfrenta resistência até das pessoas de sua etnia. Tal ocorre quando ele, para ler, se senta num banco de praça pública. Passado ali algum tempo, nota a presença de uma rapariga de cor. Como continuasse a leitura indiferente à moça, esta, ferida no seu orgulho, o ironiza: "-Que tipo! Pensa mesmo que é doutor..." (p.131).

O orador, entretanto, insiste em continuar expressando o seu desalento, para deixar claro a ação destruidora da sociedade:

Aquele meu fervor primeiro, tinha sido substituído por uma apatia superior a mim. Tudo me parecia acima de minhas forças, tudo me parecia impossível; e que não era eu propriamente que não podia fazer isso ou aquilo, mas eram todos os outros que não queriam, contra a vontade dos



quais a minha era insuficiente e débil. A minha individualidade não reagia; portava-se em presença do querer dos outros como um corpo neutro; adormecera, encolhera-se timidamente acobardada(p.133).

Salientemos sobre o trecho a intensidade com que o orador acentua o fato de que não é propriamente ele o culpado de sua apatia, mas "todos os outros". Na verdade, essa é uma reescritura de sua proposição, daí termos de entender o "eu propriamente" como a natureza intrínseca dos mulatos, e "todos os outros", a sociedade opressora.

Quer o orador que o auditório admita ser a falta de solidariedade fundamental para seu fracasso, pois na ocasião em que necessita de ajuda não a tem. Assim é com Agostinho Marques, de quem recebe um módico salário em troca de algumas aulas particulares. Marques personifica as atitudes de uma sociedade ensimesmada e incapaz de apiedar-se das dificuldades alheias:

Aos poucos, [Marques] desistiu da lição e diminuiu-me o ordenado, que era anteriormente de quarenta mil-réis, dados aos bocados. Entretanto, cada dia se apurava mais no trajar, fazia amigos entre a gente importante, cercava-os, tinha um cumprimento e um sorriso para cada um (p.148).

Nem mesmo Leiva, com assomos de revolucionário socialista, vem em seu socorro: "Leiva era incapaz do menor obséquio; nada lhe fazia retirar um tostão dos seus perfumes e das suas roupas" (p.149). Sem nenhuma espécie de auxílio, resta ao jovem adaptar-se resignadamente a um novo estado de coisas.



Isaiás declina, então, de seu projeto inicial: abandonaria a idéia do estudo e aceitaria qualquer emprego que lhe garantisse a sobrevivência. Munido desse propósito, sujeita-se ao cargo de contínuo de redação d' *O Globo*, onde passa a conviver com o preconceito e a mediocridade.

Já no dia em que chega à redação para conversar com o jornalista Gregoróvitch a respeito do emprego, Caminha percebe que deparará, naquele ambiente, com a mesma hostilidade que havia até então enfrentado:

Falei ao Oliveira, perguntando-lhe pelo doutor Gregoróvitch. O eminente repórter levantou um pouco o olhar de cima do importante escrito (relação dos decretos assinados no último despacho) e, ao dar com a minha fisionomia conhecida e humilde, abaixou-o logo e, entre dentes, transcendentalmente superior, respondeu: "Ainda não veio" (p.151).

O orador, na página 169, mostra, ao reproduzir um diálogo entre Floc e Oliveira, como os jornalistas são racistas. Prova, por consequência, que ali estava sujeito a hostilidades de todas as ordens, responsáveis por seu fracasso:

- Para o auditório melhor compreender essa ação atemorizante, apresento a seguinte imagem persuasiva:
- De quem falas, Oliveira? indagou o recém-chegado.
  - Um mulato aí, um tal Andrade...
  - Incomoda-te o que ele escreve?
  - Com certeza, pois se chama o doutor Ricardo de pirata, de Barba-Roxa...
  - Ora! Tu! Essa gente está condenada a desaparecer; a ciência já lhes lavrou a sentença...
  - Ele de ciência sabia o nome e ignorava a conta de dividir. Calou-se um instante e acrescentou:
  - É preciso fulminar os nulos!



Ele faz questão de reproduzir a conversa, porque assim fornece a medida do sentimento de aversão da sociedade pelos mulatos, que pode ser resumido na frase de Floc "É preciso fulminar os nulos!". Nesse sentido, o orador põe em relevo o papel decisivo dessas circunstâncias para o seu malogro profissional. Pretende, dessa forma, que o auditório conclua que seria impossível para um mulato obter algum êxito nessas condições.

Caminha acaba por se contentar com uma vida medíocre, em tudo diferente daquela que havia antevisto para si. O desdém dos outros, bem como a consciência de haver um cerco aos seus projetos, fazem-no ter medo de ousar:

Eu tinha cem mil-réis por mês. Vivía satisfeito e as minhas ambições pareciam assentes. Não fora só a miséria passada que assim me fizera; fora também a ambiência hostil, a certeza de que um passo para adiante me custava grandes dores, fortes humilhações, ofensas terríveis. Relembrava-me da minha vida anterior; sentia ainda muito abertos os ferimentos que aquele choque com o mundo me causara. Sem os achar, em consciência, justos, acobardava-me diante da perspectiva de novas dores e apavorei-me diante da imagem de novas torturas. Considerei-me feliz no lugar de contínuo da redação do *O Globo* (p.176).

Para o auditório melhor compreender essa ação atemorizante, o orador recorre à seguinte imagem persuasiva:

Tinha atravessado um grande braço de mar, agarrara-me a um ilhéu e não tinha coragem de nadar de novo para a terra firme que barrava o horizonte a algumas centenas de metros. Os mariscos bastavam-me e os insetos já se me tinham feito grossa a pele... (p.176).



O orador caracteriza a sociedade de um modo tão mais ameaçador ao mostrar que ela incorpora os valores negativos da República:

Cada qual mais queria, ninguém se queria submeter nem esperar; todos lutavam desesperadamente como se estivessem num naufrágio. Nada de cerimônias, nada de piedades; era para a frente, para as posições rendosas e para os privilégios e concessões. Era um galope para a riqueza, em que se atropelava a todos, os amigos e inimigos, parentes e estranhos. A república soltou de dentro das nossas almas toda uma grande pressão de apetites de luxo, de fêmeas, de brilho social (p.190).

Em face de uma sociedade assim impiedosa, não é difícil para o orador persuadir seu auditório de que ele teria mesmo de ter fracassado não por uma questão racial, mas devido à ação daqueles inimigos "armados da velocidade da bala e da insidia do veneno". Nesse contexto, as amizades são frágeis, regidas mais pelo interesse do que por sentimentos afetivos:

Os meus primeiros conhecimentos foram-se paulatinamente afastando de mim. Laje da Silva, desde que me vira de botas rotas e esfomeado, passara a cumprimentar-me friamente, superiormente; Leiva tratava-me bem ainda, mas marcando distância, desde que se fizera repórter; e o próprio Gregoróvitch esquecera-se da maneira por que nos conhecêramos e tratava-me com a brandura que usava com todos os inferiores (p.199).

Como parte da estratégia retórica, o orador usa o testemunho - prova extrínseca, portanto, - de sua lavadeira para tornar mais aceitável a proposição que defende. Ao perguntar a D.Felismina se a sua filha é casada, a velha mulata responde: "Não... Vive com um homem... Deu muitas



cabeçadas... Não foi ela... O senhor sabe: nós, quando não temos ninguém, é isso..." (p.225).

O orador procura confirmar, com o caso acima descrito, o fato de que as pessoas de ascendência negra, aí representadas pelo pronome "nós", perdem-se na vida porque não encontram o apoio de que necessitam. Uma situação muito parecida com a sua, portanto.

Os episódios envolvendo racismo no jornal são numerosos. O orador utiliza-se de alguns deles como prova, com o objetivo de evidenciar que a sociedade - de que os jornalistas fazem parte - tem contra os mulatos uma grande má vontade, em função da qual estes não conseguem levar a bom termo seus projetos. É do crítico literário Floc, por exemplo, uma frase com o seguinte teor: "-Que nome! Félix da Costa! Parece até enfeitado! É algum mulatinho?" (p.240). Convivendo nessa atmosfera que beira o ódio racial, em que avultam as pilhérias e os ditos de duplo sentido, Isaías acaba por sentir uma espécie de vergonha de seu nascimento.

Mas, como já assinalamos, ele enfrenta de forma resignada essa situação vexatória. Contenta-se com pouco e não possui mais força para buscar uma vida melhor, mesmo porque tem consciência de que caso se lance a novas empreitadas, colidirá frontalmente com a sociedade repressora. Isaías não quer abrir mão da doce certeza do almoço e do jantar; o cerco da sociedade obriga-o a ver as coisas por esse novo ângulo:





Vivia, então, satisfeito, gozando a temperatura, com almoço e jantar, ignobilmente esquecido do que sonhara e desejara. Houve mesmo um dia em que quis avaliar ainda o que sabia. Tentei repetir a lista dos Césares - não sabia; quis resolver um problema de regra de três composta, não sabia; tentei escrever a fórmula da área da esfera, não sabia. E notei essa ruína dos meus primeiros estudos cheio de indiferença, sem desgosto, lembrando-me daquilo tudo como impressões de uma festa a que fora e a que não devia voltar mais. Nada me afastava da delícia de almoçar e jantar por sessenta mil-réis mensais(p.246).

Algum tempo depois, Isaías Caminha, por benefício do acaso, é promovido a repórter. Isso porque flagra Ricardo Loberant e Aires d'Ávila em meio a uma orgia, num famoso bordel. Após o acontecimento, torna-se o todo-protegido do diretor do jornal, que por essa atitude paternalista lhe compra o silêncio.

Exercendo a nova função, passa a gozar das prerrogativas e dos privilégios comuns aos jornalistas, bem como a manter relações com pessoas da mais alta importância. Sua ligação com Loberant transforma-se em amizade, sendo esse o momento em que ele pode revelar, de algum modo, sua competência e atenuar, ainda que minimamente, a atmosfera pejorativa que pesa sobre sua raça:

Percebi que o espantava muito [a Loberant] o dizer-lhe que tivera mãe, que nascera num ambiente familiar e que me educara. Isso, para ele, era extraordinário. O que me parecia extraordinário nas minhas aventuras, ele achava natural; mas ter eu mãe que me ensinasse a comer com o garfo, isso era excepcional. Só atinei com esse seu íntimo pensamento mais tarde. Para ele, como para toda a gente mais ou menos letrada do Brasil, os homens e as mulheres do meu nascimento são todos iguais, mais iguais ainda que os cães de suas chácaras. Os homens são uns malandros, planistas, parlapatões quando aprendem alguma coi-



sa, fósforos dos políticos; as mulheres (a noção aí é mais simples) são naturalmente fêmeas(p.273-4).

O relativo momento de sucesso alcançado no jornal é inteligentemente usado pelo orador, evidenciando que, quando os mulatos não têm contra si a sociedade, podem chegar a altas posições. A amizade de Ricardo Loberant simboliza o apoio da sociedade a Caminha; assim, quando a sociedade não é mais um cerco, mas uma aliada, ele obtém uma posição de destaque, do mesmo nível da de qualquer grande jornalista branco, provando que os mulatos não possuem nada de intrinsecamente inferior:

A redação toda me encheu de Consideração e a minha intimidade com o doutor Loberant aumentou. Eu mesmo até então reservado e tímido, comecei a animar-me, a ensaiar um dito, a externar uma opinião. Um belo dia ousei até escrever; fiz um artigo (p.277).

E:

Com o andar dos tempos aprendi os processos, fiz-me exímio e quase tão fecundo como o Deodoro Ramalho. Aprendi com o Losque a servir-me dos outros jornais, a receber inspirações neles, a calcar os meus artigos nos que estampavam. Como Losque, norteiei-me para as revistas obscuras, essas que ninguém lê nem os jornais dão notícia. Havia nelas uma pequena idéia, desenvolvia-a, enxertava umas considerações quaisquer. Não foi Losque quem me ensinou, foi a minha sagacidade que descobriu e tirou, da descoberta, os ensinamentos proveitosos(p.277).

Caminha, no entanto, é invadido por uma onda de desgosto: "as sombras e as nuvens começavam a invadir-me a alma, apesar daquela vida brilhante" (p.282). Desagradava-lhe não ter sido fiel a seus ideais e objetivos. Se atingira



uma posição privilegiada, raciocina ele, fora à custa de transigências de toda ordem, e não do estudo, com o qual pretendia, por meio de seu exemplo vitorioso, elevar a imagem dos mulatos. A verdade é que ele considera a sua posição de jornalista apaniguado, em que apresenta todos os defeitos recrimináveis nos profissionais da imprensa, índice de fracasso e vergonha moral:

Desesperava-me o mau emprego dos meus dias, a minha passividade, o abandono dos grandes ideais que alimentara. Não; eu não tinha sabido arrancar da minha natureza o grande homem que desejara ser; abatera-me diante da sociedade; não soubera revelar-me com força, com vontade e grandeza... Sentia bem a desproporção entre o meu destino e os meus primeiros desejos; mas ia(p.283).

Isaiás pergunta-se, angustiadamente, que emprego dera a sua inteligência. Assim, a partir da página 287, suas reflexões apontam para um inegável estado de ceticismo:

Lembrava-me de que deixara toda a minha vida ao acaso e que a não pusera ao estudo e ao trabalho com a força de que era capaz. Sentia-me repelente, repelente de fraqueza, de falta de decisão e mais amolecido agora com o álcool e com os prazeres... Sentia-me parasita, adulando o diretor para obter dinheiro...

Às minhas aspirações, àquele forte sonhar da minha meninice eu não tinha dado as satisfações devidas.

A má vontade geral, a excomunhão dos outros tinham-me amedrontado, atemorizado, feito adormecer em mim o Orgulho, com seu cortejo de grandeza e de força. Rebaixara-me, tendo medo de fantasmas e não obedecera ao seu império(P.287-8).

E mais adiante:

Sentia-me sempre desgostoso por não ter tirado de mim nada de grande, de forte e ter consentido em ser um vulgar assecla e apaniguado de um outro qualquer. Tinha outros



desgostos, mas esse era o principal. Porque o tinha sido? Um pouco devido aos outros e um pouco devido a mim (p.288).

O interessante é que, no final do discurso, o orador desvia-se, pelo menos aparentemente, da proposição, como que bipartindo a culpa de seu fracasso: um pouco devido a ele, um pouco devido à sociedade. Queremos entender que não vai aí nenhuma aceitação da inferioridade racial dos mulatos. Se Isaías pensa que tem uma parcela de culpa no seu processo de degeneração, é um dado estritamente particular, que apenas tem sentido para uma existência individual, com suas idiossincrasias. Assim pensamos porque o orador sempre expressou, de modo muito claro, a opinião segundo a qual o cerco da sociedade racista é o grande responsável pelo insucesso das pessoas de ascendência negra.

Caminha, por fim, abandona o emprego e o Rio de Janeiro, fixando residência em Caxambi, pequena cidade do interior do Espírito Santo, onde passa a exercer o humilde ofício de escrivão da Coletoria Federal. Nessas condições, o orador confirma, de vez, seu fracasso:

Mentalmente comparei os meus extraordinários inícios nos mistérios das letras e das ciências e os prognósticos dos meus professores de então, com este meu triste e bastardo fim de escrivão de coletoria de uma localidade esquecida (p.41).

Lembremos que ele não deseja persuadir seu auditório de que não tenha fracassado; pelo contrário, reconhece-o, pois seu estado atual confirma o fato. O que



não aceita, porém, é que essa degradação seja explicada pela incapacidade genética dos mulatos. Estes não ocupam posição superior ou não atuam decisivamente na comunidade por motivos de ordem social.

É isso o que o orador procura mostrar com suas provas lógicas. Isaías, em razão da má vontade e da hostilidade dos outros, é obrigado a desistir da idéia do estudo e a sujeitar-se ao cargo de contínuo na redação d'O Globo, e, finalmente, à vergonhosa posição de apaniguado do chefe. A nítida percepção de um sítio à sua volta minhe as forças que empregaria para uma possível reação. Desgostoso de tudo, retira-se para uma pequena localidade no Espírito Santo.

Estudemos, agora, as provas psicológicas, começando pelas éticas.

Isaías quer que o auditório persuada-se de que ele, como orador, é uma pessoa simples, caseira, que esposa a vida familiar e que, por tal motivo, merece o crédito e a consideração de todos. Um exemplo disso podemos encontrar no seguinte comentário feito no presente da narração:

Hoje!... É noite. Descanso a pena. No interior da casa, minha mulher acalenta meu filho único. A sua cantiga chega-me aos ouvidos cheia de um grande acento de resignação. Levanto-me, vou à varanda. A lua, no crescente, banha-me com meiguice, a mim e a minha humilde casa roceira(p.103).

O orador, igualmente, deseja passar de si a imagem de alguém preocupado com os objetivos de sua atividade retórica:

Não é o seu [das Recordações] valor literário que me preocupa; é a sua utilidade para o fim que almejo.

Quem sabe se ele não me vai saindo um puro falatório?! (p.119).

Seu respeito confesso pelo auditório pode também ser listado como uma prova ética, atestando a retidão de seu caráter e propósito:

Se me esforço por fazê-lo [o seu livro] literário é para que ele possa ser lido, pois quero falar das minhas dores e dos meus sofrimentos ao espírito geral e no seu interesse, com a linguagem acessível a ele. É este o meu propósito, o meu único propósito (p.120).

Dessa forma, o orador evidencia que a ambição literária, o desejo de glória, ou qualquer outra coisa com isso parecida, não são os deflagradores da decisão de escrever sobre sua vida passada.

O escrúpulo é outra marca de seu caráter, para a qual busca chamar a atenção do auditório:

Escrevendo agora estas páginas, eu tenho escrúpulos. Parece-me que vou acusar o doutor Loberant de ter movido essa sangrenta arruaça e ser culpado da morte de algumas dezenas de cidadãos nas barricadas improvisadas[...]. Seria ignóbil que eu o quisesse acusar. Ele foi, por assim dizer, um benfeitor meu e todos menos eu podem fazê-lo e têm esse direito que me escapa. Contudo, embora possam ser tomadas nesse sentido, as minhas palavras dirão fielmente o que vi e o que senti (p.203).



É muito válido notar, ainda acerca do trecho citado, que Isaías deseja transmitir de si a imagem de um orador/narrador fiel, em quem o público pode confiar sem receio. Além de fiel, bastante polido, especialmente no trato com as mulheres:

Não disse a resposta com naturalidade, esforcei-me por fazê-la polida e amável, e saiu-me por isso completamente desajeitada. Sempre fui assim diante das senhoras, qualquer que seja a sua condição; desde que as veja num ambiente de sala, são todas para mim marquesas e grandes damas. É um sentimento perfeitamente imbecil, de que até hoje não me pude libertar (p.99).

O orador, em nome da veracidade do relato, abandona o acanhamento e confessa certas passagens penosas de sua vida: "Não tenho pejo em confessar hoje que quando me ouvi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos" (p.110). É, como se vê, um artifício eficaz para ganhar a lealdade e benevolência do auditório.

Outra marca a ser destacada do orador é sua franqueza, pela qual esclarece os seus limites: "A imprensa popular de qualquer país, por exemplo: o *Matin*, o *Journal* (falo dos que conheço) - não é tão indigente de leituras[...]" (p.178)

Resta dizer ainda que existe uma prova ética consideravelmente forte disseminada pelo discurso: a autoridade. O orador quando se ocupa dos jornalistas e da sociedade racista, o faz com grande conhecimento de causa, já que viu de perto o funcionamento da imprensa, além de

ter convivido no seio de uma sociedade preconceituosa. Esse detalhe como que confere às suas provas um valor especial, muito importante para a persuasão. Em síntese, o orador afasta de si qualquer suspeita de leviandade.

As provas éticas, quanto ao mais, desempenham um papel fundamental no exórdio de Isaías Caminha. Cuidaremos disso, quando examinarmos a disposição. Passemos, pois, às provas patéticas.

As provas patéticas, com as quais Isaías desperta no auditório compaixão e repulsa, têm grande importância para o efeito persuasivo do seu discurso. Pela compaixão, o auditório sente, mediante um processo de identificação, - visto que todos devem temer a falta de amigos, a pobreza, a solidão, a hostilidade, o preconceito - pena de Isaías. Pela repulsa, o auditório considera negativamente a sociedade preconceituosa, descrita de tal maneira que se acaba por ver o orador como uma daquelas pessoas extremamente fracas, ao lado das quais temos tendência natural de nos posicionar, inocentando-as de qualquer acusação. O orador desperta tais paixões de variadas maneiras. Uma delas é comparar, direta ou indiretamente, sua vida a uma batalha, como atestam os seguintes exemplos que ora apresentamos:

Hoje, já não me recordo bem das fases dessa batalha (p. 48);

Eu estava deitado num velho sofá amplo. Lá fora, a chuva caía com redobrado rigor e ventava fortemente. A nossa casa, o flanco, que a minha pessoa, na batalha da vida, ofe-





recia logo aos ataques dos bons e dos maus, ficaria mascarado, disfarçado...(p.54);

Foram de imensa angústia esses meus primeiros dias no Rio de Janeiro. Eu era como uma árvore cuja raiz não encontra mais terra em que se apóie e donde tire vida; era como um molusco que perdeu a concha protetora e que se vê a toda a hora esmagado pela menor pressão(p.87);

Estava deprimido, desalentado; a minha vontade era frouxa; os meus sentimentos tinham-se enfraquecido durante aquela longa viagem de bonde a pensar na vida, a curtir ódios, a arquitetar vinganças e a farejar a miséria próxima(p.105);

Senti num segundo todas as injustiças que vinha sofrendo; revoltei-me contra todos os sofrimentos que vinha suportando. Injustiças, sofrimentos, humilhações, misérias, juntaram-se dentro de mim[...] (p.117);

Se me esforço por fazê-lo literário é para que ele possa ser lido, pois quero falar das minhas dores e dos meus sofrimentos ao espírito geral e no seu interesse, com a linguagem acessível a ele(p.120);

Tive ímpetos de descer a escada, de entrar corajosamente pelas águas [do mar] adentro, seguro de que ia passar a uma outra vida melhor, afagado e beijado constantemente por aquele monstro que era triste como eu(p.129).

A idéia do suicídio contida no exemplo acima é, sem dúvida, de grande apelo patético. O orador faz uso igualmente de um procedimento bastante difundido para excitar o pathos: as referências à vida familiar:

Eu estava deitado num velho sofá amplo. Lá fora, a chuva caía com redobrado rigor e ventava fortemente. A nossa casa frágil parecia que, de um momento para outro, ia



ser arrastada. Minha mãe ia e vinha de um quarto próximo; removia baús, arcas; cosia, futejava. Eu devaneava e ia-lhe vendo o perfil esquelético, o corpo magro, premido de trabalhos, as faces cavadas com os malarres salientes, tendo pela pele parda manchas escuras, como se fossem de fumaça entranhada. De quando em quando, ela lançava-me os seus olhos aveludados, redondos, passivamente bons, onde havia raias de temor ao encarar-me (p.55-6);

De tarde, repetia a visita [ao deputado Castro], e mais uma vez voltava desalentado, para ficar na janela do hotel desanimado, oprimido de saudades do sossego, da quietude, da segurança do meu lar originário (p.89);

Morria minha mãe! E via-a logo morta, muito magra, os círios, o crucifixo, o choro... Passou-me pelos olhos a sua triste vida, humilde e humilhada, sempre atirada a um canto como um móvel velho, sem alegria, sem fortuna, sem amizade e sem amor...

Durante aqueles meses de ausência, eu pouco me detive na sua recordação; mas agora elas eram freqüentes e a sua figura flutuava a meus olhos: magra, esquelética, com o corpo premido pelos trabalhos e tendo pelas faces aquelas manchas que pareciam de fumaça entranhada... Eu quis envolver essa recordação com que havia em mim de mais terno e também as outras que me vieram; a volta do colégio, o abraço que eu lhe dava; a minha doença, como ela me dava remédios... E tudo vinha com pressa do fundo de mim mesmo, subia uma recordação que expulsava outra; por fim, tudo se baralhou, tornou-se confuso e os meus olhos se orvalharam de pranto (p.149-50);

Não consegui realizar tudo isto. Casei-me, é verdade; mas o único filho que tive, acaba de morrer em tenra idade (p.282);

Lembrava-me da vida de minha mãe, da sua miséria, da sua pobreza, naquela casa tosca; e parecia-me também condenado a acabar assim e todos nós condenados a nunca ultrapassar (p.287).

A pobreza material é outro lugar de onde são retiradas algumas de suas provas patéticas:

Certas provas patéticas também se originam do preconceito. É bem fácil de imaginar com que sorte de cogitações eu



ia passando esses dias. O meu dinheiro dentro em breve, pago o hotel, ficaria reduzido a alguns mil-réis insignificantes. Não conhecia ninguém, não tinha a mínima relação que me pudesse socorrer, dar-me qualquer coisa, casa ao menos, até que me arranjasse (p.85);

Oprimido com uma antevisão de misérias a passar, de humilhações a tragar, o meu espírito deformava tudo que via. Os menores fatos que lhe caíam ao alcance, eram aumentados de um lado, diminuídos de outro; fazia-se outra coisa muito diversa para minha sensibilidade enfermiça, que a imaginação guiava para sentir todos os terrores e ameaças. Perdia a realidade da vista e vivia subdelirante num mundo de cousas grotescas, absurdas e não existentes (p.87);

Num relâmpago, passaram-me pelos olhos todas as misérias que me esperavam, a minha irremediável derrota, a minha queda aos poucos - até onde? até onde? E ficava assombrado que aquela gente não notasse o meu desespero, não sentisse a minha angústia... (p.102);

Jantava, uns dias; em outros, almoçava unicamente; e houve muitos que nem uma coisa ou outra fiz (p.134);

Foi uma grande época de fome e sofrimentos na minha vida. Leiva era incapaz do menor obséquio; nada lhe fazia retirar um tostão dos seus perfumes e das suas roupas. Vendi as melhores roupas que tinha, tudo que tinha valor vendi, e, quando nada mais tinha que vender, passei dias inteiros sem tomar café. Lá chegava uma ocasião que alguém, um quase desconhecido, uma fisionomia encontrada momentaneamente, me convidava a jantar; e se não fossem eles, eu talvez tivesse morrido de inanição ou furtado bolos às confeitarias (p.149);

Eu não tinha mais onde dormir, havia dois dias que não comia, tinha a máxima necessidade de falar ao russo (p.151);

Eu estava ali [na redação do jornal] de colarinho sujo, esfomeado [...] (p.161).

Certas provas patéticas também se originam do preconceito racial:



rece ser meu destino ficar sempre (p.230);

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplicio premente, cruciante e omnímodo de minha cor...(p.53);

Houve ocasião em que ele [deputado Castro] exproboou essa nossa mania de empregos e doutorado, citando os ingleses e os americanos. -Todo o mundo quer ser doutor... Corei indignado e respondi com alguma lógica, que me era impossível romper com ela; se os fortes e aparentados, os relacionados para a formatura apelavam, como havia eu, mesquinho, semi-aceito, de fazer exceção? (p.101);

Hoje, agora, depois não sei de quantos pontapés destes [havia sido chamado de mulatinho na delegacia] e outros mais brutais, sou outro, insensível e cínico, mais forte talvez; aos meus olhos, porém, muito diminuído de mim próprio, do meu primitivo ideal, caído dos meus sonhos, sujo, imperfeito, deformado, mutilado e lodoso (p.110).

Da mesma forma, o orador obtém a comoção do auditório ao acentuar a sua solidão e a falta de solidariedade de que é vítima:

Vinham-me então os terrores sombrios da falta de dinheiro, da falta absoluta. Voltava para o hotel taciturno, preocupado, cortado de angústias. Sentia-me só, só naquele imenso e grande formigueiro humano, só, sem parentes, sem amigos, sem conhecidos que uma desgraça pudesse fazer amigos. Os meus únicos amigos eram aquelas notas sujas encardidas; eram o meu único apoio; eram elas que me evitavam as humilhações, os sofrimentos, os insultos de toda sorte (p.86);

fiquei amedrontado em face das cordas, das roldanas, dos contrapesos da sociedade; senti-os por toda a parte, graduando os meus atos, anulando os meus esforços; senti-os insuperáveis e destinados a esmagar-me, reduzir-me ao mínimo, a achatar-me completamente...(p.102);

Inútil dizer que fiquei de longe [durante a recepção da chegada do redator português recém-contrado pelo jornal], sozinho, como sempre fiquei nessas cousas e como pa-



rece ser meu destino ficar sempre(p.230);

Eu esperava, afastado do grosso da claque, tímido diante de tanta grandeza inabalável(p.232).

O orador, em determinadas oportunidades, serve-se de uma descrição opressora da paisagem, para elevar ao máximo a intensidade de suas agruras materiais e espirituais. Uma paisagem descrita nesses termos estaria irmanada ao seu sofrimento interior, ressaltando-o e tornando-o mais convincente ao auditório.

Na delegacia de polícia, por exemplo, a paisagem extremamente turva vem fazer eco ao seu sentimento negativo:

Nuvens plúmbeas já de todo tinham coberto a nesga do céu vista pela janela [da delegacia]. Havia como que fuligem na atmosfera e a luz do sol tornara-se de um amarelo pardacento e fúnebre. A temperatura continuava elevada e o ar abafado da sala incomodava-me. A ressonância especial das ruas subia até nós cada vez mais nitidamente. O bimbado da campainha era mais agudo, o rolar dos veículos mais redondo e mais dissonante o ranjer das ferragens dos bondes, os estalos dos chicotes e os apitos caprichosos dos cocheiros. Da delegacia, por entre essa bulha, percebemos que um vozeiro se aproximava(P.112).

Noutro passo, o que estamos procurando mostrar torna-se mais inteligível:

A ela [a atmosfera enervante da delegacia] e ao meu abalo moral, juntavam-se a tonalidade amarelaça da tarde e o ambiente de forja para me dar um mal-estar nunca sentido(p.115).

#### 4.2.2 DISPOSIÇÃO



A imagem do rio, no trecho seguinte, acentua e reflete a tristeza que Isaías sente em determinado momento da rememoração de sua vida:

Tudo vai correndo normalmente; os dias com o mesmo enfado de sempre, e as noites serenas e plácidas; entretanto, esta ou aquela manhã, ergo-me e olho pela janela aberta o rio que desliza lá embaixo, ensombrado de melancolia, cheio de lassidão, com maus desejos passando-me pela cabeça(p.119).

Assim, costuma-se dividir o discurso, principalmente a comoção que o relacionamento entre a natureza e o estado de espírito de Isaías causa no auditório também pode se originar da constatação e informação, por parte do orador, de que a natureza, muitas vezes, lhe é hostil. É o que observamos neste passo:

Eu tinha uma imensa lassidão e uma grande fraqueza de energia mental. Quis descansar, debrucei-me na muralha do cais e olhei o mar. Estava calmo; a limpidez do céu e a luz macia da manhã faziam-no aveludado. Os últimos sinais da tempestade da véspera tinham desaparecido. Havia satisfação e felicidade no ar, uma grande meiguice, em tudo respirava; e isso pareceu-me hostil(p.128).

Faremos algumas observações complementares sobre os argumentos de Isaías Caminha no seguimento deste capítulo, na parte destinada à disposição.

#### 4.2.2 DISPOSIÇÃO

Para obter a atenção do auditório, o orador deve anunciar que o assunto do discurso é de grande importância e utilidade, ou que é novo, e que o manejará da forma mais breve possível. Para torná-lo dócil, o orador necessita enumerar os assuntos que serão expostos na narração, além de prometer brevidade. Para captar a sua benevolência o orador deverá chamar a atenção para o fato de que defende a causa em questão guiado pelo interesse do bem comum, e não por inspirações materiais; deverá, ainda, evitar qualquer



Neste estágio da análise retórica, refletiremos acerca da maneira como se arranjam as partes do discurso.

A disposição pode ser encarada sob diferentes níveis: como a ordenação das grandes partes que formam a totalidade do discurso (Barthes, 1975, p. 204) ou como uma ordenação de elementos menores, no nível da frase, por exemplo. Para nós, interessa o primeiro dos casos.

Assim, costuma-se dividir o discurso, principalmente o judiciário, nas seguintes partes: exórdio, proposição, partição, narração, argumentação e peroração.

O exórdio é o começo do discurso. Tem a função de fornecer sumariamente aos ouvintes a indicação do assunto tratado pelo orador. A sua finalidade mais importante, porém, é influir sobre a disposição do auditório, estabelecendo condições prévias ideais para a argumentação. Os oradores podem chegar a elas, segundo Lausberg (1966, p. 244-54, v. 2), por meio de algumas técnicas que passaremos a comentar.

Para obter a atenção do auditório, o orador deve anunciar que o assunto do discurso é de grande importância e utilidade, ou que é novo, e que o manejará da forma mais breve possível. Para torná-lo dócil, o orador necessita enumerar os assuntos que serão expostos na narração, além de prometer brevidade. Para captar a sua benevolência o orador deverá chamar a atenção para o fato de que defende a causa em questão guiado pelo interesse do bem comum, e não por inspirações materiais; deverá, ainda, evitar qualquer

suspeita de arrogância de sua parte, apresentando-se com modéstia, elogiando a capacidade de julgar do auditório e tratando com consideração seu adversário.

Os exórdios se fazem mais do que nunca necessários para as causas duvidosas e para as de difícil defesa, uma vez que são essas que necessitam de preparação adequada. Por outro lado, há casos em que o exórdio é dispensável, pois as condições ideais para a argumentação já preexistem em alguns discursos.

A proposição indica a posição do orador com respeito à questão. Se o conteúdo da proposição vier por partes, tem-se a partição. Ela, que é o plano que o orador vai seguir, oferece algumas vantagens para o discurso, como clareza e ordem, e a vantagem também de prender a atenção do auditório, que assim mais facilmente entenderá o que lhe está sendo apresentado. Exemplo bastante didático de partição é fornecido por Quintiliano (1944, p.221, v.1):

Digo que este réu, que defendo, não é homem, em que pareça crível o homicídio. Mostrarei que não teve razão alguma para fazer esta morte. Enfim provarei que ao tempo da morte ele se achava além do mar.

Após a partição, surge geralmente a narração, momento da exposição dos fatos e do desenvolvimento do conteúdo sintetizado na proposição. A narração é mais comum nos discursos forenses, e sempre deve contribuir para o sucesso da persuasão.



Exige-se dela brevidade, clareza e verossimilhança. A brevidade, conforme nos lembra Lausberg (1966,p.268,v.1), acha-se "a serviço da boa disposição do público e da memória". Para ser breve, o orador deve relatar somente aquilo que for de interesse para se o juiz emitir seu veredito. Na opinião de Quintiliano (1944,p.189,v.1), a brevidade consiste "em não dizer nem mais nem menos do que é necessário".

A clareza obtém-se pelo encadeamento correto dos elementos da narração e pela formulação de idéias e linguagem claras. A verossimilhança é a qualidade que o discurso tem de se apresentar como crível. Ainda na narração, há lugar para descrições e digressões ocasionais.

A parte nuclear do discurso é, sem dúvida, a argumentação, ponto em que o orador concentra suas provas e refutações. Depois dela, pode ocorrer alguma espécie de digressão.

A conclusão do discurso retórico é conhecida pelo nome de peroração. Para Aristóteles (1959,p.251), ela é constituída de quatro partes :

A peroração compõe-se de quatro partes: a primeira consiste em dispor bem o ouvinte em nosso favor e em dispô-lo mal para com o adversário; a segunda tem por fim amplificar ou atenuar o que se disse; a terceira, excitar as paixões no ouvinte; a quarta, proceder a uma recapitulação.

Simplificando podemos dizer que a função precípua da peroração é a de recapitular e a de excitar o pathos.



Recapitular com o objetivo de fixar para o auditório os pontos nevrálgicos do discurso; excitar os pathos, porque trata-se da última oportunidade que o orador possui para dispor favoravelmente o auditório à sua causa e indispor-lo à causa do adversário. A peroração deve ser breve. posição, bem como já O modelo de disposição que acabamos de apresentar é próprio de um discurso ideal, em que se realizam todas as divisões. Acontece, porém, que, na maioria das vezes, as peças oratórias não se prestam a uma análise de tal espécie, havendo discursos constituídos somente de duas ou três das referidas etapas. Nesse sentido, é estranhamento próprio Aristóteles (1959, p.229) o preciosismo e a inflexibilidade de algumas divisões, notando ele que, de obrigatório, o discurso comporta duas partes, a proposição e as provas. no interior Quintiliano (1944, p.51, v.1), outrossim, é contra à rigidez dos preceitos que alguns retores aconselham a seus discípulos, como se essas regras fossem indispensáveis ou imutáveis:

resolvi narrar trechos de minha vida, sem reservas nem perifrases, para de algum modo mostrar ao tal autor do Seria na verdade a Eloquência uma arte bem curta e fácil, se se contivesse em um aranzel destes tão breve e uniforme. Mas as regras variam segundo os casos, os tempos, a ocasião, e a necessidade. fins de tão belos começos [...]

Não é meu propósito também fazer uma obra de ódio; de À luz dessas derradeiras considerações, é fora de propósito exigir do discurso de Isaías um plano contendo nitidamente exórdio, proposição, partição, narração, argumentação e peroração.

O que podemos dizer é que ele se compõe de uma



introdução e de um desenvolvimento, numa estrutura muito próxima daquela referida por Aristóteles, da qual tomavam parte proposição e provas. Aliás, o que até agora apresentamos do discurso de Isaías muito justifica esse pensamento, pois que deixamos claro a sua proposição, bem como já elencamos suas principais provas.

Ainda assim, num esforço sistematizador, notamos que em sua introdução encontram-se reunidas uma espécie de exórdio, de partição e uma proposição (da qual já tivemos ocasião de tratar), ao passo que em seu desenvolvimento, observamos a presença de uma narração, de uma argumentação e de algo semelhante a uma peroração.

A introdução do discurso de Isaías é representada por seu prefácio (p.40-2), que se encontra inserido no interior da "Breve Notícia". O prefácio, em certa medida, pode ser visto como um exórdio. Em primeiro lugar, porque nele temos a indicação do assunto que será tratado:

resolvi narrar trechos de minha vida, sem reservas nem perífrases, para de algum modo mostrar ao tal autor do artigo, que, sendo verdadeiras as suas observações, a sentença geral que tirava, não estava em nós, na nossa carne e nosso sangue, mas fora de nós, na sociedade que nos cercava, as causas de tão feios fins de tão belos começos.[...]

Não é meu propósito também fazer uma obra de ódio; de revolta enfim; mas uma defesa a acusações deduzidas superficialmente de aparências cuja essência explicadora, as mais das vezes, está na sociedade e não no indivíduo desprovido de tudo, de família, de afetos, de simpatias, de fortuna, isolado contra inimigos que o rodeiam, armados da velocidade da bala e da insídia do veneno(p.42).



Em segundo lugar, porque o orador o aproveita para obter a disposição favorável do auditório, por meio da captação de sua benevolência, da obtenção de sua atenção, e tornando-o dócil.

Ele promete, por exemplo, um texto direto, verdadeiro e contundente: "resolvi narrar trechos de minha vida, sem reservas e nem perífrases" (p.42). Dá, igualmente, a entender que não é movido pelo ódio, mas pelo desejo de esclarecimento, que, aliás, é útil para a coletividade:

Li-o [o artigo contra os mulatos] a primeira vez com ódio, tive desejos de rasgar as páginas e escrever algumas verrinas contra o autor.

Considere melhor e vi que verrinas nada adiantam, não destroem; se, acaso, conseguem afugentar, magoar o adversário, os argumentos deste ficam vivos, de pé.

O melhor, pensei, seria opor argumentos a argumentos, pois se uns não destruíssem os outros, ficariam ambos face a face, à mão de adpetos de um e de outro partido (p.40-1).

O orador também fornece uma idéia sumária dos pontos que irá desenvolver durante o discurso:

Com essa reflexão ["o melhor seria opor argumentos a argumentos"], que me animo a chamar de bom conselho e excelente inteligência, vieram-me recordações de minha vida, de toda ela, do meu nascimento, infância, puerícia e mocidade (p.41).

Com o final do trecho acima descrito, podemos justificar nossa afirmação, segundo a qual havia no prefácio de Caminha algo semelhante a uma partição. Esse expediente auxilia o orador a tornar o auditório dócil.



O orador obtém a benevolência do auditório por meio do topos da modéstia afetada. Trata-se de um procedimento, muito comum nos exórdios, como adverte Curtius (1957, p.86), pelo qual o orador se refere à sua falta de preparo, à sua insuficiência, à sua linguagem áspera e deselegante, enfim, à sua incapacidade para realizar como deveria o discurso:

Com isso [as Recordações], não foi minha tenção fazer obra d'arte, romance, embora aquele Taine que, certa vez, o doutor Graciliano, o promotor público, me deu a ler, dissesse que a obra d'arte tem por fim dizer aquilo que os simples fatos não dizem (p.42)

E de maneira ainda mais clara:

Perdõem-me os leitores a pobreza da minha narração. Não sou propriamente um literato, não me inscrevi nos registros da Livraria Garnier, do Rio, nunca vesti casaca e os grandes jornais da Capital ainda não me aclamaram como tal - o que de sobra, me parece, são motivos bastante sérios, para desculparem a minha falta de estilo e capacidade literária (p.42).

Apenas para registro, o topos da modéstia afetada aparece também durante o desenvolvimento do discurso, como podemos averiguar num trecho da página 122:

É esta passagem do xadrez que me faz vir estes pensamentos amargos. Imagino como um escritor hábil não saberia dizer o que eu senti lá dentro. Eu que sofri e pensei não o sei narrar. Já por duas vezes, tentei escrever; mas relendo a página, acheia-a incolor, comum, e, sobretudo, pouco expressiva do que eu de fato tinha sentido.

É outro procedimento do orador, para obter a benevolência do auditório, tratar com respeito o "advogado contrário", isto é, o articulista que defende a causa dos



racistas. O orador o faz ao concordar em parte com seu acusador. Em retórica, esse expediente é denominado concessão, e "consiste em confessar o fato de que o adversário tem razão num ou noutro argumento" (Lausberg, 1972,p.256). Eis o trecho que queremos destacar:

E foram tantos os casos dos quais essa minha conclusão ressaltava, que resolvi narrar trechos de minha vida, sem reservas nem perífrases, para de algum modo mostrar ao tal autor do artigo, que, sendo verdadeiras as suas observações, a sentença geral que tirava, não estava em nós, na nossa carne e no nosso sangue, mas fora de nós, na sociedade que nos cercava, as causas de tão feios fins de tão belos começos(p.42).

À custa de tais palavras, o orador afasta de si qualquer suspeita de arrogância, de insolência e de orgulho, evitando que o auditório desenvolva antipatia por sua pessoa.

O exórdio é também um espaço favorável à apresentação de alguns argumentos patéticos, com os quais o orador deseja, desde o início do discurso, comover o auditório:

Eu me lembrei de escrever estas recordações, há dois anos, quando, um dia, por acaso, agarrei um fascículo de uma revista nacional, esquecida sobre o sofá de minha sala humilde pelo promotor público da comarca(p.40);

Mentalmente comparei os meus extraordinários inícios nos mistérios das letras e das ciências e os prognósticos dos meus professores de então, com este meu triste e bastardo fim de escrivão de coletoria de uma localidade esquecida(p.41);

des que me dispus a tomar na vida o lugar que parecia ser



de meu dever ocupar, não sei que hostilidade encontrei, não sei que estúpida má vontade me veio ao encontro, que me fui abatendo, decaindo de mim mesmo, sentindo fugir-me toda aquela soma de idéias e crenças que me alentaram na minha adolescência e puerícia.

Cri-me fora de minha sociedade, fora do agrupamento a que tacitamente eu concedia alguma coisa e que em troca me dava também alguma coisa.

Não sei bem o que cri; mas achei tão cerrado o cipoal, tão intrincada a trama contra a qual me fui debater, que a representação da minha personalidade na minha consciência, se fez outra, ou antes esfacelou-se a que tinha construído. Fiquei como um grande pacote moderno cujos tubos da caldeira se houvessem rompido e deixado fugir o vapor que movia suas máquinas (p.41-2);

Não é meu propósito também fazer uma obra de ódio; de revolta enfim; mas uma defesa a acusações deduzidas superficialmente de aparências cuja essência explicadora, as mais das vezes, está na sociedade e não no indivíduo desprovido de tudo, de família, de afetos, de simpatias, de fortuna, isolado contra inimigos que o rodeiam, armados da velocidade da bala e da insídia do veneno (p.42).

O orador, no prefácio, tem a primeira oportunidade de desqualificar o outro partido. Ele afirma que as acusações endereçadas às pessoas de seu nascimento foram "deduzidas superficialmente". Ou seja, acusa o articulista de se ater na aparência do fato, quando deveria se preocupar com a sua essência.

Muito embora o discurso de Caminha não se enquadre nos de grau fraco de credibilidade, acreditamos que o exórdio aí se faz pertinente. É de hábito excluí-lo quando o orador conhece suficientemente bem a disposição do auditório, o que não acontece com Caminha.

É certo ainda pensar na necessidade do exórdio, uma vez que o partido contrário se manifestara antes e,



possivelmente, tenha deixado de si uma imagem favorável ao auditório. Além de tudo, a gravidade e dificuldade da questão racial são motivos adicionais que o justificam.

Neste momento, passemos ao desenvolvimento do discurso de Isaías Caminha, mais precisamente à narração.

De início, devemos dizer que a transição entre a introdução e a narração está nítida, bastando apontar para constatação disso o fato de que a narração principia com o primeiro capítulo do livro.

Como o discurso em exame é, sobre qualquer coisa, uma narrativa, a narração aí tem um papel fulcral, tão importante quanto o da argumentação. Aliás, em matéria de crítica retórica literária, essa é uma das diferenças entre um discurso forense propriamente dito e uma narrativa que se comporta à sua maneira: no segundo caso, a narração ascende ao primeiro plano, medindo forças com a argumentação.

Não podemos separar, nas *Recordações*, narração e argumentação. Os dois elementos formam um único plano, haja vista as provas surgirem justamente no decorrer da narração, que acaba sendo um suporte para os argumentos.

Seria interessante analisar se o texto de Isaías apresenta as virtudes da brevidade, da clareza e da verossimilhança. Considerando bem, um estudo nesses termos necessitaria de um capítulo especial, o que ultrapassa os objetivos do presente trabalho. Tal constatação, todavia,



não nos impede de apresentar, ainda que rapidamente, certos apontamentos introdutórios.

Notamos que o seu discurso é breve, claro e verossímil. Breve, pois nos parece que o orador inicia e termina o relato num ponto de relevância para o julgamento do auditório, além de não acrescentar à história nenhuma narração que não guardasse com ela certo vínculo. Claro, porque a ordem temporal que escolheu para contar sua história facilita o entendimento do auditório. Verossímil, pois tudo aquilo que dá a conhecer ao público é crível e razoável.

Tratando agora da disposição da argumentação, faremos um comentário acerca da ordem das provas no discurso de Isaías. A retórica teoriza, quanto a isso, que se deve iniciar a argumentação pelas provas mais fortes e irrefutáveis ou apresentá-las gradativamente, ou seja, partindo das mais fracas.

Perelman (1992, p. 661), em seu tratado, considera três ordens: a decrescente, a crescente e a homérica, segundo a qual é preciso começar e terminar o discurso com os argumentos mais fortes.

A ordem homérica, na visão do crítico, é a mais recomendada, por livrar o orador dos inconvenientes que os dois outros tipos apresentam: na ordem crescente, o orador, ao começar com argumentos medíocres, corre o risco de se



indispor com o auditório, e, na decrescente, o perigo é deixar ao auditório uma última impressão muito fraca.

O orador Isaías, ao que tudo indica, não se prende a essas recomendações. Como as provas que apresenta são retiradas de sua experiência de vida no Rio de Janeiro e como sua rememoração segue uma linha cronológica, podemos dizer que a ordem dos seus argumentos também é cronológica. Por consequência, ele não os arranja por importância ou qualquer outro referencial, mas à medida que surgem, ordenadamente do ponto de vista cronológico, à sua mente; o que faz o discurso ganhar em clareza, particularidade importante para o sucesso da causa.

Já no que diz respeito à peroração, pensamos que se inicia quando Isaías conduz Leda - uma prostituta italiana, na companhia de quem ele e Loberant fazem um passeio à Ilha do Governador - de volta à residência dela: "Saltamos do bonde, no Campo de Sant'Anna, eu e Leda tomamos um carro; o diretor continuou para o jornal" (p.287).

Nessa oportunidade, Isaías faz um balanço de sua vida, algo que muito se assemelha à recapitulação das perorações. Esse balanço é realizado de uma forma que excite no auditório o *pathos*, elemento importante nos finais de discurso:

Lembrava-me de que deixara toda a minha vida ao acaso e que a não pusera ao estudo e ao trabalho com a força de que era capaz. Sentia-me repelente, repelente de fraqueza, de falta de decisão e mais amolecido agora com o álcool e com os prazeres... Sentia-me parasita, adulando o



diretor para obter dinheiro...(p.287);

A má vontade geral, a excomunhão dos outros tinham-me amedrontado, atemorizado, feito adormecer em mim o Orgulho, com seu cortejo de grandeza e de força. Rebaixara-me, tendo medo de fantasmas e não obedecera ao seu império (p.288);

Sentia-me sempre desgostoso por não ter tirado de mim nada de grande, de forte e ter consentido em ser um vulgar assecla e apaniguado de um outro qualquer. Tinha outros desgostos, mas esse era o principal (p.288).

Desejando, por certo, emocionar o auditório, o orador escolhe uma bela imagem para encerrar seu discurso:

Antes de entrar, olhei ainda o céu muito negro muito estrelado, esquecido de que a nossa humanidade já não sabe ler nos astros os destinos e os acontecimentos (p.289).

#### 4.2.3 ELOCUÇÃO

Na elocução, devemos submeter o referido discurso a um estudo de cunho estilístico.

A elocução, segundo Lausberg (1967, p.9, v.2), "transpõe para a linguagem as idéias achadas na invenção e ordenadas pela disposição". Se o campo da invenção são os pensamentos (*res*), o da elocução é justamente sua expressão lingüística (*verba*) por meio de palavras isoladas ou agrupadas em construções frásicas.



Nesse sentido, nos manuais de retórica, encontramos normas estilísticas para a composição do discurso, comentários sobre os vícios e virtudes da elocução, um elenco das figuras de linguagem e reflexões acerca das espécies de estilo e de sua adequação à matéria tratada pelo orador.

Aristóteles destacou, em sua *Arte da Retórica* (1959, p.189), o papel relevante da elocução, "pois não basta possuir a matéria do discurso; urge necessariamente exprimir-se na forma conveniente, o que é de suma importância para dar ao discurso uma aparência satisfatória". É preciso ter em mente que a elocução ganha maior relevância quanto mais contribui para a persuasão, pois o que é expresso de modo belo e adequado mais facilmente persuade o auditório. Em outras palavras, é o que Perelman (1992, p.192) vê como a influência argumentativa dos efeitos estéticos de certas maneiras de se expressar.

Para ter um papel persuasivo é necessário que a elocução apresente as seguintes qualidades: correção, clareza, elegância e adequação.

A correção é, a rigor, uma virtude gramatical, mas de elevada importância para a retórica. Consiste ela na correção idiomática do discurso.

A clareza diz respeito à compreensibilidade da formulação lingüística, logo é decisiva para o sucesso do discurso, pois "só aquilo, que é compreendido, pode ser crível. A credibilidade, por seu lado, conduz ao sucesso da



persuasão" (Lausberg, 1972, p. 126-7). Essa virtude é, no conceito de Quintiliano (1944, p. 37, v. 2), a de maior relevância entre todas.

A elegância quase passou a ser sinônimo de elocução e até mesmo de toda a retórica. Sua finalidade, segundo Lausberg (1972, p. 138), é "a beleza da expressão lingüística", e sua manifestação mais conhecida são as figuras de retórica. A elegância é decisiva para a persuasão do discurso, porque ouvimos com mais gosto, atenção e disposição um discurso ornamentado, pelo qual também deixamo-nos mais facilmente arrebatados.

A adequação é, ainda para Lausberg (1964, p. 374, v. 2), a virtude de encaixar as partes harmoniosamente em um todo. O orador deve, nesse sentido, adaptar as partes do discurso (pensamentos, grupos frásicos, palavras isoladas, etc) à sua totalidade. Um exemplo concreto de tal exigência é valer-se de um estilo que convenha às circunstâncias do assunto tratado.

Os aspectos que acabamos de apresentar dão uma idéia aproximada da amplitude da elocução. Assim, para abordar o discurso de Isaías, deveremos eleger apenas um dado estilístico que sirva de exemplo desse universo todo, e não mais do que isso, sob pena de estender acima do razoável o assunto. Deve nos guiar na escolha de tal item o fato de ele contribuir para a persuasão.



Dessa forma, achamos por bem atentar para uma determinada manifestação do estilo que se identifica no discurso de Isaías, qual seja, a acumulação.

Essa figura de linguagem, no entender de Tavares (1984,p.344), consiste "no agrupamento similar de idéias", apresentando como um dos recursos mais evidentes a enumeração. Para o nosso caso, fique salientado, será acumulação o enumerar de três ou mais elementos.

Pensamos que ela está subordinada aos objetivos retóricos de Caminha, porque torna mais enfáticas, e, por consequência, mais eficientes as suas provas patéticas. Como afirma Tringali (1989,p.77), "a paixão compele a aceitar uma conclusão". Vejamos alguns exemplos que ilustram nosso pensamento:

Por momentos, em face daquelas damas a arrastar toilettes de baile pela poeira da rua, lembrei-me dos tristes vestidos de minha mãe, da sua cassa eterna, da sua chita e do seu morim... (p.80)

No lugar de fornecer apenas um ponto da pobreza material da mãe, o orador reúne muitos, e pinta, dessa maneira, um quadro mais rico e intenso da humildade de sua família.

Em certos trechos, o orador consegue impressionar o auditório à custa do efeito intensificador da gradação: "Vinhm-me então os terrores sombrios da falta de dinheiro, da falta absoluta. Voltava para o hotel taciturno, preocupado, cortado de angústias" (p.86).



As acumulações seguintes acentuam a falta de solidariedade com que recebem Isaías, de quem o auditório passa a ter pena:

Sentia-me só, só naquele grande e imenso formigueiro humano, só, sem parentes, sem amigos, sem conhecidos que uma desgraça pudesse fazer amigos(p.86);

eram elas [as notas de dinheiro] que me evitavam as humilhações, os sofrimentos, os insultos de toda a sorte (p.86);

Perdia a realidade da vista e vivia subdelirante num mundo de cousas grotescas, absurdas e não existentes(p.87);

De tarde, repetia a visita [ao deputado Castro], e mais uma vez voltava desalentado, para ficar na janela do hotel desanimado, oprimido de saudades do sossego, da quietude, da segurança do meu lar originário(p.89).

A acumulação realça a opressão da sociedade contra Isaías e auxilia o auditório a entender o sítio armado à sua volta:

fiquei amedrontado em face das cordas, das roldanas, dos contrapesos da sociedade; senti-os por toda a parte, graduando os meus atos, anulando os meus esforços; senti-os insuperáveis e destinados a esmagar-me, reduzir-me ao mínimo, a achatar-me completamente...(p.102);

Senti-me humilhado, esmagado, enfraquecido por uma vida de estudo, servir de brinquedo, de irrisão a esses poderosos todos por aí(p.103).

O orador procura justificar seu fracasso salientando que não fora preparado convenientemente para enfrentar a

realidade do preconceito, para o que são necessários mais do que piedade e caridade. A acumulação, no presente caso, ajuda o auditório a se persuadir mais facilmente dessa informação, criando nele uma disposição favorável ao orador:

Houve um grande estupor em mim; eu tinha do meu natural um grande respeito por essas virtudes [a caridade e a piedade] e a minha educação isolada, comprida, órfã de afetos, só fizera estimular e aumentar esse meu respeito (p.107);

Não tenho pejo em confessar hoje que quando me ouvi tratado assim [de mulatinho], as lágrimas me vieram aos olhos. Eu saíra do colégio, vivera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenções comigo (p.110).

A partir daqui, os exemplos de acumulação intensificadora do pathos serão arrolados sem as correspondentes observações; pois elas, se feitas, seguiriam em linhas gerais o que já ficou dito:

Estava deprimido, desalentado; a minha vontade era frouxa; os meus sentimentos tinham-se enfraquecido durante aquela longa viagem de bonde a pensar na vida, a curtir ódios, a arquitetar vinganças e a farejar a miséria próxima (p.105);

Hoje, agora, depois não sei de quantos pontapés destes e outros mais brutais, sou outro, insensível e cínico, mais forte talvez; aos meus olhos, porém, muito diminuído de mim próprio, do meu primitivo ideal, caído dos meus sonhos, sujo, imperfeito, deformado, mutilado e lodoso (p.110);

sentia na baixeza do tratamento, todo o desconhecimento das minhas qualidades, o julgamento anterior da minha personalidade que não queriam ouvir, sentir e examinar (p.111);



[o delegado] Interrogou-me de mau humor, impaciente, distraído, às sacudidelas(p.115-6);

Senti num segundo todas as injustiças que vinha sofrendo; revoltei-me contra todos os sofrimentos que vinha suportando. Injustiças, sofrimentos, humilhações, misérias, juntaram-se dentro de mim(p.117);

O que me fazia combalido, o que me desanimava eram as malhas de desdém, de escárnio, de condenação em que me sentia preso(p.124);

Não havia nada que me impedisse: eu era desconhecido, sem família, sem origens...(p.126-7);

Naquela[gente] que eu via ali, observei tanta repulsa nos seus olhos, tanta paixão baixa, tanta ferocidade que eu me cri entre yahoos e tive ímpetos de fugir antes de ser devorado...(p.129);

A recusa sistemática do padeiro fizera-me supor que era assim em todas as profissões. Assim seriam os hoteleiros, os donos de cafés, de confeitarias, de cocheiras...(p.130);

na terceira[tentativa de arranjar emprego], fi-lo de tal modo, tão transtornado, tão lamuriento e frouxo que fui mal sucedido(p.133);

Minha mãe estava de cama, muito mal, desenganada...(p.149);

E via-a [a mãe] logo morta, muito magra, os círios, o crucifixo, o choro... Passou-me pelos olhos a sua triste vida, humilde e humilhada, sempre atirada a um canto como um móvel velho, sem alegria, sem fortuna, sem amizade e sem amor...(p.149);

a certeza de que um passo para diante me custava grandes dores, fortes humilhações, ofensas terríveis(p.176);

Não sei o que sentia de ignóbil em mim mesmo e naquilo tudo, que no fim estava sombrio, calado e cheio de remor-

5 A TABELA RETÓRICA DE ISAÍAS CAMINHA À LUZ DA  
"BREVE NOTÍCIA"  
sos (p.283).

O que acabamos de apresentar foi somente uma das marcas do estilo do orador que, de alguma forma, foram relevantes para o intuito persuasivo de seu discurso. Existem, entretanto, outros traços estilísticos que valeria a pena destacar, como certas figuras de retórica, a adjetivação, e mesmo a natureza das comparações que o orador endereçou a seus desafetos. Contudo, uma análise mais completa da invenção do discurso de Caminha demandaria uma dissertação à parte.

Finalizando, pois, podemos ter noção de quanto as memórias de Isaías Caminha e o seu prefácio assemelham-se a um discurso retórico; não fosse assim, teríamos tido grandes dificuldades em levar adiante a análise que nos propusemos realizar, sobretudo no que diz respeito às etapas do discurso.

em livro, quando suprimiu, autorizado pelo próprio amigo, o prefácio de 1905 (que esteve presente na edição da Floreal). Agora (1916), ao realizar a segunda edição das Recordações, Lima Barreto trata de esclarecer que nela inclui o tal prefácio anteriormente retirado.

Após essas explicações, Lima Barreto transcreve na íntegra o prefácio de Isaías Caminha, do qual já tivemos ocasião de conhecer alguns trechos. Nela, o escritor discorre sobre os motivos que o levaram a escrever seu livro.



## 5 A TAREFA RETÓRICA DE ISAÍAS CAMINHA À LUZ DA "BREVE NOTÍCIA"

Até agora, apenas tomamos em consideração o discurso de Isaías Caminha, isto é, o conjunto composto por seu prefácio, datado de 1905, e pelos catorze capítulos de suas lembranças. É preciso salientar, contudo, que também faz parte das *Recordações* a "Breve Notícia", uma espécie de nota, ao mesmo tempo introdutória e conclusiva, ao referido prefácio. Ela, escrita em 1916 para a segunda edição das *Recordações*, é de autoria de um tal Lima Barreto, que se autodenomina amigo de Isaías e seu primeiro editor.

Na "Breve Notícia", logo de início, Lima Barreto afirma que, em 1907, começou na *Revista Floreal* a publicação das *Recordações* de Isaías Caminha. Diz, em seguida, que encaminhou a obra a Portugal, para ter uma primeira edição em livro, quando suprimiu, autorizado pelo próprio amigo, o prefácio de 1905 (que esteve presente na edição da *Floreal*). Agora (1916), ao realizar a segunda edição das *Recordações*, Lima Barreto trata de esclarecer que nela inclui o tal prefácio anteriormente retirado.

Após essas explicações, Lima Barreto transcreve na íntegra o prefácio de Isaías Caminha, do qual já tivemos ocasião de conhecer alguns trechos. Nele, o escritor discorre sobre os motivos que o levaram a escrever seu livro.



Transcrito o prefácio, ressurgiu, para a conclusão da "Breve Notícia", a figura de Lima Barreto. Nesse trecho final, ele relata a atual situação de Caminha, isto é, por volta de 1916:

após dez anos, tantos são os que vão da composição das *Recordações* aos dias que correm, o meu amigo perdeu muito da sua amargura, tem passeado pelo Rio com belas fatiotas, já foi ao Municipal, frequenta as casas de chá; e, segundo me escreveu, vai deixar de ser representante do Espírito Santo, na Assembléia Estadual, para ser, na próxima legislatura, deputado federal. Ele não se incomoda mais com o livro; tomou outro rumo. Hei de vê-lo em breve entre as encantadoras, fazendo o tal *footing* dominiqueiro, no Flamengo, e figurando nas notícias elegantes dos jornais. Isaías deixou de ser escrivão. Enviuvou sem filhos, enriqueceu e será deputado. Basta.

Deus escreve direito por linhas tortas, dizem. Será mesmo isso ou será de lamentar que a felicidade vulgar tenha afogado, asfixiado um espírito tão singular? Quem sabe lá?

Para mim, no entanto, sem acreditar na intervenção de nenhuma Dejanira, sou de opinião que ele está vestindo a túnica de Nessus da Sociedade(p.43).

Das palavras do editor Lima Barreto merecem destaque alguns pontos: Isaías Caminha aderiu à política e esqueceu o livro, o que equivale a dizer, abandonou sua tarefa retórica. Igualmente devemos reparar que a sua vida atual pode ser considerada bem sucedida, pois passou a ocupar uma posição social de destaque - deputado estadual - por meio da qual pôde obter, mesmo não se tornando efetivamente doutor, o tão desejado respeito e a tão sonhada consideração de todos.

Antes, porém, de examinar mais de perto a repercussão desses dados, é preciso fazer uma advertência: a "Breve Notícia", por consequência, com sua tarefa retórica, é que



"Breve Notícia" contém informações válidas também para a realidade extraliterária. De fato, as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, escritas por Lima Barreto, entidade real e empírica, foram publicadas (com o prefácio de Isaías Caminha), de modo parcial, em 1907, na revista *Floreal*, bem como tiveram, em Portugal, uma primeira edição sem o prefácio, que foi incluído, juntamente com a "Breve Notícia", quando da segunda edição do livro.

Como o que nos interessa, no entanto, é a ficção, em cujo contexto o autor das *Recordações* é Isaías Caminha, e o seu editor, a personagem não menos fictícia Lima Barreto, as analogias entre realidade e ficção não nos devem preocupar a ponto de exigir comentários mais aprofundados. Limitemo-nos ao campo da ficção, ou, como se diz de uma perspectiva teórica mais rigorosa, ao campo do mundo possível, ou seja, o próprio mundo narrativo, de existência meramente textual, com seu universo de referências e lógica particulares (Reis & Lopes, 1988, p.45).

Retomando nosso raciocínio, vejamos a partir daqui como fica, em linhas gerais, o estado da tarefa retórica de Isaías Caminha à luz da "Breve Notícia".

Com efeito, pelo que nela ficou exposto, somos autorizados a dizer que a vida pós-literária de Isaías acaba por constituir uma prova da competência dos mulatos, haja vista o êxito social por ele alcançado. Dessa forma, ironicamente quando Isaías "não se incomoda mais com o livro" e, por conseguinte, com sua tarefa retórica, é que

ele fornece a prova mais efetiva de que os mulatos não são intrinsecamente uma raça inferior.

O irônico, portanto, está no fato de que a prova mais positiva, mais persuasiva da capacidade das pessoas de ascendência negra - que até desqualifica a afirmação de que os mulatos sempre fracassam na maturidade - não aparece no discurso retórico de Isaías Caminha, mas no período em que ele o abandona e dele se desinteressa por completo. Dessa maneira, exatamente quando o orador, tomando outro rumo na vida, abdica de ser persuasivo, é que ele o é no mais elevado grau.

Estamos chamando esse estado de irônico porque nele é possível identificar um contraste entre uma realidade e uma aparência que, segundo Muecke (1995,p.52), é um dos traços básicos de todas as formas de ironia. Quer dizer, na ironia as coisas não são o que aparentam ser.

Assim, quando ele "não se incomoda mais com o livro", apenas aparentemente está pondo de lado sua tarefa retórica, porque, na realidade, de sua atual posição é mais útil que nunca à causa dos mulatos. Daí podermos até pensar que a tarefa retórica de Isaías se completa com a recusa de seu discurso persuasivo.

O editor Lima Barreto dá seguras mostras de não compreender o fato de que Caminha, ao se inclinar para um estilo de vida que ele, Lima Barreto, desaprova, acaba sendo mais "útil" à causa dos mulatos, de onde as recriminações endereçadas ao amigo.





Poderíamos cogitar, a esta altura, no que teria levado Isaías a não se importar mais com o livro, a abandonar sua vida ascética e simples de escrivão de coletoria para se lançar na política e nos prazeres da vida mundana. Trata-se de uma questão difícil de responder, tanto mais que não há um relato detalhado do período de sua história que se estende do final da escritura das *Recordações* até 1916, data em que temos sobre ele as últimas informações. Se tal hiato impede-nos de ter qualquer espécie de certeza, não nos proíbe de levantar suposições.

Queremos imaginar que o processo de recuperação do passado e a análise de vida realizados por Isaías Caminha, que redundaram nas suas *Recordações*, foram fundamentais para a mudança de rumo de sua vida.

Explicando melhor: ao rever sua história, durante o processo de escritura do livro, é como se ele tivesse tomado consciência das oportunidades que rejeitara em nome do orgulho e de uma moral inflexível, que ele mesmo considerara "idiota" (p.50). O exemplo capital dessas oportunidades perdidas é a sua recusa em continuar no prestigioso cargo de repórter d'*O globo*, abrindo mão do privilégio de ser amigo de Ricardo Loberant, um dos homens mais influentes do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, parecem não ser casuais a situação e sobretudo a palavra que o orador escolhe para pôr fim às *Recordações*: "tolo" (p.289), vocábulo proferido por Loberant, no seguinte contexto: o dono do jornal arma uma situação





para Caminha ficar a sós com a prostituta Leda, o que ele rejeita. Posteriormente, ao encontrar seu empregado, Loberant questiona-lhe acerca da trama:

Nesse sentido, o período que passa no Rio de Janeiro,

- Então? perguntou maliciosamente.
- Deixei-a em casa.
- Pois se eu me tinha separado de vocês de propósito... Tolo! Vamos tomar cerveja...

Antes de entrar, olhei ainda o céu muito negro muito estrelado, esquecido de que a nossa humanidade já não sabe ler nos astros os destinos e os acontecimentos. As cogitações não me passaram... Loberant, sorrindo e olhando-me com complacência, ainda repetiu.

- Tolo! (p.289).

"Tolo" possui um valor emblemático. É como se Isaías, ao impacto de tal palavra, cessasse imediatamente de escrever suas memórias e revisse sua vida por outro ângulo, reparando nas oportunidades que, por tolice, deixara escapar. À vista dessa repentina tomada de consciência, ele decide abandonar aquela ética que, entre outras coisas, impedira-lhe de permanecer n'O Globo. Na realidade, como tudo leva a crer, ocorre em Isaías uma mudança de valores, responsável pela renúncia ao livro e pela alteração de sua postura.

Ao substituir sua conduta ética por outra, Isaías Caminha vê-se autorizado a lutar pelo sucesso com as mesmas armas e artimanhas de que se vale qualquer branco. É isso o que também percebe Louzada Filho (1980, p.107-8):

Não se importa mais com o livro: Isaías desistiu, portanto, de tentar igualar-se ou mostrar-se superior aos bacharéis, brancos e ricos, através da criação literária. Utilizou outro meio, bem mais eficaz: se os mandarins são



janotas e aspiram ao poder que os representa, Caminha os igualou em seu próprio campo. Tornou-se deputado, bem vestido e, supomos, rico. Como se espera de qualquer branco bem sucedido.

fato de que não valeria a pena ser guiado por uma ética

Nesse sentido, o período que passa no Rio de Janeiro, e convivendo com as dificuldades materiais, o preconceito racial, a mediocridade da imprensa e dos políticos, tem para ele um teor fundamentalmente educativo: uma educação para a vida. A sociedade, por esse prisma renovado, não o corrompe, mas apenas lhe mostra os meios de sobrevivência.

Por estar devidamente "educado", Isaías tem ciência de que, em última instância, tudo não passa de mistificação: os doutores são ignorantes, os jornalistas, charlatães; os políticos não se interessam pelo bem-estar do povo ou pelo destino do país, os revolucionários o são somente na aparência, os governantes não têm pulso firme, as amizades são frágeis e repousam no interesse, os literatos são impostores. Ele apresenta uma imagem dessa cética percepção já se aproximando do final de suas memórias, quando descreve o enterro do cozinheiro francês do todo-poderoso Loberant. Na referida ocasião, é como se os participantes, dentre os quais até mesmo "revolucionários temidos", fossem uma espécie de rebanho:

ao cortejo do enterro concorreram mais de cinquenta carros, levando perto de uma centena de pessoas, entre as quais altas patentes do Exército e Marinha, diretores de repartições, homens da bolsa, literatos aclamados, revolucionários temidos e um capitão do Estado Maior, representando o presidente da República(p.255).

Ao que tudo indica, Caminha deve ter refletido no fato de que não valeria a pena ser guiado por uma ética rigorosa e inflexível numa realidade que não se apresenta como tal e que nem a isso dá importância. Para ele, supomos, já não há sentido em ser doutor, mesmo porque agora conhece o comportamento dessa classe; o que conta é reagir, tornar-se competitivo e não se deixar esmagar pela sociedade, pois só assim poderia fazer valer os seus pensamentos, opiniões e vontades.

Munido desse novo ideário, Isaías, após abandonar a vida regrada no interior, consegue o êxito que sempre desejou, provando a capacidade dos mulatos, e contribuindo muito mais para a sua causa do que se estivesse conformado com a posição rigorosamente ética de escrivão de coletoria federal. Ele obtém o respeito dos brancos porque ascendeu a uma situação social valorizada pela ótica burguesa branca, a visão ditadora das regras e dos valores da sociedade capitalista e republicana.

Em decorrência dessas últimas colocações, parece-nos estranho certo juízo de alguns críticos das *Recordações*, como, por exemplo, o de Carlos Nélon Coutinho (1974, p.26-7):

Como Lucien de Rubempré, Isaías é um pobre moço provinciano que - confiante nas promessas democráticas da época republicana, evidenciadas na ascensão do capitalismo - dirige-se para a metrópole na tentativa de expandir sua personalidade, de fruir adequadamente as potencialidades pessoais que experimenta subjetivamente. Tal como



no romance de Balzac, as desilusões se sucedem: não apenas a brilhante sociedade metropolitana vai revelando paulatinamente sua essencial vacuidade interna, sua mesquinhez objetiva, como também o mito democratizante da elevação social evidencia dolorosamente seu caráter ideológico. E o romance de Lima introduz um elemento especificamente brasileiro nessa problemática universal das "ilusões perdidas": as vicissitudes de Isaías comprovam que as afirmações "oficiais" sobre a igualdade social dos negros brasileiros, particularmente difundidas na época republicana, pós-abolicionista, escondem os mais desumanos preconceitos raciais. O jovem provinciano mulato, apesar da superioridade humana que apresenta diante dos bem-nascidos que encontra, apesar de sua sagacidade e inteligência, deve permanecer sempre numa posição subalterna, sujeito a constantes humilhações.

Concordamos com o autor de *Realismo e Anti-realismo* na literatura Brasileira quando anota a difícil situação dos mulatos na época republicana pós-abolicionista. Achamos, entretanto, que não é lícito dizer, sobretudo levando em conta a "Breve Notícia", que Isaías tenha seu projeto de elevação social destruído ou que tenha permanecido numa posição subalterna, sujeito a contínuas humilhações. Isaías obteve sua ascensão social, e muito dentro das regras estabelecidas por uma sociedade capitalista e republicana.

Dessa forma, seu projeto de ascensão social não foi exatamente, como aceita Fantinati (1978, p.63), frustrado por um mundo hostil. Isaías teve sua ascensão social; se o mundo lhe foi hostil, bastou-lhe adaptar-se a essas hostilidades e atuar conforme a regra.

A postura de tais críticos apenas tem sentido se não se considerar a existência da "Breve Notícia", com a informação que dá conta da atual situação privilegiada de Caminha.

Já finalizando, tivemos o fito de mostrar com este curto capítulo que, mesmo com as informações trazidas à luz pela "Breve Notícia", Isaías, ainda que por outros caminhos, não abandonou a tarefa retórica que se comprometera realizar. Pelo contrário, com o novo rumo de sua vida, acabou por fornecer uma fortíssima refutação ao propalado juízo que aposta na inferioridade racial das pessoas de ascendência negra. Assim, para usar uma expressão lembrada pelo Lima Barreto editor, podemos sentenciar que, para o caso de Isaías Caminha, Deus escreveu direito por linhas tortas.

O narrador Isaías Caminha, por esse prisma especial, foi visto como um orador que pretendeu provar uma proposição durante sua narrativa, a qual, por conta disso, teve a função de suporte para os argumentos trazidos em auxílio de sua causa.

Com efeito, o conjunto formado pelo prefácio de Isaías Caminha e pelos sete capítulos de suas lembranças apresentou inúmeras semelhanças com um discurso retórico do gênero judiciário. Denotamos, ao longo desta dissertação, que o seu texto pressupõe um orador, um auditório e um debate de finalidade persuasiva sobre uma questão dialética. Caminha buscou, abertamente, defender-se



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos ter demonstrado a contento que o modelo retórico de análise literária constituiu um meio de abordagem adequado e eficiente para desvelar algumas particularidades das *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

Adequado, uma vez que o texto ofereceu condições favoráveis a que pudéssemos dele analisar, além da estrutura e processo do discurso, a invenção, a elocução e a disposição, etapas fundamentais da construção de uma peça retórica. Eficiente, porque a literatura de Lima Barreto, militante por excelência, deixou-se revelar de maneira privilegiada a esse respeito, no caso das *Recordações*, ao ser encarada do ponto de vista retórico.

O narrador Isaías Caminha, por esse prisma especial, foi visto como um orador que pretendeu provar uma proposição durante sua narrativa, a qual, por conta disso, teve a função de suporte para os argumentos trazidos em auxílio de sua causa. *suas Correspondências* (1956c, p.169-70):

Com efeito, o conjunto formado pelo prefácio de Isaías Caminha e pelos catorze capítulos de suas rememorações apresentou inúmeras semelhanças com um discurso retórico do gênero judiciário. Evidenciamos, ao longo desta dissertação, que o seu texto pressupõe um orador, um auditório e um debate de finalidade persuasiva sobre uma questão dialética. Caminha buscou, abertamente, defender-se



de uma acusação, mesmo que para isso não se tenha configurado um julgamento de cunho formal.

Não podemos nos esquecer, ainda, de que, ao lado de uma comunicação retórica de situação interna, em que os postos de orador e de auditório são ocupados por personagens fictícias, coexiste nas *Recordações* uma comunicação retórica de situação externa, em que o escritor Lima Barreto faz as vezes do orador, e os leitores reais, entre os quais nos incluímos, desempenham o papel do auditório. Em ambas as situações, a atividade retórica tem por fim a defesa da causa das pessoas de ascendência negra.

Queremos, além disso, dizer que a escolha, por parte de Lima Barreto, de fazer das *Recordações* seu primeiro livro publicado encontra explicação, segundo nossa linha de raciocínio, na feição extremamente retórica desse romance. O escritor já tinha, na época, também pronto o *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, mas preferiu mandar ao prelo o *Isaiás Caminha*, como deixou claro numa carta, datada de 7 de fevereiro de 1909, a Gonzaga Duque, incluída no primeiro volume de suas *Correspondências* (1956c, p.169-70):

Era um tanto cerebrino, o *Gonzaga de Sá*, muito calmo e solene, pouco acessível, portanto. Mandeí [para publicação] as *Recordações do Escrivão Isaiás Caminha*, um livro desigual, propositalmente mal feito, brutal por vezes, mas sincero sempre. Espero muito nele para escandalizar e desagradar, e temo, não que ele te escandalize, mas que te desagrade. Como contigo, eu terei grande desgosto que isso aconteça a outros amigos. Espero que esse primeiro movimento, muito natural, seja seguido de um outro de reflexão em que vocês considerem bem que não foi só o escândalo, o egotismo e a *charge* que pus ali. Peço que não



te esqueças daqueles versos que pus no alto do primeiro capítulo, quando comecei a publicar:

*"Mon coeur profond ressemble à ces voûtes d'eglise/  
se/*

*Où le moindre bruit s'enfle en une immense voix".*

e então hás de ver que a tela que manchei tenciona dizer aquilo que os simples fatos não dizem, segundo o nosso Taine, de modo a esclarecê-los melhor, dar-lhes importância, em virtude do poder da forma literária, agitá-los, porque são importantes para o nosso destino. Querendo fazer isso e fazer compreender aos outros que há importância em questão que eles tratam com tanta ligeireza, eu não me afastei da literatura, conforme concebo e preceituei os nossos mestres Taine e Brunetière, mas temo que não tivesse conseguido bem o escopo e tu hás de me perdoar o desastre pela ousadia da tentativa.

Lima Barreto, ao decidir publicar justamente as *Recordações*, tinha em mente chamar a atenção de seu leitor para um determinado problema, fazendo-o refletir sobre ele. Em outras palavras, queria com a publicação do romance pôr em evidência, já de início, o caráter militante de sua literatura; queria, como salienta Franscisco de Assis Barbosa (1961,p.12-3), a respeito do trecho acima citado, "participar, provocar, desafiar".

Isso considerado, nada melhor que um livro semelhante a um discurso retórico para deixar nítido esse posicionamento. Além do que, o desenvolvimento à maneira de um discurso da história que o romancista conta ajudá-lo-ia a "dizer aquilo que os simples fatos não dizem". Lima Barreto vale-se, em suma, do poder comunicativo da técnica retórica para mais facilmente estabelecer um elo com seu leitor.

É nossa opinião, portanto, que a escolha de Lima Barreto de iniciar a publicação de sua obra com um livro de





configuração marcadamente retórica revela um escritor consciente das técnicas literárias, já que vem bem a propósito um livro-discurso para dar vida ao seu refletido projeto de literatura militante. Entendemos que a decisão tomada por ele de só posteriormente acrescentar as informações da "Breve Notícia", que dão conta do sucesso de Isaías Caminha, está relacionada, em certo sentido, com esse projeto artístico.

Explicando melhor: a primeira edição das *Recordações* não saiu com a "Breve Notícia" (e tampouco, é claro, com o prefácio de Isaías). Assim, a impressão que a obra possivelmente tenha deixado nos leitores, com relação à capacidade dos mulatos, não deve ter sido muito favorável, visto que Isaías Caminha acaba por se resignar, na primeira edição, a uma vida simples no interior do Espírito Santo.

Isso nos leva a imaginar que Lima Barreto, quando da segunda edição das *Recordações*, ao decidir incluir a "Breve Notícia", tinha em mente - além, é obvio, de explicitar as razões pelas quais decidiu recolocar o prefácio de Isaías - dar um novo rumo à vida pós-literária da personagem e apagar dessa forma a má-impressão deixada pela primeira edição.

Se sabemos que um dos objetivos de sua literatura militante é a dignificação dos mulatos e dos negros, nada mais razoável que o escritor afastar Isaías Caminha do que poderia ser considerado um "triste fim". De onde se explica a sua nova situação favorável - sobretudo da ótica burguesa





dos brancos -, em que é político e goza dos prazeres citadinos

Enfim, sendo fiel à nossa linha de raciocínio, diríamos que, com a inclusão das informações, sobretudo as finais, da "Breve Notícia", Lima Barreto tornou as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* ainda mais coerentes com seu projeto de literatura militante.

#### OBRAS DE LIMA BARRETO

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Bagatelas*. São Paulo: Brasiliense, 1956a. 324p. (Obras completas, 9).

\_\_\_\_\_. *Coisas do reino do jambom*. São Paulo: Brasiliense, 1956b. 320p. (Obras completas, 8).

\_\_\_\_\_. *Correspondência: ativa e passiva*. São Paulo: Brasiliense, 1956c. 2v. (Obras completas, 16-17).

\_\_\_\_\_. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956d. 312p. (Obras completas, 14).

\_\_\_\_\_. *Feiras e mafuás*. São Paulo: Brasiliense, 1956e. 314p. (Obras completas, 10).

\_\_\_\_\_. *Histórias e sonhos*. São Paulo: Brasiliense, 1956f. 308p. (Obras completas, 4).

## 7 BIBLIOGRAFIA

## CORPUS

- Impressões de leitura. São Paulo: Brasiliense, 1956a. 312p. (Obras completas, 13).
- . Marginalia. São Paulo: Brasiliense, 1956a. 326p. (Obras completas, 12).
- . Os bruzundangas. São Paulo: Brasiliense, 1956i.
- LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. Recordações do  
escrivão Isaías Caminha. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1961. 315p. (Obras completas, 1).
- . Vida urbana. São Paulo: Brasiliense, 1956j. 306p. (Obras completas, 11).

## OBRAS DE LIMA BARRETO

## OBRAS SOBRE LIMA BARRETO

- LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. Bagatelas. São Paulo: Brasiliense, 1956a. 324p. (Obras completas, 9).
- BARBOSA, Francisco de Assis. Lima Barreto: romance. Rio de Janeiro: Agir, 1960. 93p.
- . Coisas do reino do jambom. São Paulo: Brasiliense, 1956b. 320p. (Obras completas, 8).
- . Prefácio. In: LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. Recordações do escrivão Isaías Caminha. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1961. 315p. (Obras completas, 1).
- . Correspondência: ativa e passiva. São Paulo: Brasiliense, 1956c. 2v. (Obras completas, 16-17).
- . A vida de Lima Barreto. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960. 327p.
- . Diário íntimo. São Paulo: Brasiliense, 1956d. 312p. (Obras completas, 14).
- BEIGUELMAN, Paula. Por que Lima Barreto. São Paulo: Brasiliense, 1956e. 314p. (Obras completas, 10).
- BOLETIM BIBLIOGRÁFICO BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE. São Paulo: Biblioteca Mário de Andrade, 1956f. Número especial: Lima Barreto. 308p. (Obras completas, 4).



\_\_\_\_\_. *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956g. 312p. (Obras completas, 13). 1992. 582p.

\_\_\_\_\_. *Marginália*. São Paulo: Brasiliense, 1956h. 326p. (Obras completas, 12).

\_\_\_\_\_. *Os bruzundangas*. São Paulo: Brasiliense, 1956i. 308p. (Obras completas, 7).

\_\_\_\_\_. *Vida urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956j. 306p. (Obras completas, 11).

CURY, Maria Zilda Ferreira. *Um mulato no reino de*  
**OBRAS SOBRE LIMA BARRETO**  
 \_\_\_\_\_. *Aspectos sociais na obra de Lima Barreto*. São Paulo: Cortez, 1981. 198p.

FANTINATI, Carlos E. *O profeta e o escrivão: estudo*  
 BARBOSA, Francisco de Assis. *Lima Barreto: romance*.  
 Rio de Janeiro: Agir, 1960. 93p.

FERREIRA FILHO, João Antônio. *Calvário e porres do*  
 \_\_\_\_\_. Prefácio. In: LIMA BARRETO, Afonso Henriques  
 de. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. 2.ed.  
 São Paulo: Brasiliense, 1961. p.9-27.

FIGUEIREDO, Carmen L. Negreiros de. *O fim do sonho*  
 \_\_\_\_\_. *A vida de Lima Barreto*. 3.ed. Rio de Janeiro:  
 Civilização Brasileira, 1964. 387p. (Mestrado em  
 Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal  
 do Rio de Janeiro.

BEIGUELMAN, Paula. *Por que Lima Barreto*. São Paulo:  
 Brasiliense, 1981. 106p.

FIGUEIREDO, Jackson. Prefácio. In: LIMA BARRETO,  
 Afonso Henriques de. *Feiras e mafuás*. São Paulo:

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE.  
 São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo,  
 v.42, n.3, jul./set. 1981. Número especial: Lima

GO... *Lima Barreto*. In: \_\_\_\_\_. *Aspectos do ro-  
 manço brasileiro*. Salvador: Progresso, 1958.p.155-  
 73).

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1992. 582p. Afrânio (Dir.). *A literatura no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1969.v.3, p.203-17.
- BRAYNER, Sônia M. Lima Barreto: mostrar ou significar. In: \_\_\_\_\_. *Labirinto do espaço romanesco*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p.145-76. rev. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947. 287p.
- CARVALHO, Fernando . *Lima Barreto*. s.n.t. 172p. \_\_\_\_\_. *Lima Barreto*. In: \_\_\_\_\_. *Gente nova do Brasil*. 2.ed. rev. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948. p.263-6.
- COUTINHO, Carlos N. O significado de Lima Barreto na literatura brasileira. In: \_\_\_\_\_. et al. *Realismo e anti-realismo na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. p.1-56. \_\_\_\_\_. *Brasiliense*, 1956. p.9-17.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. *Um mulato no reino de jambom: as classes sociais na obra de Lima Barreto*. São Paulo: Cortez, 1981. 198p. \_\_\_\_\_. *Brasiliense*, 1961. p.9-19.
- FANTINATI, Carlos E. *O profeta e o escrivão: estudo sobre Lima Barreto*. São Paulo: Hucitec, 1978. 185p. \_\_\_\_\_. *Vida urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.9-35.
- FERREIRA FILHO, João Antônio. *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. 90p. \_\_\_\_\_. *Criça avulsa*. Salvador: Progresso, 1960. p.272-89.
- FIGUEIREDO, Carmen L. Negreiros de. *O fim do sonho republicano: o lugar da ironia em Lima Barreto*. Rio de Janeiro, 1990. 182p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.9-14.
- FIGUEIREDO, Jackson. Prefácio. In: LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Feiras e mafuás*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.9-14. \_\_\_\_\_. *Não silenciou sobre seu tempo*. In: \_\_\_\_\_. *Do ideal e da glória*. São Paulo: Summus, 1977. p.171-5.
- GOMES, Eugênio. Lima Barreto. In: \_\_\_\_\_. *Aspectos do romance brasileiro*. Salvador: Progresso, 1958. p.155-73).



LOUZADA FILHO, O.C. A mão e a enxada. In: \_\_\_\_\_. Crítica. Lima Barreto-Coelho Neto. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A literatura no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1969.v.3, p.203-17.

\_\_\_\_\_. Um preconceito que a literatura não conseguiu disfarçar. In: *Crítica e tempo*. São Paulo: Mucitec, GRIECO, Agripino. *Evolução da prosa brasileira*. 2.ed. rev. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947. 287p.

MARTINS, Luis. Lima Barreto e o feminismo. In: \_\_\_\_\_. Lima Barreto. In: \_\_\_\_\_. *Gente nova do Brasil*. 2.ed. rev. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948. p.263-6.

\_\_\_\_\_. Lima Barreto. In: LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Marginália*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.9-17.

HOLANDA, S. Buarque de. Prefácio. In: LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Clara dos Anjos*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1961. p.9-19.

HOUAISS, Antônio. Prefácio. In: LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Vida urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.9-35.

MONTA. Sobre Lima Barreto e seu biógrafo. In: \_\_\_\_\_. *Crítica avulsa*. Salvador: Progresso, 1960. p.272-89.

LIMA, Alceu Amoroso. Prefácio. In: LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Vida e morte de M.J.Gonzaga de Sá*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1961. p.9-13.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976. 154p.

\_\_\_\_\_. Não silenciou sobre seu tempo. In: \_\_\_\_\_. *Do ideal e da glória*. São Paulo: Summus, 1977. p.171-5.

LOUZADA FILHO, O.C. A mão e a enxada. In: \_\_\_\_\_. *Crítica e tempo*. São Paulo: Hucitec, 1980a. p.105-20.

\_\_\_\_\_. Um preconceito que a literatura não conseguiu disfarçar. In: *Crítica e tempo*. São Paulo: Hucitec, 1980b. p.47-51.

MARTINS, Luis. Lima Barreto e o feminismo. In: \_\_\_\_\_. *Homens e livros*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1962a. p.27-30.

\_\_\_\_\_. O suburbano Lima Barreto. In: \_\_\_\_\_. *Homens e livros*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1962b. p.23-6.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da literatura brasileira: prosa de ficção (de 1870-1920)*. 2.ed.rev. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

MOISÉS, Massaud. Lima Barreto. In: \_\_\_\_\_. *História da literatura brasileira: simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 1985. v.4, p.192-203.

MONTENEGRO, Olívio. Prefácio. In: LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Coisas do reino de jambom*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.9-19.

MORAIS, Régis de. *Lima Barreto: o elogio da subversão*. São Paulo: Brasiliense, 1983. 106p.

PEREIRA, Astrojildo. Prefácio. In: LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Bagatelas*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.9-29.

PIMENTEL, Osmar. Notícia de Lima Barreto. In: \_\_\_\_\_. *Apontamentos de leitura*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1960. p.121-8.





PRADO, Antônio A. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 97p. *Os fundamentos econômicos*. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. p.489-521.

PROENÇA, M.Cavalcanti. Impressões de leitura. In: \_\_\_\_\_. *Estudos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. p.278-310.

VICTOR, Nestor. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. QUADROS, B. Primeiro contato com Lima Barreto. In: LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Correspondência: ativa e passiva*. São Paulo: Brasiliense, 1956. v.2, p.9-14.

RABASSA, Gregory. Lima Barreto. In: \_\_\_\_\_. *O negro na ficção brasileira*. Trad. Ana M. Martins. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965. p. 363-401. Original inglês.

RIBEIRO, João. Lima Barreto. In: \_\_\_\_\_. *Crítica: autores de ficção*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1959. v.3, p.89-103.

SANTOS, Antônio Noronha. Prefácio. In: LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Correspondência: ativa e passiva*. São Paulo: Brasiliense, 1956. v.1, p.9-15.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 258p. Trad. Leda P. M. Irizun. Petrópolis: Vozes, 1975. p.147-225. Tradução de: *Recherches rhétoriques*.

SILVA, Hércio P. da. *Lima Barreto: escritor maldito*. 2.ed.rev. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 182p.

SÍLVIO, Castro. Vanguarda e tradição em Lima Barreto. In: \_\_\_\_\_. *A revolução da palavra: origens e estrutura da literatura brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1976. p.74-80. Tradução de: *L'univers du roman*.

SODRÉ, N. Wernek. Interpretações do Brasil. In: ONEY, História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. p.489-521.

BUENO, Silveira. A arte de falar em público. 8.ed. São Paulo: Saraiva, 1964. 214p.

VICTOR, Nestor. Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. In:     . Cartas à gente nova. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1924. p.146-58.

CARVALHO, Alfredo L. C. de. Foco narrativo e fluxo de consciência: questões de teoria literária. São Paulo: Pioneira, 1981. 63p.

#### OBRAS DE REFERÊNCIA

ALISON. Linguagem e persuasão. 4.ed. São Paulo: Ática, 1989. 77p.

COHEN, J. Teoria das figuras. In:      et al. Pesquisas

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. Trad. Alfredo Bosi et al. São Paulo: Mestre Jou, 1982. 981p. Tradução de: Dizionario di filosofia.

ARISTÓTELES. Arte retórica e arte poética. Trad. Antônio P. de Carvalho. São Paulo: Difel, 1959. 335p. Tradução de: Art rhétorique et art poétique.

BARTHES, Roland. A retórica antiga. In: COHEN, J. et al. Pesquisas de retórica. Trad. de Leda P. M. Iruzun. Petrópolis: Vozes, 1975. p.147-225. Tradução de: Recherches rhétoriques.

BOOTH, Wayne C. La retórica de la ficción. Trad. Santiago G. Garriga-Nogués. Barcelona: Bosch, 1974. 423p. Tradução de: The rhetoric of fiction.

BOURNEUF, R., OULLET, R. O universo do romance. Trad. José C. Seabra. Coimbra: Almedina, 1976. 336p. Tradução de: L'univers du roman.

DAL FARRA, Maria L. O narrador ensimesmado: o foco narrativo em Virgílio Ferreira. São Paulo: Ática, 1978. 167p.



BREMOND, Claude. O papel do influenciador. In: COHEN, J. et al. *Pesquisas de retórica*. Trad. Leda P.M. Iruzun. Petrópolis: Vozes, 1975. p.41-54. Tradução de: *Recherches rhétoriques*. 1974. 277p. Tradução de: *Rhétorique générale*.

BUENO, Silveira. A arte de falar em público. 8.ed. São Paulo: Saraiva, 1964. 214p. Trad. Pérola de Carvalho. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. 426p. Tradução de: *La struttura assente*.

CARVALHO, Alfredo L. C. de. *Foco narrativo e fluxo de consciência: questões de teoria literária*. São Paulo: Pioneira, 1981. 63p. São Paulo: Cortez, 1987. 136p.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1989. 77p. e *ideologia*. São Paulo: Ática, 1988. 87p.

COEHN, J. Teoria das figuras. In: \_\_\_\_\_. et al. *Pesquisas de retórica*. Trad. Leda P. M. Iruzun. Petrópolis: Vozes, 1975. p.7-40. Tradução de: *Recherches rhétoriques*.

FONTANIER, P. *Les figures du discours*. Paris: COMMELIN, P. *Mitologia grega e romana*. Trad. Thomaz Lopes. Rio de Janeiro: Tecnoprint. s.d. 282p. Original francês.

GENETTE, Gérard. *Fronteiras da narrativa*. In: BARTHES, R. et al. *Análise estrutural da narrativa*. Trad. Teodoro Cabral. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957. 667p. Tradução de: *Europäische literatur und lateinisches mittelalter*. Maria M.T., AQUINO, Zélia M. T., BELLODI, Zina M. Apresentação. In: Tringali, Dante. *Introdução às retóricas*. Araraquara: Instituto de Letras, 1990. 82p.

DAGHLIAN, Carlos. *Melville e as técnicas de persuasão em Moby Dick*. São Paulo, 1972. 197p. Tese (Doutorado em Literatura Norte-Americana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. *O que é retórica*. São Paulo: Brasiliense, 1990. 82p.

DAL FARRA, Maria L. *O narrador ensimesmado: o foco narrativo em Virgílio Ferreira*. São Paulo: Ática, 1978. 167p.

KAYSER, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária*. Trad. P. Quintela. 3.ed. São Paulo:

DUBOIS, J. et al. *Retórica geral*. Trad. Carlos F. Moisés et al. São Paulo: Cultrix, 1974. 277p. Tradução de: *Rhétorique générale*.

KUENTZ, P. *O "retorno" ou o distanciamento*. In: ECO, Umberto. *A estrutura ausente*. Trad. Pérola de Carvalho. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. 426p. Tradução de: *La struttura assente*.

FAGUNDES, Valda O. *O discurso no júri: aspectos lingüísticos e retóricos*. São Paulo: Cortez, 1987. 136p. *... der literarischen rhetorik*.

FIORIN, José I. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988. 87p.

\_\_\_\_\_. *Elementos de retórica literária*. Trad. R. M. Rosado Fernandes. 2.ed. Lisboa: Fundação \_\_\_\_\_. *Elementos de análise do discurso*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 1994. 93p.

FONTANIER, P. *Les figures du discours*. Paris: Flammarion, 1971. 506p.

GENETTE, Gérard. *Fronteiras da narrativa*. In: BARTHES, R. et al. *Análise estrutural da narrativa*. Trad. Maria Z. B. Pinto. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1973. p.255-74. Original francês.

LEITE, Lígia Chiappini. *O foco narrativo*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1991. 96p.

GONÇALVES, Maria M.T., AQUINO, Zélia M. T., BELLODI, Zina M. Apresentação. In: Tringali, Dante. *Introdução às retóricas*. Araraquara: Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação-Unesp, 1984. 203p.

HALLIDAY, Tereza L. *O que é retórica*. São Paulo: Brasiliense, 1990. 82p. *... perspectiva*, 1995. 134p. Tradução de: *Irony and the ironic*.



KAYSER, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária*. Trad. P. Quintela. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1976. 505p. Tradução de: *Das sprachliche kunstwerk*.

KUENTZ, P. O "retorno" ou o distanciamento. In: COEHN, J. et al. *Pesquisas de retórica*. Trad. Leda P. M. Iruzun. Petrópolis: Vozes, 1975. p.109-28. Tradução de: *Recherches rhétoriques*.

LAUSBERG, H. *Manual de retórica literária*. Trad. J.P. Riesco. Madrid: Gredos, 1966. 3v. Tradução de: *Handbuch der literarischen rhetorik*. Trad. Cláudia M. Xatara e Wanda A. L. de Oliveira. Glória, São José do Rio Preto, v.16, p.1-45, 1995.

\_\_\_\_\_. *Elementos de retórica literária*. Trad. R. M. Rosado Fernandes. 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972. Tradução de: *Elemente der literarischen rhetorik*.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1974. 520p. Original latim.

\_\_\_\_\_. A perspectiva retórica. In: \_\_\_\_\_. *Literatura: mundo e forma*. São Paulo: Cultrix, 1982. p.119-35. 1993. 127p.

LEITE, Ligia Chiappini. *O foco narrativo*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1991. 96p. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988. 327p.

MENDILLOW, A.A. *O tempo e o romance*. Trad. F. Wolf. Porto Alegre: Globo, 1972. 272p. Tradução de: *Time and novel. métaphore vive*. Paris: Seuil, 1975. p. 13-61.

MUECKE, D.C. *Ironia e o irônico*. Trad. Geraldo G. de Sousa. São Paulo: Perspectiva, 1995. 134p. Tradução de: *Irony and the ironic. L'art oratoire*.

PAIVA, M.H. de Novais. *Contribuições para uma estilística da ironia*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1961. 562p.

PERELMAN, C., OLBRECHTS-TYTECA, L. *Traité de l'argumentation*. 5.ed. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles, 1992. 734p.

TODOROV, T. *Linguagem e literatura*. In: ...  
POLITO, Reinaldo. *Como falar: corretamente e sem inibições*. 26.ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 208p.  
ginal francês.

PRINCE, G. *Introdução ao estudo do narratário*. Trad. Cláudia M. Xatara e Wanda A. L. de Oliveira. Glotta, São José do Rio Preto, v.16, p.1-45, 1995.  
Cultrix, 1971. p.27-39. Original francês.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. Trad. Aurora F. Bernardini e Homero F. de Andrade. São Paulo: Ática, 1992. 215p. Tradução de: Problemi komiska i smieha. Z. B. Pinto. 3.ed. Petrópolis, 1973. p.209-34. Original francês.

QUINTILIANO, M. F. *Instituições oratórias*. Trad. Soares Barbosa. São Paulo: Cultura, 1944. 2v. Original latim.  
... formalistas russos. Trad. Ana M. R. Filipouski et al. Porto Alegre: Globo, 1973. p.162-204. Tradução de: Théorie de la litté-

REBOUL, O. *La rhétorique*. 4.ed. corr. Paris: PUF, 1993. 127p.

TRINGALI, Dante. *Introdução à retórica: a retórica*  
REIS, C., LOPES, Ana C. M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988. 327p.

RICOEUR, P. *Entre rhétorique et poétique: Aristote*. In: ... *La métaphore vive*. Paris: Seuil, 1975. p. 13-61.

SENGER, J. *A arte oratória*. Trad. Carlos Ortiz. São Paulo: Difel, 1955. 132p. Tradução de: L'art oratoire.





SILVA, V. M. de Aguiar e. *Teoria da literatura*. 8.ed. Coimbra: Almedina, 1991. 817p.

TAVARES, Hênio. *Teoria da literatura*. 8.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984. 526p.

TODOROV, T. Linguagem e literatura. In: \_\_\_\_\_. *As estruturas narrativas*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1970. p.53-63. Original francês.

\_\_\_\_\_. Os registros da fala. In: \_\_\_\_\_. *Estruturalismo e poética*. Trad. J. P. Paes. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1971. p.27-39. Original francês.

\_\_\_\_\_. As categorias da narrativa literária. In: Barthes, R. et al. *Análise estrutural da narrativa*. Trad. Maria Z. B. Pinto. 3.ed. Petrópolis, 1973. p.209-54. Original francês.

TOMACHEVSKI, B. Temática. In: EIKHENBAUM et al. *Teoria da literatura: formalistas russos*. Trad. Ana M. R. Filipouski et al. Porto Alegre: Globo, 1973. p.162-204. Tradução de: *Théorie de la littérature*.

TRINGALI, Dante. *Introdução à retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades, 1988. 247p.

VARGA, A. Kibedi. *Rhétorique e littérature*. Paris: Didier, 1970. 235p.



